

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU INTERDISCIPLINAR  
MESTRADO EM SUSTENTABILIDADE

NATÁLIA ANSELONI NISTA

**Direito dos animais nas animações infantis:**  
Um estudo sobre a informação transmitida para a sociedade

CAMPINAS  
2019

NATÁLIA ANSELONI NISTA

**Direito dos animais nas animações infantis:**

Um estudo sobre a informação transmitida para a sociedade

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Interdisciplinar - Mestrado em Sustentabilidade, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sustentabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Celeste Aída Sirotheau Corrêa Jannuzzi.

CAMPINAS  
2019

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

t179.3 Nista, Natália Anseloni.  
N727d Direito dos animais nas animações infantis: um estudo sobre a informação transmitida para a sociedade/ Natália Anseloni Nista.-  
Campinas: PUC-Campinas, 2019.  
100f.

Orientadora: Celeste Aída Sirotheau Corrêa Jannuzzi.  
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas,  
Centro de Economia e Administração, Programa de Pós-Graduação em  
Sustentabilidade.

Incluem anexos e bibliografia.

1. Direitos dos animais. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Conscientização. 4. Animação (Cinematografia). I. Jannuzzi, Celeste Aída Sirotheau Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Economia e Administração. Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade. III. Título.

CDU – t179.3

**NATÁLIA ANSELONI NISTA**

**DIREITO DOS ANIMAIS NAS ANIMAÇÕES INFANTIS: UM ESTUDO SOBRE A  
INFORMAÇÃO TRANSMITIDA PARA A SOCIEDADE**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Sustentabilidade da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

**APROVADA: 07 de fevereiro de 2019.**



---

**Profa. Dra. Celeste Aida Jannuzzi**  
(Orientadora - PUC-CAMPINAS)



---

**Prof. Dr. Orandi Mina Falsarella**  
(PUC-CAMPINAS)



---

**Prof. Dr. Roberto Donato da Silva**  
(UNICAMP)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à Deus.

Ao meu marido, meus pais, irmãos e meus avós, os maiores amores da minha vida a quem dedico todas as minhas vitórias.

À minha grande família e aos meus grandes amigos que sempre me apoiaram e incentivaram em todos sonhos e lutas.

Ao Guel e a todas às crianças que farão deste mundo um lugar melhor para todos os seres vivos.

Aos meus amores de quatro patas Mel, Sushi, Mel Melody e Hila que me ensinaram sobre o amor incondicional.

À todos os animais e à todos os que lutam pelos direitos destes, protegendo-os e amando-os genuinamente.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus pela oportunidade em poder realizar o sonho de fazer um mestrado e poder pesquisar sobre um tema que mora no meu coração, os direitos dos animais.

Agradeço ao meu marido e melhor amigo Andre, por sempre estar ao meu lado, me fazendo acreditar que o impossível é possível, me ajudando, apoiando e me motivando incondicionalmente. Sem você eu não conseguiria. Você é a minha inspiração!

Agradeço aos meus pais pelo amor e apoio incondicional, por serem meus maiores exemplos e plantarem em mim a sementinha do amor pelos estudos e por serem os maiores exemplos. Obrigada por acreditarem em mim e me incentivarem a nunca desistir! Devo tudo à vocês!

Agradeço aos meus irmãos Raphael, Isabella, Ana Clara, Caíque e Marina por transformarem a minha vida em uma aventura colorida e me apoiarem nessa jornada.

Agradeço à toda a minha família, principalmente meus avós e meus tios por cada palavra de incentivo, por cada oração, por cada ato de amor.

Agradeço ao Miguel, a criança que mudou a minha vida e me ensinou a ser mais sensível.

Agradeço aos meus grandes amigos, em especial à Elizabeth Rei, Letícia Pozzuto e Juliana Pedroso que me ensinaram tanto sobre os animais e seus direitos e à querida Sabrina Santana.

Agradeço à todos os serzinhos de quarto patas que transformaram e ressignificaram a minha vida com amor puro e incondicional. Eles foram o motivo pelo qual eu insisti em fazer este mestrado, me dedicar a esta pesquisa e lutar pela causa animal.

Agradeço aos professores Prof. Dr. Orandi Mina Falsarella, Prof. Dr. Samuel Carvalho De Benedicto, Prof. Me. Luis Henrique dos Santos e Profa. Dra. Bruna Angela Branchi por contribuírem com esta pesquisa e com a minha jornada acadêmica.

Agradeço a minha querida orientadora Profa. Dra. Celeste Aída Sirotheau Corrêa Jannuzzi que me ajudou a transformar o meu sonho em me tornar pesquisadora em realidade.

Por fim, agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante.

(Albert Schweitzer, Nobel da Paz de 1952)

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo verificar a abordagem dada aos direitos dos animais nas animações infantis, a fim de caracterizar a existência de contribuições na formação de um cidadão consciente de seu papel no respeito aos animais em um contexto de desenvolvimento sustentável. O estudo disserta sobre o conceito de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável e a discussão à respeito do tema na sociedade, relacionando-o com o direito dos animais, dando ênfase às iniciativas que ocorrem nesta direção. Discorre-se sobre informação como a base do conhecimento e conscientização na sociedade, observando características fundamentais para uma comunicação. Na pesquisa, propriamente dita, procura-se caracterizar a informação transmitida pelas animações cinematográficas destinadas ao público infantil, enquanto recurso para a compreensão dos direitos animais, ou seja, como um meio de gerar conhecimento para a formar cidadãos conscientes, orientados pelo conceito da sustentabilidade. Trata-se de um estudo empírico, de caráter qualitativo e quantitativo, cujo objetivo exploratório se dá a partir de uma pesquisa documental das animações infantis e cuja análise e interpretação dos dados são orientadas pelo método de análise de conteúdo. Como resultado, conclui-se que as animações, ao tratarem da relação entre os homens e os animais, adotam conceitos básicos do especismo e antropocentrismo, evidenciando situações próximas ao conhecimento prévio do público que deseja alcançar, contribuindo para a conscientização dos direitos animais.

**Palavras-chaves:** Direitos dos animais; sustentabilidade; conhecimento; sociedade; conscientização.

## **ABSTRACT**

This research aims at verifying how the animal rights are approached in child's animations, in order to characterize its contributions to the formation of citizens that are conscious regarding their role in respecting the animals in a sustainable development context. This study lectures about the sustainability and sustainable development concepts and the discussion about the theme in society. The aim is to relate this discussion to animal rights, emphasizing the initiatives that occur in this direction. Information is discussed as the basis of knowledge and awareness in society. It seeks to characterize the information transmitted through cinematographic animations aimed at children as a tool to raise awareness of animal rights, that is, as a means of educating to form citizens of value, guided by the concept of sustainability. This is an empirical study of a qualitative nature, whose exploratory objective is based on a documental research of the children's animations and whose analysis and interpretation of the data are guided by the method of content analysis. As a result, it is concluded that animations, when dealing with the relationship between men and animals, adopt basic concepts of speciesism and anthropocentrism, showing situations close to the prior knowledge of the public that they want to reach, contributing to the awareness of animal rights.

**Key-words:** Animal rights; sustainability; knowledge; society; awareness.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Problematização do Enredo.....	77
Tabela 2 - De que maneira as cenas que evidenciam problematização do enredo foram expostas?.....	79
Tabela 3 - Em que espaço acontece o filme?.....	80
Tabela 4 - Quem são os protagonistas?.....	81
Tabela 5 - A qual fauna os personagens animais pertencem?.....	82
Tabela 6 - Percepção sobre os direitos dos animais.....	83
Tabela 7 - Sentimentos que prevalecem entre os personagens humanos e os animais.....	85
Tabela 8 - Sentimentos que prevalecem entre os personagens animais e os humanos.....	86
Tabela 9 - Características psicológicas/emocionais dos protagonistas animais.....	88

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Eventos e documentos sobre os Direitos dos Animais no Desenvolvimento Sustentável.....	23
Quadro 2 - Linhas Teóricas dos Direitos dos Animais.....	28

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Objetivos.....	11
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Estrutura dos capítulos .....	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Um breve estudo sobre o entendimento da sustentabilidade.....	14
2.2 Sustentabilidade para os homens e os animais.....	20
2.3 As linhas filosóficas na discussão sobre os direitos dos animais.....	27
2.4 Informação, Conhecimento e Público Infantil .....	36
2.5 A relação entre os homens e os animais no cinema .....	45
3 MÉTODO.....	48
3.1 Delineamento da pesquisa.....	48
3.2 Universo da pesquisa .....	48
3.3 Coleta de dados.....	50
3.4 Análise dos dados.....	51
4 LEVANTAMENTO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	53
4.1 Sobre o enredo.....	53
4.2 Leitura das cenas .....	76
5 CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXO.....	98

## 1 INTRODUÇÃO

Sustentabilidade é um conceito difundido ao redor do mundo, uma vez que trata a respeito de um tema de interesse de todos: a saúde do planeta. Almejar um mundo mais sustentável é buscar o equilíbrio entre a natureza e os seres humanos. Durante o desenvolvimento da humanidade, o homem transformou o ecossistema natural em ecossistema urbano e isso gerou inúmeras mudanças. Como fatores positivos, pode-se citar o fato de que, através da urbanização o homem passou a ter acesso à uma infraestrutura de moradia, educação, saúde etc. e a possibilidade da construção da identidade social (coletiva e individual) de direitos e deveres. Entretanto, observa-se também fatores negativos: se por um lado a urbanização beneficiou o homem, por outro, fez com que ele se afastasse da natureza.

Ao se mencionar a natureza, torna-se relevante compreendê-la em um sentido amplo, incluindo a flora e também a fauna, ou em uma dimensão ainda maior, a do próprio planeta Terra. É nesse contexto que o conceito de sustentabilidade ganha notoriedade ao trazer a preocupação de proteger e garantir a qualidade de vida a todos os seres vivos que também têm direito a vida, a liberdade e ao ecossistema, como os animais.

A exploração animal é um tema muito presente quando se discorre sobre sustentabilidade, devido as práticas consideradas abusivas contra os animais, tais como: caças e pescas ilegais; animais utilizados para entretenimento e trabalho (exposição, parques de diversões, touradas, circo e entre outros); tráfico e comercialização ilegal; animais utilizados na indústria (em experimentações como na indústria farmacêutica, cosmética, academia, alimentícia); biocídio; abandono e eutanásia para controle de natalidade; privação de liberdade; poluição e destruição do ambiente; violência e crueldade; maus-tratos físicos e psicológicos e muitas outras práticas.

No âmbito dessa discussão, é possível identificar diferentes linhas filosóficas, algumas com conteúdos convergentes e outras divergentes. Mas qualquer que seja o sentido, todas trazem como tema central a relação entre os homens e os animais e o seus direitos. É sob este prisma, que os direitos dos animais nascem como uma possibilidade em estabelecer a ética no relacionamento entre os homens e os animais, como parte do conceito da sustentabilidade.

Os direitos dos animais têm sido debatidos com muita frequência pelos atores sociais. No Brasil, por exemplo, há veículos midiáticos, como Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA), especializados em divulgação de informações sobre o tema. Além disso, há

programas televisivos, jornais, materiais didáticos e também em livros literários (infantis e adultos) de diversas naturezas, que abordam sobre os direitos animais. Ou seja, os direitos dos animais estão sendo divulgados em diversas mídias e de diversas maneiras, propiciando informações que possam contribuir para a consciência da sustentabilidade na sociedade.

O ato de informar é a essência do processo de comunicação, que pode acontecer através de meios distintos, mas o objetivo sempre será o mesmo: trocar informação entre o emissor e o receptor. A informação pode causar mudanças na vida do receptor, na medida em que esta quando recebida transforma-se em novos conhecimentos. A divulgação dos direitos animais nas diferentes mídias faz com que as informações passem a ser de domínio público, tornando acessível a possibilidade de ser transformada em conhecimento.

Na esfera cultural pode-se entender que os filmes, mais precisamente as animações infantis longa-metragem, configuram-se como ferramentas de comunicação, pois divulgam informações (mensagens), ao seu público, contribuindo para que este adquira novos conhecimentos. Observa-se, neste universo, o ato de comunicar, de informar que pode se traduzir em educar, transformar. Neste caso, a transformação se dá pela conscientização dos direitos animais pelo público infantil.

No contexto em que a comunicação é peça importante para a conscientização dos direitos dos animais, e logo para a educação, torna-se imprescindível que se faça uma leitura crítica sobre conteúdos que são transmitidos por meio de filmes, livros, jogos, brinquedos e brincadeiras às crianças que serão os cidadãos do futuro (qual é estruturado no presente), cuja visão será determinante para a construção de uma sociedade mais ética para todos os habitantes do planeta, inclusive os animais. Então, faz-se a seguinte pergunta: O conteúdo das animações infantis de longa-metragem favorece a conscientização dos direitos animais pelo seu público alvo?

## **1.1 Objetivos**

### **OBJETIVO GERAL**

Assim, a partir dessa questão, é que se propõe a presente pesquisa, cujo objetivo geral é verificar a abordagem dada aos direitos dos animais nas animações infantis, a fim de caracterizar a existência de contribuições na formação de um cidadão consciente de seu papel no respeito aos animais em um contexto de desenvolvimento sustentável.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar como os animais se inserem na discussão sobre a sustentabilidade;
- Assinalar as características que indiquem os direitos animais na sociedade;
- Analisar a relação da mensagem da animação infantil com aspectos determinantes da informação na geração de conhecimento sobre a sustentabilidade e os direitos dos animais.

### 1.2 Justificativa

A pesquisa proposta se apresenta relevante para o tema sustentabilidade na medida em que ela insere na discussão o tratamento dispensado aos animais, uma vez que, o futuro do planeta Terra não diz somente respeito aos habitantes humanos, mas, a todos os seres vivos que fazem morada neste território.

Para a sociedade, a contribuição desta pesquisa está em informar e despertar os indivíduos para a necessidade de formar cidadãos conscientes do seu papel em um desenvolvimento sustentável e os deveres sobre a proteção animal. A fauna, assim como a flora, é de inteira responsabilidade do homem e cada indivíduo tem o compromisso de prezar pela qualidade de vida de todos os seres vivos que coabitam no planeta.

Em relação ao programa do Mestrado em Sustentabilidade, pelo seu caráter interdisciplinar, esta pesquisa contribui para o tema na articulação de diversas áreas do saber, ao realizar a junção de diversos conhecimentos como: sustentabilidade, comunicação, educação ambiental, direitos dos animais, abrindo, deste modo, a formação de novos espaços de investigação.

Em nível pessoal esta pesquisa é importante para o amadurecimento e crescimento como pesquisadora e acadêmica. Partindo da premissa que todos têm o dever de cuidar do planeta Terra e de todas as espécies de seres vivos, a autora considera de extrema importância realizar esta pesquisa, pois reconhece os inúmeros problemas existentes no relacionamento entre os homens e os animais. Além disso, a autora reconhece que o futuro do planeta está nas mãos das crianças. Logo, como comunicadora e pesquisadora ela acredita na importância de realizar esta pesquisa com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos animais e promover a comunicação, educação e conscientização na criação de um relacionamento mais sustentável entre o homem a fauna.

### 1.3 Estruturação dos Capítulos

A estruturação dos capítulos desta dissertação, esta organizada da seguinte maneira: Introdução (Fundamentação do Problema; Objetivos; Justificativa; Estrutura dos Capítulos); Revisão de Literatura; Método; Levantamento dos dados e leituras quantitativa e qualitativa; Considerações finais.

Em relação aos tópicos referentes a Revisão de Literatura, esta pesquisa os abordará da seguinte maneira:

- **Um breve estudo sobre o entendimento da sustentabilidade:** faz um relato histórico sobre a sustentabilidade, aborda os conceitos e entendimentos apresentados por estudiosos do assunto;
- **Sustentabilidade para os homens e os animais:** disserta a respeito de como os animais se inserem na discussão sobre a sustentabilidade, ou seja, questiona para quem é esta sustentabilidade, se apenas para os homens, ou para todos os seres vivos que fazem morada no planeta. Pontua os eventos e documentos gerados da sustentabilidade;
- **As linhas filosóficas na discussão sobre o direito dos animais:** este tópico traz o contexto que propicia os direitos dos animais a se tornar um tema de discussão na sociedade. Além disso, aborda os principais olhares desta discussão, ou seja, as linhas filosóficas, com base nas disciplinas da antropologia, sociologia, filosofia. Neste tópico também há a caracterização de cada uma destas linhas e introduz sobre o despertar da consciência sobre os animais na sociedade;
- **Informação, Conscientização e Público Infantil:** este tópico trata a respeito da conscientização, cultura, informação, conhecimento e a questão do público infantil. Ou seja, aborda como gera-se conhecimento para conscientizar as pessoas, neste caso, principalmente as crianças, sobre os direitos dos animais e provocar mudanças culturais a longo prazo na sociedade;
- **A relação entre os homens e os animais no cinema:** este capítulo aborda a antropomorfização dos personagens animais nas animações infantis e o papel do cinema em relação a informação do relacionamento entre os homens e os animais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

*“Eu sou a favor dos direitos dos animais bem como dos direitos humanos. Essa é uma proposta de um ser humano integral.”*  
(ABRAHAM LINCOLN)

### 2.1 Um breve estudo sobre o entendimento da sustentabilidade

O início da linha do tempo da sustentabilidade começa no século XVI, na época da Idade Moderna. Neste período a madeira era a principal matéria-prima utilizada para compor as casas e os móveis, além de ser utilizada como combustível para cozinhar, aquecer as residências e servir de instrumento para fundir metais e construir barcos. A prática de extração da madeira aconteceu de maneira tão intensa que, como consequência, houve uma escassez nas florestas. Assim, no ano de 1560, na Província da Saxônia, localizada na Alemanha, surgiu a preocupação pelo uso consciente das florestas e a necessidade de prevenção, regeneração e conservação. A isto foi dado o nome de sustentabilidade (em alemão *Nachhaltigkeit*) (BOFF, 2012).

Entretanto, foi apenas em 1713 que o termo sustentabilidade passou a ser aplicado como um conceito estratégico pelos saxões, pois, durante o século XVIII, o carvão mineral (extraído da madeira) era muito utilizado para o abastecimento de fornos de mineração, por este motivo, a exploração para a extração desta matéria prima só aumentou. Para amenizar os problemas da exploração das florestas que serviam de combustível para o progresso, o capitão-mor de minas do Eleitorado da Saxônia, Carlowitz, escreveu, em latim, um livro intitulado *Silvicultura oeconomica*, sobre como utilizar de maneira sustentável a madeira. Assim, para realizar uma gestão consciente das florestas, criou-se a silvicultura, que, após a iniciativa de Carlowitz, incentivou os poderes locais a se preocuparem com replantio das árvores nas regiões exploradas e tornou-se o início da presença do conceito de sustentabilidade na vida do homem. Em 1970, com a criação do Clube de Roma e o relatório “Os limites do crescimento”, o conceito parou de ser empregado apenas na área da Silvicultura, e passou a ser discutido nos meios científicos, empresas e sociedade (BOFF, 2012). Foi durante o séc. XVI que criou-se também os termos “administração sustentável” e “produção sustentável” (BOFF, 2014).

Assim, a sustentabilidade surgiu em um contexto em que havia a necessidade de interferir no relacionamento entre o homem e a natureza, já que a maneira insustentável que o homem utilizava o ecossistema desde o séc. XVI, é baseada na visão que o mesmo possui a respeito da Terra: há muito tempo ele acredita que o planeta Terra é um baú de recursos, um objeto para ser explorado pelos seres humanos, uma vez que os demais seres são considerados como inertes, sem espírito e indignos de respeito. Baseado neste pensamento, o homem passou a intervir no planeta com o intuito de domesticá-lo ao seu próprio benefício, custe o que custar (explorando, dominando, agredindo). Assim, se estabeleceu o antropocentrismo, uma filosofia que considera o homem o centro de tudo e acredita que apenas ele tem valor, e que a natureza somente tem valor se estiver subordinada a ele. A situação se agravou quando o homem passou a acreditar que, além de não fazer parte da natureza, está acima dela. Todavia, enquanto a natureza pode continuar sem os seres humanos, os seres humanos não podem viver sem ela. É baseado no pensamento antropocêntrico que se formou o paradigma em que os seres humanos tratam a Terra, principalmente seus animais, com indiferença e sem nenhuma compaixão (BOFF, 2012).

Mais de quatrocentos anos após o surgimento do conceito de sustentabilidade, há ainda dificuldade para a significação única do mesmo. A pluralidade na definição de sustentabilidade existe, uma vez que este é um conceito interdisciplinar, ou seja, segundo Pombo (2006) o cruzamento entre várias disciplinas científicas. Portanto, sustentabilidade é o resultado da articulação de diversos ramos do saber e por isso, deve ser estudada à luz de diversas disciplinas.

Um dos grandes obstáculos da sustentabilidade é o paradigma cartesiano, baseado em uma visão mecanicista e reducionista, o qual divide o universo em compartimentos. Entretanto, a partir da Revolução Científica e Industrial, o homem percebeu que a natureza não pode ser compreendida pelas ferramentas tradicionais de análise, pois ela é sistêmica, complexa, não linear e não funciona como soma das partes, mas sim, como o produto da interrelação das partes. Por isso, para ela ser entendida é necessário um novo paradigma que substitua o paradigma cartesiano. O novo paradigma chamado sustentável é caracterizado da seguinte maneira: orgânico, holístico, participativo; com fatos e valores fortemente relacionados; ética integrada ao cotidiano; interação entre o objetivo e o subjetivo; seres humanos inseparáveis dos ecossistemas, em uma relação de sinergia; conhecimento

indivisível, empírico e intuitivo; relação não-linear de causa e efeito; natureza entendida como um conjunto de sistemas interrelacionados, o todo maior que as partes; bem-estar avaliado pela qualidade das interações entre os sistemas ambientais e sociais; síntese, descentralização do poder, transdisciplinaridade; ênfase na cooperação; limite tecnológico definido pela sustentabilidade. Ou seja, o paradigma sustentável propõe uma maneira de compreender o mundo através do diálogo entre saberes e conhecimentos diversificados (ALMEIDA, 2002).

Ao tratar da temática sobre a mudança de paradigma, Capra (2006), classifica o relacionamento do homem com a natureza de duas maneiras. A primeira delas é chamada de ecologia rasa, a qual é centralizada nos seres humanos, ou seja, antropocêntrica. Já a segunda classificação é referente a mudança de paradigma, e denomina-se ecologia profunda. Na ecologia profunda os seres humanos e a natureza são vistos como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. Assim, ela atribui valor a todos os seres vivos e os homens passam a ser apenas um fio em meio a esta teia. Desta forma, ao invés de um relacionamento pautado no antropocentrismo (ecologia rasa: paradigma velho), o novo paradigma (ecologia profunda), pauta-se em valores ecocêntricos, em que acredita-se em uma rede de interdependência, onde todos os seres vivos são membros de uma comunidade, incitando assim, um sistema ético.

Foi, principalmente, a partir dos anos 70, que estudiosos de várias disciplinas passaram a estudar a questão da sustentabilidade. O diálogo entre saberes e os conhecimentos diversificados de cada um destes estudiosos, gerou uma grande diversidade na significação do conceito. Dentre os estudiosos podemos citar: Veiga, Sachs, Daly, Mikailova, Ruscheinsky, Boff, Almeida e muitos outros. Cada um deles aborda a sustentabilidade à luz de outras disciplinas. Por exemplo, segundo Veiga (2010), apesar da sustentabilidade ser debatida na maioria das áreas de conhecimento, estes debates possuem raízes em duas principais disciplinas: ecologia e economia. Cassini (2005) afirma que ecologia vem de duas palavras gregas: *Oikós*, que quer dizer casa e *Logos*, que significa estudo. Logo, ecologia é a ciência do *habitat*. A ecologia moderna estuda então, o ecossistema (organismos integrados), o fluxo de energia e a troca de materiais entre os componentes abiótico e o biótico. A economia, por sua vez, pode ser definida como “(...) o estudo da alocação de recursos limitados ou escassos entre fins alternativos e concorrentes” (DALY; FARLEY, 2017, p. 33). Nascimento (2012)

corroborar com a ideia de Veiga (2010) ao afirmar que o conceito de sustentabilidade possui duas principais noções: a primeira baseada na biologia através da ecologia, e a segunda baseada na economia. A base biológica refere-se à possibilidade da recuperação e reprodução dos ecossistemas causados por ações antrópicas e naturais, enquanto a base econômica, por sua vez, refere-se ao padrão de produção e consumo e suas consequências em relação aos recursos naturais.

Outra visão em relação a sustentabilidade utiliza dois eixos para delinea-la. O primeiro intitulado “sustentabilidade ecológica, ambiental e demográfica” diz a respeito ao processo de desenvolvimento e a capacidade do planeta suportar ações antrópicas. Já o segundo eixo, intitulado “sustentabilidade cultura, social e política” aborda a questão da diversidade, identidade, justiça distributiva, qualidade de vida, cidadania e a participação das pessoas no processo de desenvolvimento (GADOTTI, 2009, p. 73). Veiga (2010) apresenta uma visão mais completa ao afirmar que só é possível medir a sustentabilidade com o auxílio de uma variedade de indicadores que contemplem três dimensões: a dimensão ambiental (resiliência dos ecossistemas), o desempenho econômico e a qualidade de vida (economia da felicidade).

Para Sachs (2009) os critérios da sustentabilidade são mais amplos, segundo o autor há oito critérios, são eles: social (homogeneidade social, distribuição de renda justa, emprego com qualidade de vida decente, igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais); cultural (equilíbrio entre respeito à tradição e inovação, autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno, autoconfiança e abertura para o mundo); ecológica (preservação do capital natureza e sua produção de recursos renováveis, limitar o uso dos recursos não renováveis); ambiental (respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais); territorial (melhoria do ambiente urbano, estratégias de desenvolvimento ambiental seguras para ambientes ecologicamente frágeis, superação das disparidades inter-regionais, configurações rurais e urbana balanceadas); econômica (desenvolvimento intersetorial equilibrado, segurança alimentar, capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção e autonomia na pesquisa científica e tecnológica, presença na economia internacional); política nacional (democracia vista a partir da apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado com o intuito de implementar o projeto nacional com o auxílio de todos os empreendedores, nível razoável de coesão social); política internacional (eficácia do sistema de prevenção de guerras

da ONU e garantia a paz e cooperação internacional, pacote Norte-Sul de co-desenvolvimento baseado no princípio de igualdade, controle institucional do sistema internacional financeiro e de negócios, controle institucional efetivo da aplicação do Princípio da Preocupação na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais, prevenção das mudanças globais negativas, proteção da diversidade biológica, gestão do patrimônio global e sistema de cooperação científica e tecnológica internacional e ciência e tecnologia como propriedade da herança comum da humanidade e não mais com *status* de *commodity*) (SACHS, 2009, p. 85).

A heterogeneidade do conceito de sustentabilidade, principalmente em relação as disciplinas da economia e da biologia, pode ser ilustrada através da seguinte equação gerada por Mikailova (2004): o sistema socioeconômico está embutido no sistema global (biosfera), uma vez que a biosfera é considerada um ambiente externo com tamanho finito, pode-se concluir que ela impõe limites naturais ao desenvolvimento socioeconômico. Segundo a autora, a base dos elementos de todos os ecossistemas é o capital natural, ou seja, para conservar os ecossistemas deve-se manter intacto o estoque do capital natural. Assim, para a autora, sustentabilidade é a capacidade de se sustentar, de se manter, ou seja, se um recurso natural for explorado de maneira sustentável, ele durará para sempre, pois uma sociedade sustentável não coloca em risco os elementos do meio ambiente.

Desenhar a sustentabilidade através de uma equação, não é uma tarefa simples. Daly (2004) também acredita que ela esteja diretamente ligada às disciplinas de ecologia e economia. O autor afirma que a economia é um subsistema aberto do ecossistema terrestre, o qual se caracteriza por ser finito, materialmente fechado e não-crescente. Ou seja, quando o subsistema econômico cresce, ele acaba por incorporar uma porção do ecossistema total, e cada vez que isso acontece, maior é esta porção incorporada. Por isso, pode-se afirmar que o crescimento não é sustentável, uma vez que crescer significa aumentar de tamanho através da adição de material, por meio de assimilação ou acréscimo.

Para Daly (2004), a maneira correta de lidar com a sustentabilidade, é quando pensado em desenvolvimento, pois ele significa expandir, realizar os potenciais, trazer (gradualmente) um estado mais completo, maior ou melhor. Desta maneira, crescer é aumentar de tamanho, ficar maior, enquanto desenvolver é se tornar diferente. Por isso, afirma-se que o ecossistema terrestre desenvolve-se, entretanto, não cresce. Logo, para que o

desenvolvimento seja sustentável, ele não deve crescer, mas sim manter a economia física em estado estacionário, auxiliando as capacidades regenerativas e assimilativas do ecossistema.

Em relação ao crescimento e desenvolvimento, Jacobi (2003) traz uma visão mais completa, ao aderir à sustentabilidade o tópico social e o protagonismo do homem como interlocutor e participante social:

Assim, a idéia de sustentabilidade implica a prevalência da premissa de que é preciso definir limites às possibilidades de crescimento e delinear um conjunto de iniciativas que levem em conta a existência de interlocutores e participantes sociais relevantes e ativos por meio de práticas educativas e de um processo de diálogo informado, o que reforça um sentimento de co-responsabilidade e de constituição de valores éticos. Isto também implica que uma política de desenvolvimento para uma sociedade sustentável não pode ignorar nem as dimensões culturais, nem as relações de poder existentes e muito menos o reconhecimento das limitações ecológicas, sob pena de apenas manter um padrão predatório de desenvolvimento. (JACOBI, 2003, p. 195).

A sustentabilidade é a junção de várias áreas do saber e, por ser integradora, tem como responsabilidade motivar a ética e um contexto em que os aspectos extra-econômicos tenham compromisso com os aspectos relacionados a equidade, justiça social e ética dos seres vivos (JACOBI, 2003, p. 196):

A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes. (JACOBI, 2003, p. 191).

A reapropriação da natureza descrita por Jacobi (2003), só pode ser alcançada em um cenário no qual ocorre a mudança de paradigma. Entretanto, apesar de existirem mudanças em relação a migração do paradigma cartesiano para o holístico (paradigma sustentável), atualmente, a natureza ainda é compreendida, principalmente, à luz de uma visão antropocêntrica. Isso ocorre, porque, de acordo com Boff (2012), a intervenção humana nos processos naturais dos últimos séculos fez com que se substituísse a época Holoceno por uma nova era conhecida como Antropoceno, cenário no qual o ser humano causa a aceleração do desaparecimento natural das espécies. Um exemplo desta nova era é o que acontece nas cidades.

Segundo Henrique (2006), a cidade é o principal cenário para observar o relacionamento entre o homem e a natureza que configura-se em uma relação mitológica, capitalista e midiática. Ou seja, durante a história do homem, a natureza foi incorporada, apropriada e produzida visando a valorização monetária de objetos e mercadorias:

Capitalizada e mercantilizada, a natureza, idéia e objeto, tem seus consumidores e clientes, pessoas que por ela transitam, passam, viajam, comprando-a e consumindo-a, literal ou metaforicamente falando, como símbolo, imagem, ícone, poder ou *status*. (HENRIQUE, 2006, p. 116).

Observa-se a complexidade em formular a significação de sustentabilidade que pode ser entendida com um conceito amplo, que aceita variações baseados em posicionamentos e interesses diferentes. Porém, há algo que é invariável em todas as equações a respeito da sustentabilidade: a sustentabilidade ambiental é inseparável das questões econômicas e sociais (RUSCHEINSKY, 2004). No entanto, há o que se ponderar a respeito:

O grande propósito se resume nisto: criar um modo sustentável de vida. A concepção de sustentabilidade não pode ser reducionista e aplicar-se apenas ao crescimento/ desenvolvimento, como é predominante nos tempos atuais. Ela deve cobrir todos os territórios da realidade, que vão das pessoas, tomadas individualmente às comunidades, à cultura, à política, à indústria, às cidades e principalmente ao Planeta Terra com seus ecossistemas. Sustentabilidade é um modo de ser e viver que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma às necessidades das presentes e futuras gerações. (BOFF, 2012, p. 16).

A partir dessa afirmação, pode-se compreender também que as ações sustentáveis devem ter como objetivo manter a capacidade de reposição de uma população de uma determinada espécie, seja ela animal ou vegetal (RUSCHEINSKY, 2004).

## **2.2 Sustentabilidade para os homens e os animais**

As consequências da capitalização e mercantilização da natureza (incluindo seus animais) fez com que os homens refletissem sobre o futuro da Terra e seus habitantes. A busca por um planeta mais ético suscitou, na década de 80, o questionamento sobre como conciliar a economia com a conservação do meio ambiente (ALMEIDA, 2002). A insustentabilidade do crescimento, ou seja, da intolerância que o Planeta Terra tem a respeito da maneira como o homem o conduz, faz nascer o conceito de desenvolvimento sustentável (DALY, 2004). Para Mikhailova (2004), sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são conceitos distintos, porém complementares:

Em seu sentido lógico sustentabilidade é a capacidade de se sustentar, de se manter. Uma atividade sustentável é aquela que pode ser mantida para sempre. Em outras palavras: uma exploração de um recurso natural exercida de forma sustentável durará para sempre, não se esgotará nunca. Uma sociedade sustentável é aquela que não coloca em risco os elementos do meio ambiente. Desenvolvimento sustentável é aquele que melhora a qualidade da vida do homem na Terra ao mesmo tempo em que respeita a capacidade de produção dos ecossistemas nos quais vivemos. (MIKHAILOVA, 2004, p. 25)

A discussão sobre a sustentabilidade e/ou desenvolvimento sustentável levou a sociedade em geral, como governos, cidadãos, estudiosos do tema, entre outros, a iniciar movimentos em favor da sustentabilidade, inicialmente com questões mais pontuais, que ao longo do tempo foram se expandindo em diferentes dimensões, como a econômica, ambiental e social, trazendo aspectos realmente preocupantes para a vida do planeta Terra.

A linha do tempo do desenvolvimento sustentável pode ser delineada por diferentes acontecimentos. Um dos primeiros acontecimentos históricos foi a conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, que ocorreu em Estocolmo no ano de 1972, a qual incluiu o meio ambiente na agenda internacional (SACHS, 2009).

A exemplo dessa conferência das Nações Unidas, outros eventos foram acontecendo com a preocupação central do desenvolvimento sustentável, como a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio+10, COPs, entre outros. Consequentemente, através destes eventos foram gerados vários documentos, como “Nosso Futuro Comum”, “Protocolo de Kyoto” etc. O teor desses documentos procura contemplar o tema em discussão nas diferentes dimensões, inclusive com ênfases significativas ao longo do tempo. No entanto, uma leitura deles permite identificar que somente alguns desses documentos referem-se às questões animais (*vide* Quadro 1).

O levantamento realizado para a presente pesquisa toma como base iniciativas com repercussão mundial na sociedade, mais especificamente promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), sobre o tema sustentabilidade e/ou desenvolvimento sustentável e a sua relação com os animais.

Um dado importante de ser destacado nos resultados deste levantamento é a ausência de um documento amplamente citado por diversas instituições acadêmicas, não governamentais e artigos acadêmicos: a Declaração Universal dos Direitos Animais. Embora seja divulgado como um documento assinado e proclamado pela UNESCO em uma sessão em Bruxelas, no ano de 1978, o levantamento realizado na pesquisa demonstrou que a informação não tem procedência e que a referida declaração não está registrada nos acervos da UNESCO.

A Declaração Universal dos Direitos dos Animais, na verdade, foi escrita por George Heuse e publicada em um periódico inglês chamado *The Spectator* no dia 17 de setembro de 1977 (MARTIN, 1977). Em setembro de 1978, a declaração foi adotada pela *La Fondation*

*Droit Animal, Éthique & Sciences* (1977) e, logo depois, foi proclamada pela mesma em uma reunião realizada em Paris no dia 15 de outubro de 1978 em um edifício da UNESCO. Assim, apesar de sua importância em relação aos direitos dos animais, ela não está presente nos resultados analisados neste trabalho por não ter sido proclamada oficialmente pela UNESCO.

A questão sobre os animais se apresenta relevante à medida em que se considera que a natureza, conforme Almeida (2002), deve ser compreendida de maneira holística e deve contemplar todos os seres que fazem morada no planeta Terra. Para Lourenço e Oliveira (2012), os direitos dos animais estão diretamente ligados ao desenvolvimento e a questão ética que pressupõe os valores de outros seres vivos além do homem.

Logo, a partir desses entendimentos, pode-se compreender que a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável devem incluir de maneira ética todos os seres vivos em seu discurso. Assim, ao observar a agenda dos eventos cunhados sob o tema Sustentabilidade ou Desenvolvimento Sustentável é possível observar a mudança de olhar sobre os animais. O Quadro 1 procura apresentar os eventos e documentos nos quais os direitos dos animais estavam presentes em sua pauta. O levantamento para a construção do quadro foi orientada pelas palavras-chave fauna, animais, peixes, biodiversidade.

**Quadro 1 - Eventos e documentos sobre os Direitos dos Animais no Desenvolvimento Sustentável**

Data/Local	Evento	Documento	Temas abordados que se relacionam com o Direito dos Animais
1972 Estocolmo/ Suécia	Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano	Manifesto Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Danos que o homem causou aos seres vivos;</li> <li>• Fauna deve ser preservada para geração futura;</li> <li>• Homem tem o dever de preservar e administrar o patrimônio da fauna silvestre e seu habitat;</li> <li>• Incluir a conservação da fauna silvestre no plano do desenvolvimento econômico.</li> </ul>
1992 Rio de Janeiro/BR	Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cúpula da Terra - Rio-92 / ECO-92)	Agenda 21	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de cuidar dos animais;</li> <li>• Pesquisar sobre o relacionamento da fauna com o meio ambiente com o intuito de preservar ambos.</li> </ul>
1992 Rio de Janeiro/BR	Convenção da ONU sobre a Diversidade Biológica	—	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Animais em extinção;</li> <li>• O modo com o homem trata as demais espécies;</li> <li>• Dever de cuidar dos outros seres vivos que habitam a Terra;</li> <li>• Prevenção da fauna.</li> </ul>
2000 EUA	Cúpula do Milênio	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reduzir a destruição da biodiversidade marinha e silvestre.</li> </ul>
2000 Paris/FR	—	Carta da Terra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração;</li> <li>• Proteger animais selvagens da caça e armadilhas;</li> <li>• Impedir a pesca que cause sofrimento extremo, prolongado ou evitável;</li> <li>• Evitar o eliminar a captura e destruição de espécies.</li> </ul>
2005 Ilhas Maurício	Estratégia de Maurício	Estratégia de Maurício	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir uma comunidade capaz de conservar as espécies e seus habitats;</li> <li>• Pesca ilegal e gestão da pesca;</li> <li>• Recursos costeiros e marinhos para a conservação de peixes transzonais e migratórios.</li> </ul>
2012 Rio de Janeiro/BR	Conferência das ONU sobre Desenvolvimento Sustentável - Rio+20	“O Futuro que Queremos”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância de uma convenção a respeito do comércio internacional de espécies selvagens de fauna e flora ameaçadas de extinção.</li> </ul>
2015 EUA	Cúpula do Desenvolvimento Sustentável	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preservar animais marinhos e terrestres e promover proteção a fauna;</li> <li>• Pesca ilegal, restauração da população de peixes;</li> <li>• Animais em extinção; medidas urgentes contra a caça ilegal, o tráfico da fauna e venda de produtos ilegais da vida selvagem.</li> <li>• Reduzir a degradação do habitats naturais para reduzir a perda da biodiversidade;</li> <li>• Manter a diversidade genética em relação a animais de criação, domésticos e selvagens.</li> </ul>

FONTE: Elaborado a partir de BRASIL, 2017; NAÇÕES UNIDAS, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d; UNITED NATIONS, 2017.

A leitura do Quadro 1 permite uma visualização das iniciativas da sociedade sobre o tema sustentabilidade e/ou desenvolvimento sustentável e a sua relação com os animais. A sistematização cronológica possibilita observar a frequência e o teor dos debates sobre os direitos dos animais.

Pelo quadro é possível verificar que, em 1972, durante a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano e o seu documento "Manifesto Ambiental", o debate sobre os direitos dos animais teve ênfase em relação à preservação do *habitat* e, logo, da fauna silvestre, como uma forma de preservar a vida humana da geração futura. Observa-se que apesar de se referir aos direitos dos animais, o discurso abordou a preservação da fauna silvestre sob um ponto de vista antropocêntrico.

A Rio 92 e o documento Agenda 21, discorreram brevemente em relação aos animais, através de um discurso mais genérico sobre a necessidade de preservá-los e de motivar o desenvolvimento de pesquisas no campo científico sobre o relacionamento entre fauna e meio, na preservação de ambos. Observa-se no quadro que a abordagem sobre os animais foi novamente atrelada à questão do *habitat*. Porém, ao contrário do evento de Estocolmo, a argumentação não foi motivada por causa das necessidades que os homens têm em usufruir os animais, mas sim do dever que os homens possuem em cuidar da fauna e do meio ambiente. Assim como a Rio 92, o evento Convenção da ONU sobre a Diversidade Biológica que ocorreu no mesmo ano no Rio de Janeiro, aborda o dever do homem em cuidar da fauna, trabalhar contra a extinção das espécies, de ter atitudes de preservação e conservação da fauna e colocar em pauta a necessidade de olhar e cuidar dos outros seres vivos que também habitam o planeta Terra.

Na virada do milênio há dois acontecimentos muito importantes para a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável: a Cúpula do Milênio que culminou com o desenvolvimento da ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), e a Carta da Terra. O primeiro evento, juntamente com o documento, são sucintos no que tange a respeito dos animais, eles abordam diretamente a questão da proteção da fauna marinha e silvestre ao pontuar a necessidade de reduzir a destruição da biodiversidade, ou seja, mais uma vez os animais encontram-se atrelados ao questionamento do *habitat*. Porém, ao contrário do teor dos discursos anteriores, nestes em específicos, enfatiza-se a necessidade de conter a destruição eminente que surge da exploração humana.

A Carta da Terra, por sua vez, é um documento que valoriza diretamente o tema animal. Nela é abordada a questão de se tratar todos os seres vivos com respeito - o que pode subentender seres humanos, plantas, árvores, animais silvestre, marinho, doméstico etc. No conteúdo do documento é possível identificar a preocupação em proteger os seres vivos, buscando eliminar a captura e destruição das espécies. Assim, na Carta da Terra, os direitos dos animais são abordados diretamente, sem necessariamente estarem veiculados a questão do *habitat*, por exemplo. Apesar desse olhar mais abrangente, observa-se que em 2005, no evento Estratégia de Maurício, cujo objetivo era uma revisão sobre os 10 anos do Programa de Ação de Barbados para o Desenvolvimento Sustentável (Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento), novamente o evento e o documento foram bem pontuais em relação aos animais, abordando-os diretamente ligados à questão do *habitat*.

No Rio de Janeiro, em 2012, aconteceu a Rio + 20 que culminou no desenvolvimento do documento “O Futuro que Queremos”. Neste evento foi falado da importância do desenvolvimento de uma convenção a respeito do comércio internacional de espécies selvagens de fauna e flora ameaçadas de extinção. Entretanto, nenhum outro ponto foi levantado a respeito dos animais, nem em relação à necessidade de prevenção ou mitigação das ações humanas.

Por fim, em 2015, houve a Cúpula do Desenvolvimento Sustentável e o seu desdobramento em um documento sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Nestes evento e documento, diferentes dos demais, a questão dos animais é abordada diretamente e independente de outros tópicos. Percebe-se que as questões sobre os animais e os *habitat* foram tratados separadamente. Nas referências de ambos - evento e documento - é possível notar que há uma preocupação não só com a questão descritiva do problema em prevenir e conservar, como também a questão prescritiva em tomar, o mais rápido possível, atitudes para a mitigação das consequências das ações humanas e uma mudança de mentalidade em relação ao trato com os animais. Essa abordagem pode estar relacionado com o que Lourenço e Oliveira (2012) chamam de desenvolver uma "visão mais profunda" sobre o valor dos animais. Foi neste ano que, pela primeira vez, foi citada a questão dos animais domésticos e de criação, fato inédito, uma vez que, até então só falava-se a respeito de animais marinhos, silvestres e selvagens.

Assim, compreende-se que, os direitos dos animais é um tema presente no desenvolvimento sustentável e deve ser incluído na agenda, uma vez que pela sustentabilidade ser holística, ela deve tratar não apenas a respeito dos interesses humanos de cuidar do planeta para a geração futura, como também a respeito da vida de outros seres vivos e os direitos que estes possuem. Neste sentido, Lourenço e Oliveira (2012) enfatizam que a sustentabilidade não é apenas para os seres humanos, uma vez que outros seres também possuem o direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado:

Não há, pois como se falar em sustentabilidade sem a consideração de sua principal dimensão: a dimensão ética. Nesta etapa deve-se, necessariamente, reconhecer a dignidade existencial de entidades não-humanas e do próprio meio ambiente como titulares de valoração moral inerente. Sem isto, a ponderação entre os interesses da efetiva proteção do meio ambiente, da economia e do bem-estar social torna-se uma falácia, um monólogo humano. A proteção do meio ambiente, considerado em sentido amplo, assim como dos animais e dos seus demais elementos deve levar em conta os reais interesses de todos eles. A proteção (o respeito) não é feita, em última ou exclusiva instância, para que a humanidade, nas gerações atuais ou futuras, usufrua de uma melhor qualidade de vida, mas sim porque os seres vivos não-humanos possuem valor moral próprio. (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012, p. 211).

Desta maneira, entende-se que a sustentabilidade não existe só para os seres humanos, mas também para todos os seres vivos que fazem morada no Planeta Terra. Como Lourenço e Oliveira (2012) expressam, os interesses sobre a proteção do meio ambiente deve ser feita para todos os seres vivos, incluindo os não-humanos, que também possuem valor moral próprio. Logo, a ética da sustentabilidade deve ser aplicada aos animais e pautar o relacionamento destes com os seres humanos. Entretanto, o grande problema é a forma que este relacionamento acontece, que pode ser classificado em três principais perspectivas teóricas: antropocentrismo, ecocentrismo e personalismo.

Através do antropocentrismo, o homem interage com o planeta baseado em seus próprios interesses e atribuindo valor instrumental a natureza, principalmente com o avanço tecnológico e científico, pois estes permitem maior manipulação da natureza pelo homem, inclusive na tentativa de mitigar as consequências das ações humanas. Já o ecocentrismo busca um ambiente equilibrado e afirma que a natureza possui um fim em si mesma, ou seja, ela não é um meio, não é centrada apenas nos desejos humanos. Ao contrário disso, para o ecocentrismo a natureza possui um valor intrínseco. O terceiro grupo, chamado personalismo ecológico, coloca os homens acima dos outros seres (que para eles não possuem capacidade de abstração, de produzir cultura e exercer liberdade), porém, ao contrário do antropocentrismo, o personalismo afirma que o homem deve ser o guardião da natureza, uma

vez que ele é parte dela. Ou seja, o homem é diferente da natureza, porém é responsável por ela e deve priorizar o bem comum. A partir destas três vertentes, pode-se deduzir que o relacionamento homem-natureza expõe-se de duas maneiras: compreendendo que a natureza atribui valor a si mesma, ou acreditando que o homem é quem atribui este valor a ela (ROLLA, 2016).

### 2.3 As linhas filosóficas na discussão sobre o direito dos animais

O relacionamento entre homens e animais sofreu muitas mudanças ao longo do tempo. Segundo Singer (2010), a primeira mudança no setor de animais de criação ocorreu na Suíça: em 1991 o sistema de produção de ovos em gaiolas foi alterado e as galinhas passaram a ciscar livremente em chão coberto com material orgânico, além disso, elas passaram a botar ovos em ninhos cobertos e macios. Esse passo da indústria de criação inspirou os quinze países da União Européia a seguirem o exemplo e abolirem a caixa padrão de arame.

O tratamento dados aos animais, mostra a mudança de sentimentos em relação aos animais, que podem ser expressas através de duas linhas filosóficas em relação ética aos direitos deste: abolicionista e bem-estarista (*vide* Quadro 2).

Os bem-estaristas ao reconhecerem que animais são sencientes, consideram que os mesmos não devem jamais sofrer *desnecessariamente*. Mas, quando o sofrimento for necessário, ainda que este sofrimento seja *necessário* apenas com o fim de atender interesses humanos, se não houver comprovadamente outro meio para satisfação da emergente necessidade humana (FELIPE, 2007, p. 35).

Por sua vez, a corrente ética abolicionista acredita que:

[...] um movimento verdadeiramente abolicionista não deve jamais pactuar com qualquer tipo de violação dos direitos fundamentais básicos dos animais: a vida, a liberdade corporal e integridade física e psíquica, a menos que isso ocorra em seu próprio benefício ou nos casos em que também seria admitido com a espécie humana (GORDILHO, 2008, p. 91).

**Quadro 2 - Linhas Teóricas dos Direitos dos Animais**

LINHA TEÓRICA DIREITOS ANIMAIS	BASE FILOSÓFICA	FILÓSOFOS	OBRA	IDEIAS
<b>Abolicionista</b>	A linha abolicionista acredita que os animais são seres que sentem dor e prazer, e logo, eles possuem o direito em não querer sofrer e nem morrer. Esta linha aborda que os animais possuem valor moral, e por isso, devem ser considerados seres de direito. Uma vez que, os animais deixam de ser considerados como propriedade de outrem, a linha abolicionista defende a abolição da escravidão animal de qualquer natureza, ou seja, os animais não devem, de maneira alguma, serem sujeitados aos homens, pois possuem valor em si mesmos e seus interesses a vida, a liberdade e felicidade, devem ser contemplados. Logos, os animais não podem ser utilizados em nenhuma circunstância, nem mesmo nas práticas mais comuns cometidas pelo homem como as indústrias da carne e a viviseção.	Humphrey Primatt	Dissertation on the Duty of Mercy and the Sin of Cruelty against Brute Animals	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tratar os animais com misericórdia;</li> <li>• Considera os animais como seres de valor moral;</li> <li>• Se opõe ao preconceito que o homem demonstra contra as demais espécies;</li> <li>• Os animais sentem dor.</li> </ul>
		Henry Salt	Animals' Rights: Considered in Relation to Social Progress	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assim como os animais, o homem também faz parte do Reino Animal;</li> <li>• Considerar as individualidades de cada espécie para gerar prazer;</li> <li>• Acredita que os animais sentem dor e felicidade.</li> </ul>
		Richard Ryder	Speciesism, painism and happiness: A morality for the twenty-first century	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É contra o especismo;</li> <li>• É contra o utilitarismo;</li> <li>• Acredita que os animais são dorentes.</li> </ul>
		Tom Regan	Jaulas Vazias	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É contra o especismo;</li> <li>• Acredita na igualdade ente todos os seres vivos;</li> <li>• Acredita que os animais são sujeitos-de-uma-vida;</li> <li>• Acredita que os animais são sencientes;</li> <li>• Acredita que todo uso dos animais deve ser abolido.</li> </ul>
		Gary Francione	Animal rights: the abolitionist approach	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acredita que os animais possuem interesses em não morrer e não sofrer;</li> <li>• É contra o especismo;</li> <li>• Animais devem ser reconhecidos moralmente (sujeitos de direito);</li> <li>• É contra o utilitarismo;</li> <li>• Acredita que os animais são sencientes;</li> <li>• Acredita na igualdade entre todos os seres vivos.</li> </ul>
<b>Bem-Estarista</b>	A linha bem-estarista também acredita que os animais sentem dor e prazer e que são seres dotados de valor moral. Porém, baseado no utilitarismo, essa linha considera que os animais possuem um valor inferior ao homem saudável (física e cognitivamente). Portanto, a linha bem-estadista permite que o homem utilize os animais a seu serviço, contanto que seja feita de maneira ética e causando o menor sofrimento possível, visando em primeiro lugar o bem-estar animal.	Peter Singer	Libertação Animal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É contra o especismo;</li> <li>• Acredita na igualdade entre todos os seres vivos;</li> <li>• Acredita que os animais são sencientes;</li> <li>• É a favor do utilitarismo;</li> </ul>

A leitura do Quadro 2 permite uma visualização das ideias de alguns filósofos e suas publicações que defendem os direitos dos animais dentro das linhas teóricas bem-estarista e abolicionistas. A sistematização cronológica possibilita observar as mudanças que ocorreram no sentimento em relação aos animais com o passar dos anos.

A construção destas linhas foi iniciada em 1776, com a publicação do teólogo Humphrey Primatt. É através do livro “Dissertation on the Duty of Mercy and the Sin of Cruelty against Brute Animals”, que Primatt origina os primeiros argumentos em relação aos direitos dos animais. É importante compreender o cenário da época em que o autor o escreveu. Segundo Felipe (2014), 1776 foi o ano em que os Estados Unidos proclamaram igualdade e liberdade e a tese de que os interesses privados nunca devem ser colocados acima do direito que cada homem tem à vida, à liberdade e à busca da felicidade.

Neste contexto, Humphrey inicia seu livro afirmando que os homens possuem um preconceito em relação as outras espécies pois os homens limitam a questão da justiça apenas a raça humana, ao acreditarem que, de todos os animais, apenas o homem é o único que merece misericórdia e compaixão, por ser distinto. Este pensamento faz com que se negligenciem aqueles chamados de brutos (animais inferiores ao homem), uma vez que consideram-se estes animais como indignos do cuidado e do conhecimento de Deus, como se eles existissem apenas para serviço e uso do homem e pudessem ser tratados com indiferença. (PRIMATT, 1776).

O estudioso acredita que o amor e a misericórdia de Deus são para todos os seres que Ele criou e não apenas aos seres humanos com todas suas “[...] classificação, forma e capacidade;” (PRIMATT, 1776, p. iii - tradução da autora). Ou seja, para Primatt toda criatura merece respeito e consideração, mesmo se ela não possuir a mesma capacidade intelectual que os seres humanos, as mesmas características físicas e classificação.

O autor afirma que toda criatura deve ser considerada como uma roda na grande maquinaria da natureza e, uma vez que a natureza é curiosa e bela, nenhum roda nela, por menor que seja, é inútil ou desprezada. Desta maneira, ele diz que todos os animais, assim como os homens, são suscetíveis e sensíveis a dor ou ao mal e todos os seres vivos têm o mecanismo de autopreservação. Ele é enfático a dizer que a dor é dor, seja no homem ou no animal. Assim como o homem, os animais são sensíveis a dor, eles possuem nervos e órgãos e expressam seus sentimentos através de gritos e gemidos (PRIMATT, 1776). Logo, Primatt

inaugura os direitos dos animais dissertando a respeito do dever de cada homem em tratar os animais com misericórdia, uma vez que não importa as características físicas e cognitivas dos animais, já que eles são sensíveis e sentem dor como qualquer ser humano.

Ainda no século XVIII, o filósofo do direito Jeremy Bentham contribui para os direitos animais. Em seu livro "An Introduction to the Principles of Morals and Legislation", retomou algumas das ideias de Primatt. Apesar do autor não ser um filósofo especificamente dos direitos dos animais, suas contribuições foram muito importantes para o tema, uma vez que o utilitarismo serve como base para as demais ideias a respeito das linhas filosóficas.

Bentham (1789) acredita que a natureza colocou o homem sob o domínio da dor e do prazer, e por meio disto distingue-se o que é certo e errado, e as causas e os efeitos. O princípio de utilidade, cunhado por ele, reconhece que o homem está sujeito a dor e ao prazer e deve construir a felicidade através da razão e da lei. Para o filósofo, a utilidade pode ser aplicada individualmente ou em comunidade. Entretanto, para compreender o interesse da comunidade, deve-se compreender primeiro o interesse do indivíduo, pois a comunidade é a soma dos interesses de cada membro. Para calcular o custo/benefício de cada ação no utilitarismo, deve-se pensar na intensidade, duração, certeza ou incerteza e a proximidade no tempo ou longinquidade da dor ou prazer e na fecundidade, pureza e extensão levando em conta um grupo/comunidade. Logo, a soma deve sempre resultar em maior prazer do que dor (BENTHAM, 1789).

Desta maneira, segundo Lourenço (2008) Bentham acreditava que diante de uma situação, o moralmente correto seria tomar uma atitude a qual maximizasse o maior prazer para o máximo de pessoas possíveis. Logo, haveria a possibilidade do interesse humano ser superado caso as consequências dessas ações gerassem mais resultados positivos, do que a ação de proteger este interesse humano. Assim, o utilitarismo clássico afirma que a moralidade das ações deve ser determinada pelas consequências, ou seja, deve-se escolher as ações que trazem melhores resultados para a maior quantidade de seres que são afetados por ela.

No que diz a respeito as ideias de Primatt (1776) em relação aos animais e o fato destes seres sentirem dor, Bentham (1789) afirma que a ética deve ser entendida como a arte de direcionar as ações dos homens para produzir a máxima quantidade de felicidade de interesses do outro. Logo, os animais que estão sob influência da direção do homem são

suscetíveis de felicidade. Para o autor, é errado que os homens, por insensibilidade, negligenciem os interesses dos animais, mesmo que os antigos juristas os classifiquem como “coisas”. Além disso, Bentham afirma que os animais estão incluídos como seres sensíveis que têm direito a benevolência e têm direito a não sofrerem os prazeres da malevolência, ou seja, a moral, para o filósofo, está diretamente ligada com a capacidade de experimentar dor (estão vulneráveis ao sofrimento) e prazer, e por isso, os animais devem ser incluídos moralmente.

No séc. XX, duzentos após as ideias de Primatt e Bentham, Henry Salt (1900), em seu texto *Animal Rights*, resgata algumas ideias a respeito dos animais. Salt afirma que é ética e cientificamente errado separar os homens dos animais e considerar o primeiro superior ao segundo, uma vez que os homens, assim com os outros seres vivos, também fazem parte do Reino Animal, ou seja, os homens não estão separados dos animais. O autor afirma que cada animal é diferente e possui necessidades distintas. Por isso, não há como generalizar a qualidade de felicidade, sem considerar as necessidades individuais de cada espécie. Agir sem pensar nos interesses individuais de cada animal, é escraviza-los. Para Salt, por mais diferente que o ser humano seja física e cognitivamente dos demais animais, ele ainda continua fazendo parte de um todo do qual os animais também fazem parte (SALT, 1900).

Alguns anos mais tarde, durante a década de 70, houve um aumento no número de publicações em relação aos movimentos pelos animais. Foi neste período que as ideias dos filósofos anteriores sobre os animais sentirem dor e serem comparados ao homem na questão moral, tornaram-se conceitos. Uma das principais ideias divulgadas neste período, foi a questão do especismo e dorência, desenvolvidos pelo psicólogo Richard Ryder.

Em sua obra "*Speciesism, painism and happiness: A morality for the twenty-first century*", o autor critica o modo como os homens tratam os animais: utilizando os seres vivos como objetos para seu próprio serviço. Ele denomina este tratamento como especismo, que é o preconceito gerado da ideia de que os seres humanos, por serem dotados de características (físicas e cognitivas) distintas que os classificam como determina espécie, são superiores a qualquer outra espécie e por isso, possuem o direito de utiliza-las a seu favor. Richard considera este pensamento ilógico e egoísta e acredita que, assim como a ideia de uma raça ser subordinada a outra (racismo), o especismo também é um preconceito discriminatório

que baseia-se na intolerância de acreditar que pode-se qualificar o valor de uma ser vivo baseado nas aparências características de cada espécie (RYDER, 2017).

É através da obra de Ryder que a questão da dor mencionada pelos estudiosos Primatt (1776), Bentham (1789) e Salt (1900), torna-se um conceito. Ryder (2017) utiliza o termo dorente (*painism* em inglês), primeiramente, para contradizer o utilitarismo apresentado por Bentham (1789), pois acredita que o utilitarismo sirva apenas como uma justificativa para os abusos cometidos em nome da felicidade, uma vez que, de acordo com o princípio de utilitarismo, se houver a necessidade de provocar dor em um animal, para a felicidade maior de um outro indivíduo, é aceitável:

Ao enfatizar a dor (e, em última análise, a felicidade), parece-me que, como o utilitarismo, estou me concentrando no que realmente importa para todos nós, e não em noções bastante abstratas como direitos, virtudes ou princípios. Como vimos, a dorência evita a grande flexibilização do utilitarismo, que é somar as dores e prazeres de indivíduos separados para fazer um grande total que pode levar a casos absurdos como o aparente justificativa do estupro coletivo, experimentos com seres humanos inconscientes e tortura. [...] No utilitarismo há o pressuposto comum de que os benefícios dos muitos superam os benefícios dos poucos” (RYDER, 2017, p. 1210 - tradução da autora).

Assim, o termo dorente foi criado pelo estudioso para expressar a capacidade que os animais possuem em sentir dor:

Um dos princípios importantes do dorência é que devemos nos concentrar sobre o indivíduo, porque é o indivíduo - não a raça, a nação, nem a espécie - quem faz o sofrimento real. Por esta razão, os benefícios e malefícios de vários indivíduos não podem ser totalizados de forma significativa, como ocorre no Utilitarismo e em algumas outras teorias. (RYDER, 2017, p. 1254 - tradução da autora).

É na mesma década que o conceito de senciência aparece para agregar maior peso aos direitos dos animais. Contemporâneo a Ryder, o filósofo Peter Singer é o responsável por incluir o conceito de senciência ( termo utilizado para caracterizar os animais como seres capazes se sentirem sensações como dor e prazer) e sentimentos (como tristeza, saudade, felicidade) de forma consciente e em relação as experiências que ocorrem ao redor) no lugar de dorência e inserir o princípio de igualdade e interesse nas discussões a respeito dos direitos animais.

O princípio de igualdade, segundo Singer (2010), pode ser ilustrado através da igualdade entre o homem e a mulher. Uma vez que as mulheres são capazes de tomar decisões racionais sobre o futuro, assim como os homens, elas possuem o direito ao voto. Um cachorro, por exemplo, seria incapaz de compreender o significado do voto, logo, ele não

possui o direito de votar. Porém, assim com os seres humanos, o cachorro (e demais animais) sentem dor e felicidade, desta maneira isso deve ser levado em igual consideração.

A extensão do princípio básico da igualdade de um grupo para outro não implica que devamos tratá-los da mesma maneira, ou que devamos conceder-lhes os mesmos direitos. O que devemos ou não fazer depende da natureza dos membros desses grupos. O princípio básico da igualdade não requer *tratamento* igual ou idêntico, mas sim igual consideração. Igual consideração por seres diferentes pode levar a tratamentos e direitos distintos (SINGER, 2010, p. 5).

Assim, a questão da igualdade não depende da inteligência, da capacidade moral, da força física ou qualquer outro fato. A igualdade não se configura como fato, mas sim, como uma ideia moral. Por isso, é equivocado considerar as necessidades e interesses de duas pessoas, baseado na capacidade que elas possuem. Ou seja, considerar os interesses do outro não pode depender da aparência e das capacidades que este possui:

Mas o elemento básico - levar em conta os interesses de um ser, sejam quais forem esses interesses - deve, de acordo com o princípio de igualdade, ser estendido a todos os seres, negros, ou brancos, do sexo masculino ou feminino, humanos ou não humanos (SINGER, 2010, p. 10).

O princípio de igualdade deve incluir a todos, não importa seu gênero, etnia, nem mesmo sua espécie. Segundo o autor, um dos grandes problemas é que a maioria dos seres humanos são especistas (consideram que o homem está acima dos outros animais), o que dificulta a questão do princípio de igualdade para humanos ou não humanos. Logo, o estudioso utiliza o critério de sentiência para advogar em favor dos animais:

Os animais são capazes de sentir dor. Como vimos anteriormente, não há justificativa moral para considerar que a dor (ou prazer) sentida pelos animais seja menos importante do que a mesma intensidade de dor (ou prazer) experimentada pelos seres humanos (SINGER, 2010, p. 24).

Desta maneira, o terceiro critério colocado por Singer (2010) é a capacidade de sofrer e sentir prazer que os animais possuem. O autor afirma que a capacidade que os animais possuem em sofrer, sentir dor e prazer, e, ter consciência sobre as experiências ao redor, é suficiente para assegurar o interesse mínimo que os animais têm, que é o interesse em não sofrer: a capacidade de sofrer e de sentir prazer é um *pré-requisito* para um ser ter algum interesse. Ela é suficiente para assegurar que um ser vivo possui interesses de no mínimo não sofrer. Por exemplo: um camundongo na estrada tem interesse em não ser chutado, pois se isso acontecer ele irá sofrer. Por isso não há justificativa moral para dar continuidade a este sofrimento, independente da espécie do ser vivo. Todo sofrimento tem o mesmo peso e deve ser considerado da mesma maneira, minimizados e evitados (SINGER, 2010).

Deste modo, Singer apoia sua teoria na ideia utilitarista de Bentham, para comprar o neo-utilitarismo. Peter acredita que qualquer ação e decisão somente podem ser consideradas justas se obtiver um resultado que gere um elevado benefício social, mesmo que o benefício em questão gere um custo para a minoria. Assim, na medida em que os interesses dos animais são levados em consideração em igualdade com os interesses humanos, é simples perceber que práticas como o consumo da carne e a experimentação animal geram mais malefícios do que benefícios, uma vez que o sofrimento imposto aos animais é maior do que qualquer benefício gerado por estas práticas (GORDILHO, 2008). Entretanto, por outro lado, o filósofo aceita o abate indolor de animais, caso se estes tiverem uma existência saudável e sem sofrimento (LOURENÇO, 2008). Logo, para Singer é necessário a inclusão dos animais sencientes na consideração moral, já que deve-se reduzir a quantidade total de sofrimento e aumentar a quantidade geral do bem-estar do mundo (GORDILHO, 2008).

Paralelamente as ideias neo-utilitarista de Singer, o filósofo da bioética, Tom Regan, propõe o abolicionismo do uso dos animais. Para Regan os animais são “sujeitos-de-uma-vida”, pois possuem consciência do mundo, consciência sobre o que acontece com eles, além de possuírem desejos, necessidades, memórias e frustrações. Ou seja, o comportamento dos animais se assemelha relevantemente com o comportamento humano. O autor questiona se além dos mamíferos, outros animais, como os pássaros poderiam ser considerados como sujeitos-de-uma-vida (REGAN, 2006). Ao responder sua própria pergunta, o autor afirma:

Os comportamentos comuns entre nós, assim como as estruturas anatômicas comuns, sustentam essa resposta. Além do mais, estudos recentes do mundo inteiro têm demonstrado, repetidas vezes, ricas e diversas habilidades cognitivas aviárias. Os pássaros aprendem com a experiência; eles podem ensinar uns aos outros; podem pensar de forma lógica; podem até ajustar seu comportamento, se acharem que outros pássaros os estão observando (REGAN, 2006, p. 73).

Segundo Regan (2006), uma vez que os pássaros são moralmente semelhantes a nós, eles possuem sim, direitos. O autor inclui ainda os peixes na discussão, ao afirmar que por serem vertebrados, possuírem fisiologia, anatomia, cérebro e medula espinhal complexos, além de terminações nervosas altamente desenvolvidas, eles sentem dor e prazer. Tom ressalta a questão do comportamento dos peixes: eles vivem em grupos estáveis como uma família, reconhecem uns aos outros (através do som e da visão), possuem memória e conseguem modificar o comportamento com base da memória sobre as experiências que tiveram no passado. Eles reconhecem o ambiente, o que para Tom significa que eles sabem em que lugar

estão e para onde estão indo. Os peixes também possuem a capacidade de se comunicar: os peixes mais velhos ensinam os mais novos o que devem comer e o que não devem, os peixes aprendem observando uns aos outros (REGAN, 2006).

Regan compara os animais com crianças para discursar a respeito de que os animais são sujeitos de direitos. Para ele, mesmo que um animal não saiba o que são seus direitos, isso não quer dizer que ele não os possua. Do mesmo modo que um bebê também não possui consciência de quem os tem. Nestes casos, assim como para as crianças, cabe aos homens defender os direitos destes:

[...] direitos morais nunca podem ser negados, justificadamente, por razões arbitrárias, preconceituosas ou moralmente irrelevantes. Raça é uma dessas razões. Sexo é outra. Resumindo, diferenças *biológicas* são razões desse tipo. Como, então, poderemos acreditar que *ser membro de uma espécie* marque um limite defensável entre os animais que têm e os que não têm direitos? Logicamente, isso não faz sentido. Moralmente, isso indica um preconceito do mesmo tipo que o racismo e o sexismo, o preconceito conhecido como o especismo (REGAN, 2006, p. 78).

De acordo com Regan (2006) o especismo é um argumento falho quando tenta convencer de que os animais não são sujeitos-de-uma-vida. Ele afirma que ainda há um problema, pois muitos acreditam que para fornecer direitos aos animais, basta ser bondoso com eles e evitar crueldades. Entretanto, o autor afirma que os direitos animais (no nível mais básico) significa que os animais possuem o direito de serem tratados com respeito e que isso gera consequências mais amplas, como: parar de cria-los para o consumo de carne, parar de matá-los para obter suas peles, parar de treina-los para servirem de entretenimento, parar de usá-los em pesquisas científicas:

Quando se trata de como os humanos exploram os animais, o reconhecimento de seus direitos requer abolição, não reforma. Ser bondoso com os animais não é suficiente. Evitar a crueldade não é suficiente. Independentemente de os explorarmos para nossa alimentação, abrigo, diversão ou aprendizado, a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas (REGAN, 2006, p. 12).

Os interesses que os animais possuem em não sofrer, são tão importantes que devem ser protegidos independentes das consequências (FRANCIONE, 2015):

No entanto, não há absolutamente nenhuma dúvida de que, os animais que exploramos rotineiramente - vacas, porcos, ovelhas, cabras, galinhas, perus, peixes, lagostas, etc. - são sencientes. Todos os seres sencientes têm pelo menos dois interesses: o interesse em não sofrer e o interesse em não morrer. Ou seja, embora nem todos os seres sencientes possam pensar sobre suas vidas da mesma maneira, todos eles desejam ou querem permanecer vivos. E o uso de animais como comida, roupas e outros fins implica pelo menos dois interesses relacionados, mas diferentes, que os animais têm. O fato de usar animais da maneira como os usamos envolve

fazer coisas com os animais que eles desejam ou preferem que não façamos: causar sofrimento a eles e os matar (FRANCIONE, 2015, p. 17 - tradução da autora).

Desta maneira, por possuírem interesses, Gary afirma que os animais devem ter seus direitos morais fundamentais reconhecidos, já que os animais importam moralmente. Uma vez que eles são reconhecidos, já não podem mais serem utilizados como propriedade, já que propriedade significa existir exclusivamente como um recurso para outrem. Ou seja, ser classificado como propriedade é possuir status de “coisa”. É um dever moral dos homens parar de tratarem os animais como mercadorias e reconhecer que todos os seres sencientes são qualificados como sujeitos-de-direito e não como recursos (FRANCIONE, 2015).

Assim, Primatt (1776), Bentham (1789), Salt (1900), Ryder (2017), Singer (2010), Regan (2006) e Francione (2015), acreditam que os animais são seres que sentem dor e prazer e que por isso devem ser considerados moralmente. Além disso, os filósofos afirmam que os homens possuem a responsabilidade de prezar por estes seres, afim de evitar sofrimento de qualquer natureza, uma vez que as diferenças físicas e cognitivas não são argumento suficientes para utiliza-los a seu próprio benefício. Logo, todos eles consideram os animais como sujeitos-de-direito.

## **2.4 Informação, Conhecimento e Público Infantil**

A informação é considerada um fenômeno responsável por estabelecer o convívio social e por gerar, através do seu uso e assimilação, o conhecimento. Uma característica importante da informação é que ela não possui um conceito definido, uma vez que há diversas definições atribuídas à ela em cada área de conhecimento. Essa diversidade na conceituação da informação não é um empecilho, pois as áreas de conhecimento conseguem coexistir harmonicamente (JANNUZZI; TÁLAMO, 2004).

Contudo, existem três significados elaborados por Buckland (1991) que auxiliam na melhor compreensão da informação. O primeiro significado é chamado de "informação como processo", neste caso acredita-se que o ato de informar, ou seja, o processo de troca de informação entre um emissor e um receptor em uma comunicação, é o que define a informação. O segundo significado, por sua vez, intitula-se "informação como conhecimento". Ele afirma que a informação é caracterizada pelo conteúdo da mensagem

veiculada. Desta maneira, a "informação como conhecimento" possui caráter intangível, pois ela não pode ser tocada ou medida.

Por fim, o terceiro significado é chamado "informação como coisa", pois a informação é representada por sinais, avisos, filmes, textos etc. Ou seja, ela diz respeito ao papel informativo atribuído à documentos, dados, entre outros. Logo, ao contrário da “informação como conhecimento”, a "informação como coisa" possui caráter tangível e por isso pode ser manipulável, qualificável. Segundo Januzzi e Tálamo (2004), os três conceitos de informação não excluem um ao outro, e podem coexistir em uma mesma comunicação.

A informação se constrói através da comunicação humana (JANNUZZI; TÁLAMO, 2004). A comunicação, segundo Baitello (1998), é antiga e está presente na vida dos animais e também dos seres humanos: “Todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo. O que se denomina “comunicação” nada mais é que a ponte entre dois espaços distintos. A consciência deste espaço enquanto entidade autônoma inicia-se no momento do nascimento” (BAITELLO, 1998, p. 11). A comunicação pode ser expressa através de três tipos de mídias:

**Mídia Primária:** é nela que toda comunicação começa. O bebê é um bom exemplo para ilustrar essa mídia, uma vez que é através do choro, da linguagem do corpo (linguagem térmica, olfativa, visual) que ele se comunica. Por exemplo, a sua temperatura pode indicar se há algum problema ou não, assim como odores normais e anormais, o arroxamento ou amarelento dos lábios, da pele. Ou seja, o corpo transmite as suas mensagens. Ele tem um papel importante na constituição dos vínculos comunicativos. Geralmente os vínculos de linguagem entre a mãe e o bebê são a matriz da comunicação social (BAITELLO, 1998):

A instância “corpo” é fundante para o processo comunicativo. É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão da horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria de seu próprio espaço e de seu próprio tempo de vida, compartilhando-os com outros sujeitos. Mas é também aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida de outros (BAITELLO, 1998, p. 12).

**Mídia Secundária:** é um prolongamento da mídia primária e é conhecida pela sua característica de virtualidade. É na mídia secundária que são utilizadas ferramentas comunicativas com o intuito de ampliar as mensagens no espaço, no tempo e na intensidade: “Em princípios, cores e pinturas corporais, máscaras e vestimentas festivas, adornos e outros objetos com a função de acrescentar ao corpo uma informação são o prolongamento da mídia

primária, e assim, inauguram a mídia secundária (...)” (BAITELLO, 1998, p.13). Segundo o autor, o uso intencional de ferramentas e instrumentos (aparatos mediadores) para criar mensagens entre um emissor e um receptor, permitiu o desenvolvimento da escrita e, conseqüentemente, o surgimento de livros, jornais, cartazes etc. A partir desse momento, a escrita se tornou uma vitória simbólica em relação ao tempo e conseguiu se perpetuar, vencer a morte e preservar a sua memória:

É portanto, com a escrita, com a mídia secundária (aquela que requer o uso de um instrumento de amplificação do emissor) que se inicia a era da virtualidade. A escrita é a presença virtual de um corpo e de uma vida associados à sua história (BAITELLO, 1998, p. 13).

**Mídia Terciária:** essa mídia é revolucionária, pois segundo Baitello (1998), caracteriza-se pela presença da eletricidade. Essa mídia requer o uso de um aparato emissor e codificador da mensagem e de outro aparato receptor e decodificador. É através desta mídia que amplia-se ainda mais as escalas espaciais e de impacto receptivo. A ampliação do espaço e a sua apropriação simbólica é tão grande que gera uma cultura mundial: “Com a mídia terciária, a aprovação do tempo não mais se dá apenas por meio da durabilidade da mensagem conservada, mas pelo somatório dos tempos dos milhões de receptores” (BAITELLO, 1998, p. 13). A comunicação humana foi expandida em seus limites e fronteiras, por causa da complexidade e sofisticação das sociedades humanas. Isso resultou na busca de novas tecnologias, como as máquinas da comunicação: elas falam, transmitem a fala e a imagem, alimentando o imaginário do homem, desde a invenção do telégrafo, do telefone, do cinema, como hoje através da internet (Baitello, 1998).

Independente do tipo de mídia utilizada em uma comunicação, a informação, construída pela comunicação humana, apresenta algumas características importantes. Uma das características que deve-se ressaltar é que a informação manifesta-se através de um ciclo, o qual sofre transmutações que mudam condições de um ambiente privado para o público: o ciclo informacional inicia-se em um espaço privado do emissor. Logo em seguida, através de um fluxo, torna-se um espaço público da transmissão. Quando recebida a informação, o seu uso e assimilação ocorrerão no espaço privado da recepção. Portanto, a condição da informação exige que ela interaja constantemente entre o público e o privado e diferentes atores (JANNUZZI; TÁLAMO, 2004):

[...] dados são informações em potencial, que somente são percebidos pelo receptor se forem convertidos em informação e esta passa a converter-se em conhecimento

no momento em que produz uma modificação na estrutura de conhecimento de um receptor [...] (FERNÁNDEZ-MOLINA, 1994, p.328).

Quando há troca de informações entre duas ou mais pessoas, formam-se grupos de pessoas, estes grupos funcionam agregando, acolhendo e, ao mesmo tempo, segregando, marginalizando (BAITELLO, 1994):

Agregar e segregar constituem portanto as duas mãos de direção de uma operação construtiva que se funda em processos de emissão e captação de sinais, em troca de informação que vinculam ou desvinculam. E “vincular” significa aqui “ter ou criar um elo simbólico ou material”, construir um espaço comum, a base primeira para a comunicação (BAITELLO, 1994, p. 19).

Portanto, segundo Baitello (1994), para haver a troca de informações é necessário um ambiente propício que crie um elo capaz de gerar a troca entre as partes (atores). Nomeia-se este ambiente de campo de tensão, é nele em que se trava conhecimento com os semelhantes, motivado por sentimentos como amor, fraternidade, medo, violência, incerteza, compaixão, dúvida, ódio, piedade, afeto, ternura, entre muitos outros: “É deste campo de tensões que nasce a informação, que por sua vez viabiliza a geração e a organização das comunidades e das sociedades, complexos organismos compostos de indivíduos vinculados entre si pelos múltiplos laços da comunicação: é a troca de informação que cria aquilo que chamamos de comunicação” (BAITELLO, 1994, p. 20).

Por exemplo, a incerteza pode gerar um campo de tensão (elo) entre dois (ou mais) atores e, conseqüentemente, provocar a troca de informações entre as partes. A informação, por sua vez, remove ou reduz a incerteza. Mesmo com a possibilidade da incerteza ser eliminada, em seu lugar cria-se a memória (caráter ambivalente da informação) que irá regulamentar o campo da informação permitindo que se conserve o caráter de novidade desta (BAITELLO, 1994):

Uma vez que a informação, e com ela a comunicação, nascem um campo de tensões, de uma situação de incerteza, insegurança e indefinição (tanto que, primordialmente, os vínculos comunicativos têm de ser ritualizados para que lhes seja aplicados os teores da incerteza), os resquícios desta ambivalência, de onde a informação nasce, tornam-se permanentes. Assim, regulamentam-se os vínculos, criam-se as “ruas” por onde deva circular a informação de mão única, unívoca, nascem os códigos, mas nem por isso apagam-se da memória social (e cultura) as lembranças anteriores, do campo de tensões onde conviviam amor e ódio, vida e morte (BAITELLO, 1994, p. 20).

Assim, é necessária a criação de novos conflitos e incertezas para gerar novas informações que alimentarão as relações comunicativas e, conseqüentemente, os vínculos simbólicos dentro de uma comunidade (BAITELLO, 1994). Para que isso ocorra, Januzzi e

Tálamo (2004) afirmam que a comunicação humana deve estar fundamentada em um código padronizado. A informação deve ser representada por sinais, símbolos e signos e, para ser transmitida e compreendida, deve ser discriminada, ou seja, seus códigos devem possuir significado.

A relação entre o indivíduo e o mundo ocorre através dos signos. Signos são suportes exteriores e materiais da comunicação. O signo linguístico é responsável por unir um conceito (significado) à uma imagem acústica (significante) (SAUSSURE, 2002):

Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 2002, p.80).

O signo possui duas principais características: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. O signo é arbitrário, pois as expressões criadas têm raízes em um hábito coletivo, é conservada em convenções (tradições), logo o sujeito não pode alterar nada em um signo quando este estiver estabelecido em um grupo linguístico. Isso significa que não há relação direta (laço natural) entre o significante e o significado, ou seja, o significante é imotivado, sua arbitrariedade é absoluta. Por sua vez, o caráter linear do significante é considerado fundamental, uma vez que todo o mecanismo da língua depende dele. O significante quando de origem auditiva, irá desenvolver-se no tempo em um única dimensão (linha), por isso ele representa uma extensão de caráter linear, como se fizessem parte de uma linha do tempo, em que os elementos são dispostos um após o outro, originando uma cadeia. O signo, então, pode ter um significado diferente para cada indivíduo, pois o significado irá depender do conhecimento prévio que cada um possui (SAUSSURE, 2002).

Desta maneira, é importante que a informação possua ordenação (código se apresente de forma ordenada e lógica) e sentido (significado) (JANNUZZI; TÁLAMO, 2004):

[...] uma das componentes intrínsecas às relações comunicacionais tem a ver com os quadros que lhes conferem sentido e que são definidos a partir da experiência pessoal. Para a constituição desses quadros, contribui a história vivida pelos interlocutores, história que está situada no tempo e no espaço da vida e da língua comum, das coisas a que dão valor, porque lhes dão prazer ou, ao contrário os fazem sofrer, que lhes agradam ou lhes desagradam, que desejam ou odeiam (RODRIGUES, 1999, p.27).

Existem duas principais teorias a respeito da comunicação. A primeira delas é chamada de Teoria Matemática da Comunicação e foi elaborada por Claude Shannon e

Warren Weaver. Essa teoria sistematizou o processo de comunicação de maneira concreta através da seguinte equação: fonte de informação > transmissor > canal > receptor > destinatário. A fonte de informação é onde a mensagem nasce. A mensagem produzida é transmitida por um aparelho transmissor/emissor (codificador) que irá converter essa mensagem em sinal. Esse sinal irá viajar através de um canal, com o intuito de ser transmitido para um destinatário. Entretanto, este sinal está sempre sujeito a um ruído que pode distorcer a mensagem e provocar a incerteza. Por fim, o sinal é captado por um decodificador (receptor) e, conseqüentemente, é convertido em mensagem e assim pode ser compreendido pelo destinatário (SHANNON; WEAVER, 1962).

A segunda teoria é chamada Sense Making e foi desenvolvida por Brenda Dervin. Nessa teoria acredita-se que o uso da informação deve estar focado no indivíduo e por isso deve-se evidenciar os fatores subjetivos e cognitivos em relação a informação. O Sense Making foca no comportamento interno e externo que permite o(s) indivíduo(s) a construir(em) e criar(em) o sentido em um momento específico do espaço e tempo. Para isso, pelo menos um indivíduo deve perceber uma lacuna no conhecimento, a qual deve ser preenchida. O Sense Making é o processo que irá auxiliar no preenchimento dessa lacuna. Logo, nessa teoria, a informação deixa de ser entendida como um estado e um objetivo a ser transmitido e passa a ser compreendida como a construção criada por um observador que deve atuar como ator neste processo (DERVIN; NILAN, 1986).

Um componente importante das relações comunicacionais é a intencionalidade, que de acordo com Barreto (2002) ocorre quando uma mensagem é propositalmente direcionada a um destino, o que produzirá tensão, uma vez que a intencionalidade faz com que dois mundos distintos, o mundo do emissor da mensagem e o mundo de referências do receptor, interajam. A intencionalidade, ao gerar tensão, também produz o conhecimento, o qual é organizado em estruturas mentais e assimilado pelo sujeito:

Conhecer é um ato de interpretação individual, uma apropriação do objeto informação pelas estruturas mentais de cada sujeito. Acredita-se que estruturas mentais não são pré-formatadas, com intuito de serem programadas nos genes. As estruturas mentais são construídas pelo sujeito sensível, que percebe o meio. A geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do indivíduo realizado por meio de suas competências cognitivas, ou seja, é uma modificação em seu estoque mental de saber acumulado, resultante de uma interação com uma forma de informação. Essa reconstrução pode alterar o estado de conhecimento do indivíduo, ou porque aumenta seu estoque de saber acumulado, ou porque sedimenta saber já estocado, ou porque reformula saber anteriormente estocado (BARRETO, 2002, p. 72).

A informação, segundo Kaye (1995) não é apenas um objeto a ser transmitido, mas, principalmente, uma construção criada pelo receptor. Por isso, o receptor seleciona as mensagens de acordo com o seu modelo mental (conhecimento), ou seja, as informações que fazem sentido e que, conseqüentemente, reduzem a incerteza. Deste modo, Fernández-Molina (1994) afirma que a informação irá se converter em conhecimento quando produzir alguma transformação no conhecimento que o receptor já possuía. Para Barreto (1994), quando a informação é assimilada, ela produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e gera benefícios no desenvolvimento deste e também da sociedade em que ele vive, ou seja, gera conhecimento individual e para o grupo:

Contudo, são as definições – que relacionam a informação à produção de conhecimento no indivíduo – as que melhor explicam a natureza do fenômeno, em que termos finalistas, associando-o ao desenvolvimento e à liberdade do indivíduo, de seu grupo de convivência e a da sociedade como um todo. Aqui a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência e da sociedade como um todo. Aqui a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo. Deixa de ser uma medida de organização para ser a organização em si; é o conhecimento, que só se realiza se a informação é percebida e aceita como tal e coloca o indivíduo em um estágio melhor de convivência consigo mesmo e dentro do mundo em que sua história individual se desenrola (BARRETO, 1994, p. 1).

A produção do conhecimento, segundo Morin (2002), só pode ocorrer quando há organização da informação. O conhecimento se torna pertinente não pela quantidade de informação que possui, mas por causa da contextualização do saber, pois “Um conhecimento só é pertinente na medida em que se situe num contexto. A palavra, polissêmica por natureza, adquire seu sentido uma vez inserida no texto. O texto em si mesmo adquire seu sentido no contexto. Uma informação só tem sentido numa concepção ou numa teoria” (MORIN, 2002, p. 56). Assim, as informações e conhecimentos novos são, segundo o autor, capazes de modificar o comportamento. Para Morin (2002) é necessário religar (gerar elos e vínculos) entre as diversas áreas do saber, para que o homem alcance de fato o conhecimento.

O processo de aprendizagem, segundo Piaget (1972) é diferente de desenvolvimento. Enquanto o desenvolvimento do conhecimento caracteriza-se por ser um processo espontâneo, diretamente ligado a embriogênese (desenvolvimento do corpo, do sistema nervoso e das funções mentais, que só termina na vida adulta) e pertencente ao contexto geral biológico e psicológico, a aprendizagem é oposto: ao invés de ser espontânea, ela é provocada por situações e ao invés de abranger um contexto geral, ela é limitada a um problema ou estrutura simples. A aprendizagem é baseada no esquema estímulo-resposta. O estímulo é

significativo apenas quando há uma estrutura que capacite sua assimilação e, paralelamente, produza a resposta, por isso a aprendizagem está subordinada ao desenvolvimento e não o desenvolvimento está subordinado a ela.

O desenvolvimento do conhecimento não é um cópia da realidade. Para conhecer um objeto é necessário que o sujeito o modifique, transforme e compreenda o processo dessa transformação e o modo como o objeto é construído. A este processo dá-se o nome de idéia de operação, caracterizada como a essência do conhecimento. A operação é uma ação interiorizada que permite que os sujeitos do conhecimento, modifiquem o objeto e alcancem estruturas de transformação. São as estruturas operacionais que constroem a base do conhecimento e cada uma delas apresentam estágios de desenvolvimentos diferentes (PIAGET, 1972).

São ao todo quatro estágios de desenvolvimento das estruturas: o primeiro é chamado de estágio sensório-motor (pré-verbal) que acontece aproximadamente até os 18 meses de idade. É durante esse estágio que o indivíduo desenvolve conhecimento prático (subestrutura do conhecimento representativo posterior). Logo, para um bebê um objeto não tem permanência. Isso significa que se um objeto desaparecer do campo perceptivo, ele não existe mais. Entretanto, o bebê o buscará com base em sua localização espacial e isso faz com que se construa o objeto permanente, o espaço sensório-motor e a sucessão temporal e da causalidade sensório-motora elementar (PIAGET, 1972). Em sua teoria, Piaget afirmava que os princípios organizadores da lógica e da ciência eram desenvolvidos antes da linguagem, através das ações sensoriais e motoras do bebê, que, gradualmente, desenvolve as interações adaptativas entre si e o meio ambiente, tornando-se cada vez mais diferenciadas, coordenadas e habilidosas (BODEN; CABRAL, 1983):

(...) Estruturas intelectuais abstratas (como a inclusão em classes, a ordem e a reversibilidade) e os conceitos epistemológico básicos (como espaço, objeto, causa e eu) têm seus começos nítidos na inteligência prática dos bebês. Essa inteligência é medida pelos sistemas sensoriais e motores do bebê, que ele usa para mudar e aprender de seu meio ambiente de um modo cada vez mais deliberado e intencional. E ao adaptar-se ao seu meio ambiente, ele cria o seu mundo, pois uma criança de peito está construindo um mundo de coisas chupáveis (não descobrindo meramente coisas no mundo que ela chupa) (BODEN; CABRAL, 1983, p. 33).

O segundo estágio é denominado pré-operacional (aproximadamente entre 2 aos 6 anos), é nele em que acontece o início da linguagem, da função simbólica, do pensamento/representação. Durante esse estágio, tudo o que foi desenvolvido no estágio sensório-motor, é

reconstruído e transformado em operações. Desse modo, o terceiro estágio é o período em que de fato aparecem as operações concretas, por isso ele é chamado de estágio operatório-concreto (aproximadamente entre 6 aos 12 anos). Elas são chamadas assim, pois operam apenas com objeto e não com hipóteses expressadas verbalmente. Por fim, o quarto estágio é conhecido como operatório-formal (a partir dos 12 anos). Durante este estágio, a criança passa a raciocinar com hipóteses e não apenas com os objetos. Conseqüentemente, ela passa a construir novas operações (operações de lógica proposicional), isso faz com que ela conquiste novas estruturas que são combinatórias (redes) e de complicadas estruturas (PIAGET, 1972).

Para explicar o desenvolvimento de cada estágio das estruturas, Piaget (1972) utiliza quatro elementos: maturação, experiência, transmissão social e equilíbrio, também conhecida auto-regulação. A maturação é a continuação da embriogênese, por si só ela não é suficiente, mas ela é importante em cada transformação no processo do desenvolvimento da criança. A experiência, por sua vez, sempre resultará em operações. Depois de gerar as operações, ela não é mais necessária e a coordenação das ações passa a ocorrer por si mesma, através da dedução e construção de estruturas abstratas. Existem dois tipos de experiência: a primeira é chamada de experiência física (de teor empírico), que consiste no agir do indivíduo sobre o objeto e a construção do conhecimento sobre o objeto através da abstração do mesmo. A segunda é conhecida como experiência lógico-matemática. Esse tipo de experiência não se constrói através dos objetos, mas sim das ações realizadas sobre estes. O terceiro fator que explica o desenvolvimento de cada estágio, é conhecido como transmissão social (transmissão linguística ou educacional) e é fundamental, entretanto, ele só irá ocorrer quando a criança estiver em um estado em que possa compreender a informação via linguagem ou via educação dirigida por um adulto. É necessário que elas compreendam para poder construir uma estrutura (PIAGET, 1972).

Finalmente, temos o quarto fator chamado de equilíbrio, que segundo Piaget (1972) é um processo interno, que ocorre devido a um desequilíbrio na relação entre o sujeito e o objeto. Para recuperar o equilíbrio, o indivíduo deve passar por dois processos, a assimilação e a acomodação:

A assimilação é a modificação de um estímulo recebido ou de um *input* informativo pela atividade de uma estrutura preexistente. A acomodação é a modificação ativa da própria estrutura, de modo a adaptar-se ao *input*. E o equilíbrio é um estado relativamente estável (mas inerentemente dinâmico) de alguma estrutura, para que possa aceitar e adaptar-se a diversos *inputs* sem qualquer mudança especial. Como o

equilíbrio não é perfeito, nem permanente, algum *input* poderá eventualmente derrotar os poderes assimilados acomodatórios até então desenvolvidos pela estrutura existente. Para que esta possa então admitir (assimilar) o *input*, ao invés de ignorá-lo, deve ter lugar um novo desenvolvimento estrutural; isto constitui uma acomodação de tipo mais radical, levando ao equilíbrio em nível estrutural mais elevado (BODEN; CABRAL, 1983, p. 20).

Logo, para Piaget (1983), o processo de desenvolvimento da inteligência da criança se distingue em dois aspectos: psico-social e desenvolvimento espontâneo. O aspecto psico-social acontece através da transmissão exterior via familiar, escolar ou educativa em geral. Já o desenvolvimento espontâneo (desenvolvimento psicológico) acontece quando a criança aprende por si mesma, é ela quem faz as descobertas sozinha, sem ser ensinada por alguém. O desenvolvimento espontâneo é um processo mais demorado. Desse modo, os conhecimentos científicos adquiridos por uma criança, não possuem relação com o desenvolvimento intelectual, pois o que a criança aprende na escola ou através da família é diferente das aprendizagens espontâneas, já que as aprendizagens espontâneas mostram a verdadeira essência de cada criança.

O desenvolvimento do conhecimento está associado à criação de tudo. A isto Montessori (1971) dá o nome de poder da inteligência da criança:

A criança é dotada de outros poderes e não é pequena coisa a criação que se realiza: é a criação de tudo. Cria, não só a linguagem, mas plasma os órgãos que lhe permitem falar. Cria qualquer movimento físico, qualquer elemento da nossa inteligência, tudo aquilo que é dotado o indivíduo humano. Conquista maravilhosa que não é produzida por uma mente consciente. Os adultos são conscientes: se temos vontade e desejo de aprender alguma coisa dispomo-nos a fazê-lo; mas, na criança, não existe nem consciência, nem vontade, pois, consciência e vontade devem ser criadas (MONTESSORI, 1971, p. 25).

Desta maneira, a falta de consciência e de participação e envolvimento dos indivíduos a respeito da sustentabilidade e, conseqüentemente, os direitos animais, pode ser revertida através do desenvolvimento do conhecimento gerado a partir da divulgação de informação (JACOBI, 2003).

## **2.5 A relação entre os homens e os animais no cinema**

O cinema, como mídia terciária, é uma valiosa ferramenta para divulgar, proporcionar a produção de saberes e conhecimentos, pois representam elementos socio-culturais que muitas vezes só são acessíveis através dele (PIOVESAN, BARBOSA E COSTA, 2010). Duarte (2009) conta que, hoje, ir ao cinema deixou de ser uma prática pessoal e configurou-se como uma prática social importante que influencia na formação das pessoas. A relação

estabelecida entre os espectadores e os filmes são profundamente educativas. Para a autora, o cinema é um instrumento valioso para ensinar sobre o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que norteiam o funcionamento de distintos grupos sociais existentes.

As animações, segundo Vizachri (2014) são imagens criadas por humanos e não precisam se basear na realidade. Tanto os personagens, quanto os movimentos são decididos de acordo com o objetivo da criação. Desta forma, as animações possuem a presença de animais falantes, que utilizam não só a linguagem dos humanos, como são suas características. Na animação, tudo é possível:

Curioso é observarmos que são raras as animações que não utilizam animais como personagens principais em interação com humanos ou que substituem completamente os próprios humanos. Esses animais são sempre representados com algumas características humanas - em maior ou menor grau - tal processo é chamado de antropomorfização (VIZACHRI, 2014, p. 14).

Os filmes de animação são as produções que mais utilizam a figura de animais. Além de serem destinadas ao público infantil, as animações também são populares entre o público adulto. Nestas produções os animais ganham voz e possuem interesses semelhantes aos dos humanos:

Sendo representações humanas de animais, são vozes humanas falando sobre eles. Essas vozes humanas falam de um local e um tempo específico, são vozes de nossa cultura dizendo sobre como vemos os animais. Portanto, quando nos debruçamos para compreendermos essas vozes, estamos tentando compreender o que o discurso de nosso tempo e local diz sobre os animais e sobre as nossas relações com eles (VIZACHRI, 2014, p. 15).

Segundo a autora, há uma mudança em relação a forma que os animais são representados, uma vez que está sendo incluído no formulário a discussão sobre a ética na relação entre o homem e os animais:

A projeção é um processo universal e multiforme. As nossas necessidades, aspirações, desejos, obsessões, receios, projectam-se, não só no vácuo em sonhos e imaginação, mas também sobre todas as coisas e todos os seres (MORIN, 1970, p. 105).

Segundo Vizachri (2014) o imaginário é moldado pela cultura, logo a visão de um indivíduo é gerenciada pela cultura do mesmo. Quando o indivíduo projeta suas próprias características humanas físicas e psicológicas/emocionais à algo como um objeto, um animal, entre outros, a isto é dado o nome de antropomorfização (MICHAELIS, 2019).

As crianças, durante seus primeiros anos de vida, não conseguem distinguir os humanos de animais. Após completarem dois anos de idade, elas enxergarão os animais como

peçoas, baseadas em sua relações familiares. Isso faz com que elas consigam se identificar com os sentimentos e necessidades dos animais. A criança mais velha, por sua vez, consegue diferenciar mais os sentimentos reais e imaginários em animais, do que os sentimentos em si e no outro. É por essa razão que se utiliza a antropomorfização na literatura infantil, a fim de informar ao público infanto-juvenil a respeito de valores, empatia e também discutir os problemas sociais através das metáforas (SERPELL, 1996).

Assim, as impressões que as crianças recebem do ambiente são tão profundas, que através dos processos biológicos e psico-químicos, elas podem se assemelhar ao ambiente. A criança possui uma maneira diferente de enxergar as coisas, é através das impressões profundas que recebem, que ela constrói a si mesma. A criança se adapta ao ambiente quando se identifica com ele ao absorver os hábitos e a linguagem: "as crianças tornam-se como as coisas que amam" (MONTESSORI, 1971, p.90).

### **3 MÉTODO**

#### **3.1 Delineamento da Pesquisa**

A pesquisa ora proposta caracteriza-se como exploratória, uma vez que este tipo de pesquisa, conforme apontado por Kerlinger (1980), permite que se obtenha um diagnóstico do que está sendo investigado. De acordo com Orlandi (2009), o estudo exploratório procura conhecer em maior profundidade o seu objeto de estudo, a fim de identificar no texto elementos que comprovem uma situação previamente definida. No caso da pesquisa proposta neste trabalho, a realização de uma leitura crítica e comparativa entre o conteúdo dos filmes, a fim de identificar situações que apresentem conteúdos gestuais ou orais que possam estar relacionados ao Direito dos Animais.

Os dados da pesquisa são obtidos a partir de um levantamento documental, com uma abordagem de caráter qualitativo e quantitativo. O levantamento é definido como documental pela natureza da fonte, pois segundo Gil (1999, p.66), este tipo de procedimento é determinado pelo levantamento de "[...] documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc.". Na pesquisa proposta, as fontes são os filmes de longa metragem de animação infantil.

Em relação aos dados, a definição como qualitativo corresponde aos dados oriundos da interpretação do pesquisador sobre as cenas do objeto analisado, no caso animações infantis. Este entendimento decorre das palavras de Richardson (2017, p.148), quando afirma que a pesquisa qualitativa é interpretativa, uma vez que "o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal [...]". A definição pelos dados quantitativos acontece, por sua vez, na adoção de um instrumento (formulário) para a obtenção de dados que possam indicar a frequência com que ocorre determinadas características do tema analisado (RICHARDSON, (2017).

#### **3.2 Universo da Pesquisa**

O Universo da pesquisa se caracteriza por uma amostra escolhida intencionalmente, por meio de uma seleção orientada por critérios pré-estabelecidos durante o delineamento da pesquisa. Na amostra intencional, segundo Richardson (2017, p. 160), “[...] a escolha dos

elementos acontece basicamente por julgamento do pesquisador, que se baseia em certos critérios e/ou objetivos da pesquisa". No presente estudo essa amostra é representada por um conjunto de treze animações longa-metragem infantis, que foram intencionalmente selecionados a partir dos seguintes critérios pré-estabelecidos pela autora:

- (a) Animais devem ser os protagonistas;
- (b) Os personagens animais, apesar de serem antropomorfizados e apresentarem fala humana, possuem suas principais características baseadas em seu perfil verdadeiro, rotina, cultura, habitat;
- (c) Animações sem a presença de atores humanos atuando, apenas dublando;
- (d) No enredo há um problema entre os homens e os animais;
- (e) A indicação é livre;
- (f) São animações de longa-metragem;
- (g) São ficcionais;
- (h) São filmes estrangeiros;
- (i) São os filmes lançados de 1941 até 2018, que possuem ampla divulgação (mundial);
- (j) De maior bilheteria mundial, caso haja mais de um filme lançado no mesmo ano (dados Box Office Mojo);
- (k) São animais não-humanos que existem e são sencientes.

Os filmes selecionados, que compõe a amostragem desta pesquisa, são indicados a seguir em ordem cronológica:

- (1) **Dumbo** - Dumbo é a quarta animação longa-metragem produzida pela Disney, em 1941 e se tornou um clássico. Ele foi baseado em uma história infantil da Escritora Helen Abserson. - 64 minutos.
- (2) **Bambi** - É uma animação de 1942, produzida pela Disney e baseada no romance "Bambi, A Life in the Woods" do escritor austríaco Felix Salten. Foi o quinto longa-metragem de animação da Disney. - 70 minutos.
- (3) **A Dama e o Vagabundo** - É uma das animações clássicas, produzidas pela Disney em 1955. O filme foi baseado nos contos do autor Ward Greene. Foi o décimo-quinto longa-metragem produzido pela Disney. - 75 minutos.

- (4) **101 Dálmatas** - É uma animação longa-metragem, produzida pela Disney em 1961, com direção de Stephen Herek e roteiro de John Hughes. - 102 minutos.
- (5) **Aristogatas** - É a vigésima animação longa-metragem produzida pela Disney. Foi desenvolvida em 1968 e lançado em 1970, baseada nas histórias de Tom McGowan e Tom Rowe. - 78 minutos.
- (6) **A Fuga das Galinhas** - É uma animação do gênero *stop motion*, produzido pela Aardman Animations e distribuído pela DreamWorks, nos anos 2000. - 84 minutos.
- (7) **Spirit: O Corcel Indomável** - É uma animação longa-metragem produzida pela DreamWorks em 2002. - 84 minutos.
- (8) **Procurando Nemo** - É uma animação longa-metragem produzida pela Disney e lançada em 2003. - 101 minutos.
- (9) **Os sem-floresta** - É uma animação longa-metragem, baseada na tira de quadrinhos criada por Michael Fry e T. Lewis. Foi produzido pela DreamWorks e distribuído pela Paramount Pictures em 2006. - 85 minutos.
- (10) **Ratatouille** - É a oitava animação longa-metragem produzida pela Pixar e lançado em 2007. - 110 minutos.
- (11) **Bolt - Supercão** - É a 48 animação de longa-metragem produzida pela Disney. Foi lançado em dezembro de 2008 nos demais países, porém, no Brasil só foi transmitido em janeiro de 2009. - 95 minutos.
- (12) **Rio** - É um filme produzido pela 20t Century Fox e Blue Sky Studios, em 2011. - 90 minutos.
- (13) **Ferdinando, o Touro** - A animação longa-metragem é baseada no livro infantil de Munro Leaf. Ela foi produzida pela 20t Century Fox e Blue Sky Studios e lançada em 2018. - 109 minutos.

### 3.3 Coleta de dados

Depois de elaborado os critérios do universo da pesquisa, a pesquisadora assistiu a cada filme com o intuito de fazer uma triagem e selecionar aqueles que atendiam à todos os critérios pré-estabelecidos. Após o período de seleção, foi realizada a coleta dos dados. Assim, a coleta dos dados teve o apoio de um formulário (*vide Anexo*), que foi preenchido durante o período em que os filmes foram assistidos pela pesquisadora. O formulário contém perguntas

formuladas com base no referencial teórico deste trabalho. As perguntas abordam conteúdos sobre os direitos animais, informações sobre o relacionamento entre homens e os animais e as características físicas e psicológicas dos personagens presentes nos filmes. Cada filme foi assistido em sua língua materna (inglês) e com legenda em inglês.

### 3.4 Análise dos dados

A leitura e interpretação dos dados são orientadas pela Análise de Conteúdo, cuja proposição, conforme Bardin (2016), procura, através de um conjunto de instrumentos metodológicos, aplicar à conteúdos e compreender o seu objeto de estudo além de seus significados imediatos.

A análise de conteúdo se apresenta adequada à leitura e tratamento dos dados da pesquisa pelo fato de ser uma análise de significados (análise temática) e também de significantes (análise de procedimentos). Ela trabalha com mensagens (comunicação), se preocupa com "tratamento da informação contida nas mensagens" (BARDIN, 2016, p.41):

A Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que, embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). O analista possui a sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver. Pode utilizar uma ou várias operações, em complementaridade, de modo a enriquecer os resultados, ou aumentar a sua validade, aspirando assim a uma interpretação final fundamentada. Qualquer análise objetiva procura fundamentar impressões e juízos intuitivos, por meio de operações conducentes a resultados de confiança (BARDIN, 2016, p. 48).

O papel do analista (no caso desta pesquisa, esta pesquisadora) é exercer a função de arqueólogo em busca de vestígios. É ele também o responsável pela chamada "intenção à análise de conteúdo", que refere-se a interferência de conhecimentos prévios (originados indicadores quantitativos ou não) às condições de recepção/produção (BARDIN, 2016): "A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, o não é unicamente, uma leitura "à letra", mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros "significados" de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc." (BARDIN, 2016, p.46).

A análise de conteúdo pode se apresentar na forma quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa é mais objetiva, fiel, exata e rígida uma vez que sua observação é mais controlada. Por sua vez, a análise qualitativa tem o perfil mais intuitivo, maleável e adaptável à resultados não previstos e à evolução da hipótese: “A abordagem quantitativa funda-se na *frequência* de aparição de determinados elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir interferência; por exemplo, a *presença* (ou *ausência*) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição” (BARDIN, 2016, p. 144).

A partir dos dados levantados, a análise da presente pesquisa é apresentada de duas maneiras: (a) Leitura do enredo e (b) Leitura das cenas. A leitura das cenas apresenta-se qualitativa e acontece a partir da descrição e análise do enredo de cada filme, enfatizando momentos cuja informação transmitida trazem significados que podem ser relacionados ao direito dos animais. A leitura das cenas, por sua vez, apresenta-se quantitativa, pois se dá a partir do formulário aplicado a cada filme. Esta análise considera os temas indicados no formulário para caracterizar a incidência da situação estudada no universo total da pesquisa.

## 4 LEVANTAMENTO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Sobre o enredo

#### (1) **Dumbo**

A animação conta a estória de um elefante que nasceu em cativeiro e foi destinado a trabalhar no circo. Dumbo possui orelhas muito grandes e por isso é ridicularizado tanto por outros animais, como por seres humanos. A mãe de Dumbo, chamada Sra. Jumbo, ao tentar defender o filho das piadas que a plateia fazia, acaba causando medo nos personagens humanos e por isso é presa em um trailer como uma forma de castigo e também como uma maneira dos personagens terem controle da situação e zelarem pela segurança dos demais. O enredo retrata a saga do Dumbo em conseguir viver novamente ao lado da sua mãe.

Observa-se que a animação mostra muitos aspectos dos direitos dos animais como a crítica ao especismo (RYDER, 2017), representada através das ações em que os personagens humanos colocam a Sra. Jumbo presa no trailer longe do seu filhote. Esta situação evidencia a atribuição de valor dada a um ser vivo baseado na característica da espécie, sem condições iguais à do ser humano.

Isso levanta a questão recorrente da sustentabilidade quanto ao relacionamento dos homens com animais silvestres. A sustentabilidade prevê que animais silvestres estejam em liberdade no *habitat* natural (REGAN, 2006), não sejam caçados ou capturados como forma de utiliza-los para fins monetários e de entretenimento. A única possibilidade de um animal silvestre viver em cativeiro é baseado no conceito bem-estarista (SINGER, 2010) visando proteger e preservar a espécie. O filme traz os animais como entretenimento nos circos, o que a princípio poderia apresentar-se como habitual à realidade humana. Porém, existem cenas que mostram o sofrimento psicológico e físico da Sra. Jumbo por estar na condição de prisioneira e longe do filho e o sofrimento de Dumbo em ter que trabalhar no circo longe da mãe, destacando-se assim, um aspecto importante do direito dos animais em uma sociedade consciente da sustentabilidade.

Outro aspecto importante do filme é que para demonstrar a situação proposta, a estória faz uso de cenas nas quais o comportamento dos animais ganha características antropomorfizadas (SERPELL, 1996). Através da animação, o público-infantil pode perceber características com a senciência animal (SINGER, 2010), refletida através da

antropomorfização dos personagens, em que estes demonstram sentir medo, dor, fome, felicidade, tristeza, coragem, saudade, ansiedade, nervosismo, agressividade, frustração e amizade por outros personagens animais.

Essa forma de apresentação permite dar um maior peso à mensagem, pois ao se considerar que esta deve, necessariamente, ter um sentido (JANNUZZI; TÁLAMO, 2004), pode-se afirmar que a mensagem transmitida na cena se intensifica ao propiciar, por meio de um comportamento antropomorfizado dos animais, um sentido mais próximo da realidade do público que está assistindo a animação. De acordo com Montessori (1971), à medida que a criança entra em contato com um dado universo, ela absorve às impressões as quais está sujeita.

## (2) **Bambi**

O filme conta a estória de um cervo chamado Bambi, que vive na floresta com a mãe e os outros animais. Bambi é herdeiro da floresta e um dia assumirá o posto de seu pai em zelar por todos os animais. Sua mãe é quem tem a missão de ensinar a Bambi tudo sobre a vida nas florestas. Um dia enquanto passeia com a sua mãe, alguns caçadores aparecem na floresta e matam a mãe de Bambi. A partir desse tragédia, Bambi passa a ser cuidado pelo pai e assume, posteriormente, sua função como Príncipe da Floresta.

Esta animação mostra ações de caráter especista (RYDER, 2017) quando os personagens humanos caçam os animais silvestres. A sustentabilidade prevê que os animais silvestres vivam livres (REGAN, 2006) em seus *habitats* naturais, e que tanto a fauna, quanto a flora sejam preservadas pelo homem a fim de conservar as espécies para as gerações futuras.

O sentimento de luto que o personagem Bambi demonstra ao perder a sua mãe, evidencia características antropomorfizadas (SERPELL, 1996), que reforçam a tese de que os animais são seres sencientes (SINGER, 2010). Esta é uma maneira de ressaltar que os animais não são “coisas” (FRANCIONE, 2015) e que a natureza, assim como os homens e os animais, estão conectados em uma rede e dependem um do outro (CAPRA, 2006).

A antropomorfização dos personagens animais permite uma aproximação maior do público com a mensagem veiculada, uma vez que esses sentimentos retratados pelos personagens, podem criar campos de tensão, ou seja, o elo necessário em uma comunicação. No caso do filme Bambi, o espectador pode, através do enredo, se deparar com os sentimentos

de compaixão, piedade, ódio, raiva, afeto, fraternidade etc. Desta maneira, o campo de tensão é estabelecido a partir das emoções despertadas no espectador pela animação, e isso contribuirá para a assimilação da informação (BAITELLO, 1994; JANNUZZI; TÁLAMO, 2004). Bambi é a única animação selecionada em que os personagens humanos aparecem como vultos, vozes e som de arma, o que faz com que o espectador assimile os humanos ao sentimento de medo, violência, sofrimento, crueldade. Através de músicas, frases e imagens, a animação mostra signos (SAUSSURE, 2002) que evidenciem problemas sociais e ambientais, como a caça e a destruição da floresta. Na cena em que ocorre um incêndio na floresta, fica evidente que os animais estão na condição de seres explorados, e que os personagens humanos enxergam a natureza apenas como uma fonte de recursos a serem explorados não importe as consequências.

### **(3) A Dama e o Vagabundo**

A animação conta a estória de dois cachorros que se apaixonam, porém são de mundos diferentes. Enquanto a cadelinha chamada Lady, da raça Cocker Spinel Inglês tem um lar cercado de amor e mimos, o cãozinho Vagabundo, um vira-lata, mora nas ruas fugindo da carrocinha. A vida de Lady muda com a chegada de um bebê e a cachorrinha passa a ficar em segundo plano, o que a deixa triste e causa nela o sentimento de abandono, porém, ao mesmo tempo Lady nutre um sentimento de amor e cuidado para com o irmão bebê humano. Durante uma viagem, os tutores de Lady deixam ela e o bebê a cuidados da Tia Sarah, que está sempre acompanhada de seus dois gatos siameses. Os gatos malvados aprontam uma confusão e colocam a culpa na Lady. A cachorrinha então foge para se proteger da Tia Sarah e acaba perdida nas ruas, porém Vagabundo ajuda Lady a sobreviver e voltar para casa.

O filme retrata a situação da super-população de cães de rua, decorrente, principalmente, do abandono por parte dos seus donos. Para lidar com essa situação a estória mostra o homem utilizando os recursos da carrocinha e da eutanásia para lidar com essa super-população. A situação de abandono é bem evidenciada no diálogo em que Vagabundo conta para Lady sua experiência em ter sido abandonado. Observa-se um claro desrespeito ao direito dos animais, que prevê que nenhum animal pode ser eutanasiado, ao menos que seja com o intuito de aliviar o sofrimento decorrente de algum problema de saúde em que não haja possibilidade de cura (REGAN, 2006).

Durante a animação existe uma cena em que os animais de rua capturados pela carrocinha são levados até um abrigo para serem eutanasiados. Nesta cena, tanto as imagens, quanto a música cantada pelos animais e seus ruídos como uivos e choros, exaltam os sentimentos de abandono, medo, luto, sofrimento, causados pelo o abandono e o domínio absoluto do homem para com animal, ainda mais quando os animais demonstram estar conscientes de que serão eutanasiados. Esta situação vai ao encontro da linhas filosóficas abolicionista (REGAN, 2006) e bem-estarista que prevêem os animais como seres sencientes (SINGER, 2010), que sentem dor e prazer assim como os seres humanos (SALT, 1900).

Outro aspecto não mesmo importante e conflita com a sustentabilidade, inclusive no aspecto social quando se observa que os animais são antropomorfizados no filme, é o preconceito demonstrado pelos personagens humanos e animais elitizados (de raça) em relação aos animais de rua. Observa-se que o discurso da sustentabilidade adverte sobre a visão preconceituosa (RYDER, 2017) que vai de encontro com no conceito de igualdade (REGAN, 2006), no qual todos os seres vivos devem ter os seus direitos em não sofrer respeitados e devem ser tratados de maneira digna (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012; FRANCIONE, 2015).

As cenas de sofrimento dos animais despertam no espectador sentimentos como raiva, luto, compaixão, tristeza, entre outros, que permite estabelecer um campo de tensão necessário para a transmissão da mensagem, que sensibilize o público para a questão. No entanto observa-se que a mensagem é bastante complexa para o público infantil pelo peso do tema abordado: eutanásia e abandono de animais. Esta situação favorece o surgimento de vários diálogos que tocam no assunto propriamente dito, como se procurasse explicar por várias vezes a situação enfrentada. A dimensão do que esta sendo exposto será proporcionalmente percebida dependendo do conhecimento prévio de cada um, ou seja, quanto mais velha a criança, mas ela irá entender.

#### **(4) 101 Dálmatas**

O filme conta a estória do dálmata Pongo e seu dono Roger e de Prenda, a dálmata da estilista Anita. Os cães se apaixonam, assim como seus tutores e depois de um casamento duplo, se tornam pais de vários filhotinhos. Anita, que trabalha como estilista em um ateliê, desenvolve um croqui com uma estampa inspirada nos cães. Entretanto, sua chefe, conhecida

como Cruela Devil, utiliza a idéia com o intuito de produzir um casaco com a pele dos cachorros. Anita e Roger são contra a idéia, mas Cruela não se dá por satisfeita e, quando surge a oportunidade, contrata dois bandidos para sequestrar os filhotes durante a noite em que Anita e Roger saem para jantar e deixam a governanta Nancy cuidando da casa e dos cachorros. O sequestro é bem sucedido e os dois bandidos precisam arrancar a pele dos cachorrinhos a mando de Cruela. Apesar da polícia estar a procura e a cidade toda ter sido avisada quanto ao sequestro, os amigos animais de Pongo e Prenda também ajudam na busca, encontram o cativeiro e resgatam os filhotes. Preocupados com o sumiço de Pongo e Prenda, Roger, Anita e Nancy têm uma grande surpresa quando os pais dos quinze cachorrinhos, regressam para casa com 101 filhotinhos. Anita e Roger decidem se mudar para uma casa maior e adotar todos eles.

O filme retrata a diferença de pensamentos entre os personagens humanos. Anita, Roger e Nancy se relacionam com animais de maneira ética (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012), pois enxergam os cães como membros da família. Eles demonstram muito amor para com os cachorros, além de uma grande amizade, proteção, cuidado e carinho. Isso fica claro quando, durante a animação, tanto Roger, quanto Anita e Nancy conversam com os cachorros como se estivessem conversando com um ser humano, exaltando a crença de igualdade (REGAN, 2006). Durante estes diálogos pode-se perceber que os cachorros também se comunicam com os humanos utilizando o próprio corpo e ruídos como latidos, grunhidos, lambidas, toques, etc. Estes recursos de comunicação utilizados pelos animais pertencem a mídia primária (BAITELLO, 1998).

Por outro lado, Cruela enxerga os animais como um recurso para alcançar seus objetivos profissionais e financeiros, assim como as pessoas que possuem uma visão antropocêntrica (BOFF, 2012; ROLLA, 2016) em relação a natureza. Ela não demonstra compaixão para com os cães e mostra não acreditar que animais são seres de direito. Isso fica bem claro quando ela manda sequestra-los mesmo sabendo que isso é considerado um crime.

Os dois bandidos também sabem que estão cometendo um crime e agem indiferentes ao sofrimento manifestado pelos filhotinhos quando eles são retirados de seu lar, entretanto, quando Cruela pede para que eles arranquem a pele dos animais, isso causa resistência da parte dos bandidos, pois nenhum dos dois querem cometer tal ato. O fato de que até mesmo para os dois bandidos tirar a pele dos cachorros parece algo perverso demais, desperta no

espectadores a reflexão e a dúvida do que é certo e errado em relação as práticas humanas cometidas contra os animais. Essas cenas causam sentimentos de raiva, repulsa, justiça, revolta, compaixão, piedade, incerteza, tristeza, ansiedade, medo, entre outros no espectador, o que permite estabelecer um campo de tensão (BAITELLO, 1994) para que as mensagens a respeito dos direitos animais e o uso de pele animal sejam divulgadas.

Outro ponto que merece destaque é a maneira como a senciência (SINGER, 2010) é representada através desta animação: Pongo é o narrador-personagem do filme e a todo momento dialoga com o espectador. Ele verbaliza os seus sentimentos, pensamentos, ponto de vista e emoção. Ele literalmente é um animal que ganha voz, uma das principais características da antropomorfização (VIZACHRI, 2014), criando um elo entre o espectador e os personagens, já que as emoções expressas pelos personagens como o medo em perder os filhotes, a raiva da vilã Cruela, o sentimento de amor entre a família, o sentimento de amizade e gratidão pelos animais que ajudaram no resgate dos filhotes, são compartilhados tanto pelos personagens, quanto pelo espectador.

O enredo de uma família de humanos que possui cachorros e os tratam com igualdade, amor, respeito, ética e os consideram como membros da família, é o retrato de muitas famílias na vida real. Ao projetar no personagens os desejos, sonhos, receios da vida real (MORIN, 1970), o espectador cria um vínculo com a estória, enxerga-se nela, se identifica, experimenta dos mesmos sentimentos e isso cria um campo de tensão (BAITELLO, 1994) que irá gerar novas informação, quais se tornaram conhecimentos, uma vez que por se familiarizarem com a estória, os espectadores possuem conhecimento prévio sobre o tema.

##### **(5) Aristogatas**

A animação conta a estória de uma família de gatos que são herdeiros da fortuna de sua tutora, Madame Adelaide, uma francesa milionária. Porém, o mordomo Edgar, para se tornar beneficiário da herança, abandona os gatinhos no interior da França. A mãe Duquesa e os seus três filhotinhos, Marie, Berlioz e Toulouse, contam com a ajuda do gato de rua Thomas O'Malley para voltar para casa.

O enredo do filme mostra o amor entre Madame Adelaide e seus gatos. Duquesa, Marie, Berlioz e Toulouse são personagens muito antropomorfizados (VIZACHRI, 2014) e, dentre todas as animações, são os que mais possuem características humanas físicas,

psicológicas e em seus hábitos. Além de falarem, eles agem como pessoas, usam jóias, têm aulas de piano, sabem regras de etiqueta, demonstram consciência de que pertencem a uma classe social alta, se alimentam de comida gourmetizada, têm um espaço na casa projetado especificamente para eles, possuem um mordomo e se relacionam com Madame Adelaide como se fossem humanos, compreendendo racionalmente tudo o que ela fala.

Madame Adelaide trata os gatos como se fossem seus filhos e, conseqüentemente, deixa toda sua herança para eles. Além disso, os demais personagens humanos também tratam Duquesa, Marie, Berlioz e Toulouse como se eles fossem seres humanos. Seres de direito (FRANCIONE, 2015) é a forma como os personagens animais são reconhecidos moralmente no filme.

O mordomo Edgar é o antagonista do filme que, para ficar com a fortuna de Madame Adelaide, coloca sonífero na comida dos gatinhos e os abandona na zona rural, bem longe da cidade, durante a madrugada. Os gatinhos ao despertarem em meio a chuva, sentem pela primeira vez pânico, confusão, incerteza, medo, ou seja, são seres sencientes (SINGER, 2010). Ao tentar voltar para casa, eles conhecem o gato de rua Thomas O'Malley. Durante a aventura para tentar regressar para casa, Duquesa e os filhotes experimentam a vida de muita diversão nas ruas ao lado de O'Malley. Duquesa e o gato se apaixonam.

Neste contexto os espectadores são conduzidos a sentir raiva, frustração, justiça (em relação a atitude do mordomo), piedade, compaixão, amor, fraternidade, incerteza (por Duquesa e os filhotinhos na situação em que se encontram), felicidade, sede por justiça, ansiedade, (pelo desfecho do futuro de todos os gatos e o relacionamento amoroso entre Thomas e Duquesa) e muitos outros sentimentos que levam o espectador a torcer pela vitória dos felinos. São esses sentimentos que permitem estabelecer um campo de tensão, que atuará divulgando uma mensagem (BAITELLO, 1994), neste caso, informando sobre o abandono, direitos dos animais à uma vida digna, sem sofrimento ((PRIMATT, 1776; SALT, 1900; REGAN, 2006; SINGER, 2010; LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012; FRANCIONE, 2015; RYDER, 2017), a crença de que os animais são seres sencientes e por isso devem ser considerados de maneira igual (SINGER, 2010) como sujeitos de direito, reconhecidos moralmente (FRANCIONE, 2015).

Como desfecho, os gatinhos conseguem regressar para casa, o Mordomo é expulso pelos animais e O'Malley é adotado pela Madame Adelaide, que mostra que independente da

raça todos os animais têm direito de ser felizes, tratados com dignidade e considerados como membro da família, características defendidas pelas linhas filosóficas abolicionistas e bem-estarista (PRIMATT, 1776; SALT, 1900; REGAN, 2006; SINGER, 2010; LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012; FRANCIONE, 2015; RYDER, 2017).

#### **(6) A Fuga das Galinhas**

O filme conta a estória das galinhas que vivem na granja da Sra. Tweedy, localizada no interior da Inglaterra. A vida das galinhas é limitada: elas devem produzir ovos e, quando não são capazes de exercer a função, são mandadas para a panela. Ginger, a líder revolucionária do grupo, sonha com a liberdade e uma vida melhor para todas as galinhas e, por isso, cria vários planos na tentativa de fugir da granja. Quando uma de suas tentativas é frustrada pelo Sr. Tweedy, o galo Rocky cai direto do céu como uma resposta para Ginger. Os dois se apaixonam e começam a trabalhar juntos para fugir da granja. Com todas as galinhas empenhadas no plano de fuga, a produção de ovos cai e a Sra. Tweedy decide transformar a granja em uma fábrica de tortas de frango. Desta maneira, o galinheiro todo tem que encontrar uma maneira de fugir o mais rápido possível.

Observa-se que a animação mostra muitos aspectos especistas em seu enredo: a Sra. Tweedy explora as galinhas como um recurso profissional e financeiro, pois as galinhas são vistas como “coisa”, para ela. Durante toda a animação o Sr. Tweedy tenta alertar a senhora Tweedy de que as galinhas são racionais e estão bolando um plano, entretanto a Sra. Tweedy afirma que galinhas não sentem e não pensam. O domínio total dos personagens humanos em relação as galinhas, apresenta as características antropocêntricas (BOFF, 2012; ROLLA, 2016) típicas de um relacionamento em que o homem se considera superior à natureza e por isso sente-se no direito de fazer com ela o que quiser. Além das galinhas viverem limitadas ao trabalho e à vida em cativeiro e serem consideradas como um número (cada galinha tem um código numérico na granja e não nomes), outro exemplo de conduta antropocêntrica é o ato da Sra. Tweedy transformar a granja em uma fábrica de tortas de frango para obter mais lucro. A fábrica de frangos simboliza o genocídio/biocídio das galinhas.

Os maus-tratos e indiferença dos personagens humanos para com as galinhas são bastante ilustrados no relacionamento entre o Sr. Tweedy e Ginger. Ginger representa todo o galinheiro ao demonstrar sentir medo dos seres humanos diante de todas as ameaças e

perseguições sofridas, porém, sua coragem e desejo de viver em liberdade se tornam maior do que o medo de ir para a panela. Durante a animação Ginger é perseguida pelo Sr. Tweedy, que a tortura muitas vezes ao trancá-la em um pequeno porão sem água, luz e comida por vários dias. A sustentabilidade presume que os animais sejam tratados de maneira ética, digna e tenham suas vidas respeitadas (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012), porém, o filme mostra um relacionamento de abusos, exploração, maus-tratos, biocídio cometidos contra os animais.

Durante a animação há uma cena muito marcante que representa o biocídio cometido pelos personagens humanos. Nesta cena, ao fazer a contagem de rotina da quantidade de ovos produzidos, Sra. Tweedy percebe que uma das galinhas não conseguiu produzir a quantidade mínima de ovos estabelecidos por ela, por isso, decide matá-la para cozinhá-la. Então uma sucessão de imagens fortes causam reflexão: primeiro o modo como o Sr. e a Sra. Tweedy manipulam os animais, pegando a galinha pelo pescoço e demonstrando desrespeito ao animal. Em seguida uma música triste e o barulho do corvo substituem as falas dos personagens e narra os acontecimentos em que a galinha é levada até a casa e a porta escura se fecha, sinalizando para as demais galinhas o final trágico que está por vir. Do telhado da casa Ginger consegue ver a Sra. Tweedy com uma marreta na mão, logo depois uma sombra é projetada na parede expondo a morte da amiga. Todas as galinhas ouvem o momento em que a amiga é degolada e todos os personagens animais demonstram sofrimento, luto, dor, revolta, raiva, medo, tristeza.

A cena (imagem, trilha e frase) causa no espectador sentimentos de raiva, repulsa, tristeza, luto, justiça, incerteza, entre outros e estabelece um campo de tensão (BAITELLO, 1994) em que a mensagem a respeito dos animais que são considerados como comida, passa a ser questionada e causa grande reflexão, uma vez que a animação expõe os animais como seres sencientes (SINGER, 2010), que possuem interesse em não sofrer e morrer e desejam ser livres e felizes. As características antropomorfizadas (VIZACHRI, 2014) dos animais como a fala retratando seus sonhos e pensamentos, a senciência, os atos, o amor entre Ginger e Rockey, a amizade entre as galinhas, o medo, a raiva e o ódio, que sentem dos humanos as vestimentas, causam uma ligação do espectador com os personagens, pois os espectadores se identificam os sentimentos dos personagens (SERPELL, 1996). Entretanto, os espectadores compreenderão a mensagem em níveis diferentes, uma vez que a informação absorvida dependerá do conhecimento prévio de cada indivíduo.

O destino trágico das galinhas sofre uma reviravolta quando elas, com ajuda de Rockey, se rebelam contra os personagens humanos. As galinhas se vingam, jogam os personagens humanos no maquinário de torta de frango, destroem a granja e conseguem fugir. Elas encontram um paraíso para morar onde não há nenhum humano, cativeiro, exploração, sofrimento, medo, biocídio. Elas vivem felizes, livres, como sujeitos de uma vida, características referentes a linha filosófica abolicionista dos direitos dos animais, que acredita que o uso dos animais deve ser totalmente abolido (REGAN, 2006).

### **(7) Spirit: O Corcel Indomável**

A animação conta a estória de Spirit, um Corcel e líder da sua família de cavalos no velho oeste (século XVII). O corcel é capturado pelos homens que estão naquele território com o intuito de colonizar o espaço e transformar parte do *habitat* natural em uma ferrovia e um local civilizado. Depois de capturado, Corcel é levado para o lugar em que os homens estão acampados, lá todos tentam domá-lo, mas nenhum obtém sucesso. O chefe que comanda a equipe de colonizadores, conhecido como Coronel, é um homem frio e impiedoso, que faz de tudo para transformar a vida de Spirit em muito sofrimento. Enquanto esta preso, Spirit conhece o índio Lako, que também foi capturado e torturado pelos homens. Ao tentar lutar pela liberdade, os dois desenvolvem uma grande amizade. Spirit é levado para a aldeia de Lako e lá conhece e se apaixona pela égua Rain. Apesar de estar em um ambiente natural, cercado por pessoas que cuidam de cavalos, Spirit não permite-se ser domado e anseia por reencontrar a sua família.

O filme retrata as diferentes maneiras em que o relacionamento entre os homem e os animais acontece: a maneira especista e antropocêntrica e a maneira sustentável e abolicionista.

O conteúdo especista e antropocêntrico é retratados através do relacionamento entre os homens branco e a natureza. Coronel e seus homens acreditam que os animais devem servi-los e obedece-los custe o que custar. Quando Spirit se recusa a ser domado, o Coronel manda amarrá-lo no meio do piquete ao relento, tomando chuva, sol, vento, frio e deixando-o passar fome e sede. Os maus-tratos físicos e psicológicos que o corcel sofre são frutos de uma visão especista (RYDER, 2017) em que o homem acredita que, por causa dos animais pertencerem a uma espécie diferente, eles são inferiores aos seres humanos.

A maneira como Coronel e sua equipe interagem com a natureza, vai contra tudo o que a sustentabilidade acredita: o homem branco tenta colonizar o *habitat* natural, tornando-o um local civilizado e que gere um retorno financeiro. Por isso, para conseguir as terras eles matam os índios, os capturam e escravizam. As ações de biocídio e genocídio, além da exploração e destruição da natureza retratam a conduta antropocêntrica dos personagens. Alguns dos valores prezados pela sustentabilidade podem ser encontrados na Carta da Terra. O documento divulgado em 2000 (dois anos antes do lançamento de Spirit: O Corcel Indomável), assegura que todos os seres vivos devem ser tratados com respeito e consideração, e que é dever dos seres humanos proteger os animais selvagens da caça e armadilhas e evitar/eliminar a captura e destruição de espécies (*vide* quadro 1).

Em oposição ao relacionamento insustentável estabelecido por Coronel e seus homens, o índio Lako e sua aldeia se relacionam com os animais e a natureza de maneira ética, considerando-os como seres de direito à qualidade de vida. Sob esse olhar os animais devem ser respeitados, cuidados, tratados com misericórdia (PRIMATT, 1776; SALT, 1900). Para os índios o homem faz parte do reino animal, portanto tem o mesmo valor do que qualquer outro ser vivo, como também tem o mesmo valor da natureza, já que um depende do outro (CAPRA, 2006; ROLLA, 2016). Por isso, ao ver o sofrimento de Spirit por estar longe de sua família e vivendo como um cavalo doméstico, Lako abre mão tanto do corcel selvagem, quanto da égua Rain, pois os ama e respeita a liberdade dos animais, deixando-os viverem ao lado da família de Spirit no *habitat* natural, longe de todos os seres humanos. A atitude do personagem Lako reforça a ideia da linha filosófica abolicionista de que os animais devem ser tratados com igualdade e ter todos os seus direitos respeitados, principalmente o direito à vida, de ser feliz, não sofrer e ser livre (REGAN, 2006), pois são seres sencientes (SINGER, 2010).

A mensagem sobre o relacionamento especista, antropocêntrico e sustentável entre os personagens é bastante complexa para o público infantil, pois, para entender o poder do homem branco imposto aos índios, aos animais e a natureza em sua totalidade, o espectador depende do conhecimento prévio que ele possui sobre a história de colonização do mundo. Por isso, quanto mais velha a criança for, mais ela irá compreender a mensagem (KAYE, 1995; MORIN, 2002). Entretanto, os sentimentos ilustrados pelo personagem Spirit como o medo do homem branco, a amizade com o índio Lako, o sofrimento em estar em cativeiro

passando fome, sede, frio, o sofrimento ao ser tirado de sua família e sentir saudades, o amor que ele sente pela égua Rain causam no espectador empatia, pois as crianças conseguem se identificar com os sentimentos e necessidades dos animais. Desta maneira é criado um campo de tensão (BAITELLO,1994) em que a lição de moral do filme é divulgada, neste caso ela ensina que quando se ama alguém, deve-se respeitá-lo e deixá-lo livre para escolher a maneira como quer ser feliz.

### **(8) Procurando Nemo**

O filme conta a estória de Nemo, um peixe-palhaço que vive com o pai chamado Marlin em um anêmona no fundo do oceano. Por ter perdido a esposa e os filhos em um terrível acidente, Marlin é um pai extremamente super-protetor, o que faz com que haja alguns conflitos familiares entre ele e Nemo. Durante uma destas discussões, Nemo é capturado por um mergulhador e é condenado a viver em um aquário no consultório do dentista que o capturou. Marlin entra em uma busca incessante ao lado de Dory para encontrar o seu filho, ao mesmo tempo em que Nemo e os outros peixes do aquário bolam um plano para que o peixinho-palhaço não seja dado a Darla, sobrinha do dentista e conhecida por matar sem querer todos os peixes.

Nemo é um peixinho que tem uma ligação muito forte com o seu pai. Ele está sempre feliz, cheio de energia e brincando entre as anêmonas do mar. Ao contrário de seu pai que possui muitos traumas psicológicos devido a tragédia em ter perdido a sua família e por isso vive com medo e sofrendo relembrando o passado, Nemo anseia por desbravar o mar e fazer amizades na escola. O senso de proteção originado pelo medo de ser capturado por pescadores ou morto por algum predador, desperta em todos os habitantes marinhos o instinto de sobrevivência e a escola serve para ensinar os peixinhos sobre como sobreviver à vida marinha. Esses sentimentos demonstram que os personagens animais são seres sencientes (SINGER, 2010). O modo como a vida no fundo do mar é estruturada, mostra que os animais são antropomorfizados (VIZACHRI, 2014), uma vez que eles se chamam pelo o nome, vão a escola, possuem hábitos humanos como funções profissionais, casa, noção de certo e errado, etc.

O instinto de sobrevivência não é suficiente para proteger Nemo de ser capturado por um mergulhador, exaltando a fragilidade dos animais diante do domínio e superioridade

humana. Apesar da ação do mergulhador ser antropocêntrica e especista por capturar um peixe e colocá-lo em um aquário (cativeiro), o personagem humano expressa que sua atitude foi feita pelo bem do animal. Em um dos seus diálogos ele afirma que capturou Nemo, pois acreditava que se não o tivesse feito, o peixinho não iria conseguir sobreviver a grandeza do oceano. O dentista demonstra sentimento de compaixão e cuidado pelo peixe, comprovados pelo seu cuidado e dedicação ao aquário, saúde e bem-estar dos animais. Essa visão do dentista refere-se a linha filosófica bem-estarista de Peter Singer (2010).

Apesar da boa intenção do dentista, a falta de conhecimento dele a respeito do real bem-estar animal vai de encontro com as ideias defendidas pela sustentabilidade. A Cúpula do Milênio e os documentos Carta da Terra e ODM, ambos ocorridos e declarados em 2000, prevêm que seja reduzida a destruição da biodiversidade marinha e que a pesca responsável por causar sofrimento extremo, prolongado ou evitável seja impedida (*vide* quadro 1).

Nemo e os outros peixes do aquário anseiam pela liberdade. Apesar de ter bem-estar no aquário, eles sonham em poder serem totalmente livres e retornar ao *habitat* natural, assim como a linha filosófica abolicionista (REGAN, 2006) prevê que aconteça. Esse desejo se intensifica com o medo de Nemo ser morto ao ser considerado como bicho de estimação de Darla. O enredo que mostra os peixinhos do aquário correndo contra o tempo para salvar Nemo e também exibe a saga de Marlin e Dori tentando encontrar o peixinho-palhaço, causa no espectador a ânsia pela justiça de ver os peixinhos felizes, vivos, livres. O espectador se sensibiliza e torce para que tudo acabe bem, pois se colocam no lugar do pai e do filho. Esses sentimentos criam um campo de tensão que permite ao indivíduo receber e interpretar a mensagem (BAITELLO, 1994) sobre o fato de que os peixes também são seres sencientes, que têm família e na maioria das vezes o melhor lugar para eles não é no aquário e sim em liberdade.

## **(9) Os Sem-Floresta**

A animação conta uma estória sobre os animais da floresta que acordam da hibernação e descobrem que mais da metade de seu *habitat* foi desmatado para ser urbanizado. A floresta agora é delimitada por uma grande cerca verde, a qual os animais chamam de Steve. Do outro lado de Steve fica um condomínio de luxo habitado por vários humanos. A família de animais coletores que é composta pela tartaruga Verne, o esquilo Hammy, a gambá Estela, o

rato selvagem Ozzie e sua filha Heather, o casal de porcos-espinhos Lou e Penny com seus três filhinhos, fica apreensiva perante a novidade. É neste contexto que um guaxinim chamado RJ, encontra no grupo de animais a possibilidade de coletar em uma semana toda a comida que, durante um roubo frustrado, ele destruiu de um urso chamado Vincent. Correndo contra o tempo, para não ser comido pelo urso, RJ passa a liderar os coletores contando a mentira de que ele quer fazer parte da família. O guaxinim familiarizado com a urbanização, o homem e, principalmente, com a comida industrializada, convence os outros animais a deixarem o medo de lado e se aventurarem no *habitat* urbano, afim de conseguirem mais comida e ferramentas divertidas. Entretanto, Nancy, uma moradora do novo condomínio e dona do gato Tiger, detesta os animais da floresta, os quais ela chama de pestes. Assim, a nova vizinha dos animais chama o exterminador de animais para matá-los.

A nova vizinhança assusta os animais, que agora terão que lidar com a escassez da comida, uma vez que as árvores frutíferas e outros, foram tirados para ceder lugar às casas. Este é a primeira consequência da destruição da natureza pelo homem, que passa a atuar como um predador dos animais da floresta ao transformar o *habitat* natural em *habitat* urbano. Para a sustentabilidade a questão do *habitat* é um dos principais temas quando diz a respeito dos direitos animais. A sustentabilidade prevê em seus eventos e documentos desde 1972, durante a Conferência de Estocolmo e no documento Manifesto Ambiental, que o homem tem o dever de preservar, conservar e administrar o patrimônio da fauna silvestre e seu *habitat* (*vide* quadro 1).

O filme mostra que os animais silvestres (agora classificados como sinantrópicos) invadem as cidades em busca de alimento, retratando o que acontece na vida real. Na animação a personagem Nancy ilustra a reação de alguns humanos ao demonstrar medo, nojo e preconceito diante dos animais desconhecidos que invadem sua casa e seu condomínio, revirando os lixos e as casas. Para a personagem a presença dos animais desvaloriza a propriedade, por isso ela contrata um exterminador para matar os animais custe o que custar, instalando até mesmo uma armadilha ilegal. Inclusive o gato da personagem compartilha da mesma opinião sobre os animais selvagens. Essa visão de Nancy retrata o pensamento antropocêntrico (BOFF, 2012) e especista (RYDER, 2017). Posteriormente a vilã e o seu comparsa são presos pelo crime cometido.

Além de Nancy e o exterminador, outro antagonista do filme é o urso Vicent. Enquanto trabalham para coletar o maior número de comida possível, RJ e a família de coletores estabelecem uma forte amizade e o grupo passa a considerar o guaxinim como membro familiar. RJ também os enxerga da mesma maneira e sente-se arrependido por estar omitindo a verdade em relação a comida e a Vicent, ou seja, os personagens animais demonstram-se serem sencientes (SINGER, 2010). Durante a trama o espectador é levado a ter compaixão do guaxinim, sentir medo pelos animais diante da incerteza se eles serão mortos pelos personagens humanos e por Vincent, a torcer para que a família se mantenha unida e perdoe RJ e que a vilã Nancy e o exterminador sejam punidos. Os sentimentos de pena, compaixão, justiça, incerteza, raiva, medo, ansiedade, fraternidade, entre outros, estabelece um campo de tensão (BAITELLO, 1994), em que a mensagem sobre a destruição do *habitat* natural, o desrespeito à natureza, o biocídio, o preconceito contra os animais, os animais como sujeitos de uma vida que possuem o direito de não sofrer, não morrer e viver felizes em liberdade no *habitat* natural (aspectos retratados na linha abolicionista e bem-estarista (REGAN, 2006; SINGER, 2010), podem ser percebidas pelo espectador.

### **(10) Ratatouille**

O filme conta a estória de Remy, um rato que sonha em se tornar um grande chef de cozinha em Paris, inspirado pelo seu herói, o chef Auguste Gusteau. Ao lado de Linguin (herdeiro de Gusteau), o ratinho tenta realizar o sonho de se tornar um cozinheiro.

No enredo família de Remy se mostra ser contra ideia de Remy se tornar um chef, uma vez que acreditam que lugar de rato não é na cozinha e sim no esgoto, pois o mundo dos humanos é muito perigoso para animais como eles. A preocupação do pai Remy é legítima, uma vez que os ratos são vistos na sociedade como pestes, animais nojentos e indesejáveis. Para convencer o filho a ficar longe dos humanos, o pai do ratinho mostra lojas de exterminadores de animais, em que há ratos mortos pendurados na vitrine sinalizando o biocídio cometido e muitas ferramentas tortura usadas para tal ato. A cena se passa durante a noite, em um tempo chuvoso, com céu bem escuro e nuvens carregadas, dando o tom sombrio a cena, atenuado pelo som dos trovões. Essas cenas evidenciam o sentimento de medo que os ratos sentem pelo homem. Isso demonstra que os personagens animais são seres sencientes (SINGER, 2010).

O preconceito que os ratinhos sofrem pode ser presenciado em várias cenas. Logo no início do filme, Remy e sua família são perseguidos por uma senhora que tenta matá-los, o ratinho acaba se perdendo dos outros ratos, ao ficar para trás para tentar levar consigo o livro de receitas de Gusteau, o qual roubou da casa da velhinha. Remy passa a morar no esgoto sozinho e sente-se derrotado. Quando o ratinho está no auge do seu sentimento de tristeza e desamparo, a figura de Gusteau aparece para Remy como a voz da consciência que o motiva a não desistir. Ao voltar para cidade o ratinho percebe que durante todo este tempo esteve bem próximo ao restaurante de seu ídolo. Durante uma visita ao restaurante, ele é pego em flagrante pela equipe da cozinha, que manda Linguini, o faxineiro atrapalhado, matar o ratinho, evidenciando as características especistas (RYDER, 2017) que definem o relacionamento entre os personagens humanos e os ratos.

Ao levar o rato para fora do restaurante e tentar seguir as ordens para matá-lo, Linguini o encara nos olhos, se arrepende, solta o animalzinho e pede que ele fuja para um lugar seguro. No final do expediente os dois acabam se encontrando e Linguini leva Remy para casa. Lá o ratinho revela os seus dotes culinários ao preparar o café da manhã como maneira de agradecer o humano por ter poupado sua vida e ser tão hospitaleiro.

Remy é um dos personagens mais antropomorfizados dentre as treze animações, pois além de falar com os outros ratos, ele age como humano ao cozinhar. O ratinho ganha características humanas ao apresentar pensamentos complexos como o sonho de se tornar um chef de cozinha, a ansiedade em dar o seu melhor como cozinheiro, o fato de ter sua consciência retratada através das aparições de Gusteau, além de demonstrar raciocínio lógico em suas ações e pensamentos e se destacar até mesmo entre os outros ratos sendo considerado o estranho do bando por ter desejos que só os humanos podem realizar.

O relacionamento entre Remy e Linguini é o que dá o tom ao filme, ao trazer reflexões sobre os direitos animais. Linguini trata Remy com igualdade, como se o ratinho fosse um ser humano. Além de demonstrar compaixão pelo animalzinho e considerá-lo como sujeito de uma vida ao poupá-lo da morte, Linguini acredita que Remy tem o direito de realizar seus sonhos e ter uma vida digna como qualquer indivíduo. Linguini considera Remy como sua família, seu melhor amigo e luta pela vida e os direitos do ratinho, dando, literalmente, voz ao personagem ao deixar Remy controlar seu copo para realizar o sonho de cozinhar. O pensamento de Linguini a respeito do ratinho, baseia-se na linha filosófica abolicionista

(REGAN, 2006). A visão que o herdeiro de Gusteau tem em relação a Remy se estende aos demais ratos.

Assim como Linguini, Remy também demonstra o sentimento de amor, carinho, amizade, gratidão por Linguine. Ele luta pela felicidade de seu amigo, a ponto de sacrificar sua vida por ele. O relacionamento dos dois é tão forte que eles, literalmente, se tornam um só personagem. Eles dependem um do outro e só obtém sucesso em todas as áreas da vida, se estiverem juntos. Logo, o espectador não consegue pensar em Remy sem Linguini e vice-versa. Isso ilustra a tese de Serpell (1996) acredita que as crianças enxergam os animais como pessoas, baseadas em suas relações familiares, ou seja, elas se identificam com as necessidades e desejos dos animais. Por isso, a antropomorfização dos animais desperta sentimentos no espectador e cria um campo de tensão propício para ensinar valores e criar elos (BAITELLO, 1994; SERPELL, 1996).

O amor e amizade entre Remy e Linguini faz com que os outros personagens também mudem de ideia sobre o ratinho e passe a considerá-lo, juntamente com os outros animais, como sujeito de direito. O campo de tensão estabelecido no filme, passa a mensagem sobre a compaixão para com os animais, o cuidado, o respeito à vida e a amizade entre os humanos e os demais seres vivos. O espectador é levado então, a mudar de ideia sobre os ratos, pois ao se identificarem com o medo demonstrado pelas outras pessoas, são convencidos de que, assim como os outros personagens da animação, eles também podem tentar mudar o jeito de olhar para os ratos.

### **(11) Bolt - Supercão**

O filme conta a história de Bolt, um cachorro que é uma estrela de TV e interpreta um personagem que possui superpoderes. Ele atua ao lado de sua tutora e melhor amiga Penny que o adotou em um abrigo de animais ainda quando Bolt era um filhotinho. No seriado ele vive um super-herói que sempre salva Penny do vilão Dr. Calico, entretanto, o cãozinho não consegue distinguir o que é a vida real e o que é ficção e acredita que possui superpoderes, isso faz com que ele se envolva em diversos problemas. Durante a gravação de um episódio, Penny é sequestrada pelo vilão, porém, ao ser induzido pela equipe do seriado a acreditar que o sequestro é real, Bolt acaba se perdendo pela cidade em busca de Penny e é forçado a encarar a vida fora do estúdio de gravação.

A animação retrata e exploração animal para fins de entretenimento. Os produtores do seriado, para conseguirem uma atuação perfeita, visando lucro financeiro, enxergam Bolt como um recurso e o mantém em cárcere privado para que ele acredite que tudo o que acontece na série é real, até mesmo os seus superpoderes, mesmo que isso coloque a vida do cachorro em risco. A tutora de Bolt, Penny, apesar de não concordar como o modo que a série é conduzida, é induzida a aceitar pela mentiras contadas pelo diretor. Os produtores da série não consideram Bolt como um sujeito de direito e provocam uma série de maus-tratos psicológicos no cãozinho. As consequências são sérias e Bolt acaba perdido na cidade sem ter consciência de todos os perigos que está exposto. Essas ações dos personagens humanos em relação a Bolt, vão contra as crenças pregadas pelas linhas filosóficas abolicionista (REGAN, 2006) e bem-estarista (SINGER, 2010) dos direitos animais e também contra a ética, o cuidado e o respeito à vida previstos pela sustentabilidade (LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012).

Enquanto tenta voltar para casa, Bolt faz amizade com a gatinha Mittens e o hamster Rhino, que o ajudam a tentar encontrar Penny. Durante a aventura, Bolt passa por experiências que ele nunca viveu antes: ele passa frio, fome, sente medo, se machuca, sente dor, fica frustrado, entre outros. Além disso, o cão se queixa constantemente de saudades de Penny, demonstrando grande sofrimento por estar longe da humana que tanto ama e adora, ou seja, as emoções experimentas por Bolt, o caracterizam como um animal senciente (SINGER, 2010).

O cãozinho acaba descobrindo que sua vida é uma mentira e ele não é um super-herói. Mesmo assim, seu amor e amizade por Penny não o deixam desistir de voltar para casa, mesmo sendo advertido por Mittens que os humanos não são confiáveis, pois sempre abandonam e substituem os animais. A gatinha expressa esse pensamento, porque foi abandonada por seus donos e por isso foi obrigada a viver nas ruas. Esses fatos demonstram que ações como maus-tratos, abandono, exploração, privação de liberdade, são especistas (RYDER, 2017) e antropocentristas (BOFF, 2012).

O fato dos personagens principais serem animais domésticos populares, faz com que o espectador se identifique com Penny e os animais. A sequência de cenas finais mostram Bolt arriscando a sua vida para salvar sua melhor amiga de um incêndio e a família reunida com dois novos membros: Mittens e Rhino. A sequência de cenas durante o filme que mostram o amor e amizade entre o cãozinho e sua melhor amiga, provam no espectador sentimentos

como ternura, amor, felicidade, alegria, etc. e estabelecem um campo de tensão (BAITELLO, 1994) que transmite a mensagem sobre a amizade e o amor entre as crianças e os animais e o dever de proteger, cuidar, amar e dar uma vida digna aos animaizinhos de estimação.

## **(12) Rio**

A animação conta a estória de Blue, uma ararinha azul que nasceu no Rio de Janeiro, porém foi capturada na floresta por contrabandistas e levada até os Estados Unidos para ser comercializada. Chegando em terras americanas, seu destino acaba cruzando com o da personagem Linda, uma humana. Ela adota Blue e eles se tornam melhores amigos e vivem tranquilamente em um apartamento/livraria de Linda. Por causa da espécie da ararinha azul correr risco de extinção, Blue e Linda são convidados por um cientista brasileiro chamado Dr. Barbosa, para regressar ao Brasil e tentar salvar a espécie, entretanto, ao chegar no país, Blue e Jade (a última ararinha fêmea) são sequestrados por contrabandistas que pretendem vender os pássaros ilegalmente.

Logo no início do filme, a narrativa disserta a respeito da importância de Linda e Blue irem para o Brasil com o objetivo de tentar salvar a espécie da ararinha azul da extinção. Apesar deste fato estar explícito através das falas do Dr. Barbosa ao explicar para Linda sobre a extinção, o espectador só poderá compreender a informação sobre o tema, caso possua um conhecimento prévio sobre o assunto. Logo, quanto mais velha for a criança que assiste o filme, mais ela irá entender sobre o tema (PIAGET, 1972; MORIN, 2002).

Quando Blue e Jade se conhecem, dois mundos distintos entram em conflito. Blue é um animal não só antropomorfizado (VIZACHRI, 2014) como personagem por poder falar, como é um animal humanizado por sua tutora linda: ela o considera como humano e o trata como membro da família, Blue tem brinquedos de criança, se alimenta como da mesma comida que Linda e divide os mesmos hobbies que a tutora, além de estar sempre com ela. Blue possui mais características humanas, do que de sua própria espécie, o fato de que ele não sabe voar comprova isso. Jade por sua vez, é uma ararinha azul que não se conforma com o fato de estar engaiolada, ela tem preconceito contra animais que são considerados como de estimação e possui o espírito livre. Blue ilustra a linha bem-estarias (SINGER, 2010), enquanto Jade, apesar de estar presa, carrega em si os sonhos de viver uma vida livre, ou seja, crenças pertencentes a linha abolicionista (REGAN, 2006).

Uma das cenas mais simbólicas do filme é quando Blue aprender a voar e o sentimento de liberdade o faz relembrar de sua infância na floresta e recupera os seus instintos de volta. As imagens e a trilha sonora despertam no espectador sentimentos prazer, felicidade, alegria, etc. e cria um campo de tensão (BAITELLO, 1994) que passa a mensagem em que a liberdade é associada com felicidade.

Outro ponto importante é a amizade entre Blue e Linda retratada no filme. O sentimento de amor que eles nutrem um pelo outro atesta a senciência (SINGER, 2010) demonstrada pela ararinha azul. Linda trata Blue como membro da sua família e passa a maior parte do seu tempo ao lado da ararinha se dedicando totalmente aos cuidados e necessidades para com o animalzinho. A maneira ética em que acontece o relacionamento entre a humana e a ararinha, demonstra que Linda o considera como um sujeito de direito, que possui valor moral como qualquer humano. A amizade entre Blue e Linda despertam no espectador sentimentos como amor, fraternidade, amizade, felicidade, zelo, etc. e por isso cria um campo de tensão (BAITELLO, 1994) em que a mensagem sobre o cuidado para com os animais e a consideração destes como membros da família que aspiração dedicação e amor, são divulgadas.

Além da amizade entre a humana e o animalzinho, o filme narra a questão do tráfico de animais, crime muito popular na vida real. Durante a Convenção da ONU sobre a Diversidade Biológica, realizada no Rio de Janeiro em 1992, a extinção foi um tema enfatizado, devido a sustentabilidade prever a conservação da espécie para as gerações presentes e futuras (*vide* quadro 1).

O problema referente ao tráfico pode ser percebidos durante a narrativa. Uma das cenas do filme mostra a realidade do tráfico ao exibir um quarto com dezenas de animais de diferentes espécies engaiolados, sofrendo maus-tratos físicos e psicológicos em nome da exploração comercial. A mensagem a respeito do tráfico de animais ser considerado crime é retratada com clareza quando o filme mostra a figura da polícia envolvida no caso. A imagem da polícia é um signo (SAUSSURE, 2002) associado a justiça, desse modo, o espectador assimila o tráfico como uma ação errada, digna de punição. A cena também evidencia as ações antropocêntricas (HENRIQUE, 2006; BOFF, 2012) e especistas (RYDER, 2017) que desrespeitam os direitos animais e os enxergam como recursos.

Um dos grandes campos de tensões é criado no filme a partir das cenas em que o personagem Fernando está presente. Fernando é uma criança órfã da favela do Rio de Janeiro, que para conseguir um dinheiro para sobreviver, passa a trabalhar com os traficantes de animais. No entanto, ao presenciar o sofrimento dos animais engaiolados, e também o sofrimento sentido de Linda ao perder seu melhor amigo Blue, Fernando se arrepende e passa a ajudar a personagem e o Dr. Barbosa a recuperarem as ararinhas. Além do público infantil se identificar com o personagem da mesma idade, as ações de Fernando despertam no espectador sentimentos de bondade, compaixão, compreensão, sede por justiça, fraternidade, revolta, piedade, etc. estabelecendo um campo de tensão (BAITELLO,1994) em que a reflexão sobre o certo e o errado, a amizade, a honestidade, bondade, fraternidade podem ser feitas. Todavia, uma reflexão mais profunda a respeito da injustiça social que leva Fernando a vida do crime, pode ser feita, caso o espectador tenha um conhecimento prévio sobre o tema, gerando reflexões sobre a dimensão social da sustentabilidade.

### **(13) Ferdinando, o Touro**

A animação conta a estória de Ferdinando, um touro calmo e sensível que ama flores. Ferdinando nasceu em um cativeiro localizado em uma casa de criação de touros para touradas, chamada Casa Del Toro, onde seu pai é considerado um dos melhores touros. Porém, depois que seu pai morre durante uma tourada, Ferdinando entra em pânico, foge do cativeiro e acaba parando em uma fazenda de flores. O bezerro Ferdinando é adotado pela família e cresce feliz ao lado de sua melhor amiga, uma menina chamada Nina. Um dia, porém, ao visitar a cidade, Ferdinando é picado por uma abelha, e ao gritar de dor, os personagens humanos pensam que ele está enfurecido e vai atacá-los. O touro é levado ao seu cativeiro de origem e lá é obrigado a participar de touradas em Madri. O touro bonzinho entra em desespero, pois quer voltar para casa, mas ele ainda tem a missão de ajudar os outros amigos do cativeiro a terem uma vida digna, antes de regressar para a sua família.

O filme retrata a exploração dos animais para entretenimento. Para os personagens dos filmes que participam das touradas, os touros são vistos como animais sem sentimentos, que servem como recursos para fins profissionais, de entretenimento e financeiros. A prática da tourada em que um humano luta contra o touro e o mata, expressa a visão antropocêntrica (BOFF, 2012) e especista (RYDER, 2017) que os personagens humanos possuem em relação

aos animais de criação, inclusive ao chamar o antagonista do filme de " Matador". A sustentabilidade prevê que os animais sejam tratados com respeito e consideração. Além disso, no ano de 2015, a Agenda de 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, passou a incluir a questão da preservação genética em relação aos animais domésticos e de criação (*vide* quadro 1). Entretanto a prática retratada no filme em que um touro é criado geneticamente afim de melhorar a qualidade dos touros utilizados como recursos nas touradas, vai contra os valores sustentáveis.

Ferdinando é mostrado no filme como um animal senciente (SINGER, 2010), pois ele ama as flores, não gosta de brigar, procura ajudar e ser gentil com todos os animais, respeita a natureza, sente muito amor pelo seu pai e pela sua família, possui sentimento de amizade pela cabra Lupe, os ouriços e os outros touros, além de demonstrar outros sentimentos.

Tanto Ferdinando, quanto os outros touros não têm idéia de que as touradas são, na verdade, um evento em que os animais são mortos. Durante uma tentativa de fuga com o intuito de regressar para sua família após o acidente na cidade, Ferdinando entra na casa do dono da Casa Del Toro. Nas paredes, ele vê pendurado os chifres de todos os touros, inclusive de seu pai, que foram mortos durante as touradas e fotos mostrando a verdade por trás dessa prática. É neste momento que Ferdinando cria consciência do que a tourada significa. Assim, ele desiste de fugir e volta para o cativeiro para contar para os outros touros o que ele havia descoberto e tentar ajudá-los a fugir também. Nesta cena o espectador que possui um conhecimento prévio (KAYE, 1995; MORIN, 2002) é levado a entender com maior profundidade o tema tourada, ao, através do sentimento de empatia, se colocar no lugar de Ferdinando e compartilhar dos mesmos sentimentos de sofrimento, tensão, medo, insegurança, tristeza, etc. que estabelecem um campo de tensão (BAITELLO, 1994) responsável por gerar a reflexão através da informação.

A cena dos touros considerados incapazes de participar das touradas, sendo levados por um caminhão até o abatedouro de carne, também ilustra uma mensagem complexa divulgada pelo filme. A imagem ilustrada no caminhão que indica que o touro irá virar alimento é um signo (SAUSSURE, 2002) que só pode ser compreendido por indivíduos que tenham um conhecimento do significado de abate ao qual a imagem refere-se, por isso, quanto mais velha uma criança for, mais chance ela têm de compreender as mensagens complementares divulgadas pela narrativa (KAYE, 1995; MORIN, 2002).

Entretanto, as cenas que ilustram o abate e a tourada, mostram também o esforço de Ferdinando ao salvar seus amigos, mesmo diante da rivalidade e inimizade que alguns deles, como o touro Valente, demonstram. Esse fato pode ser percebido pelas crianças mais novas (PIAGET, 1972) e o campo de tensão (BAITELLO, 1994) estabelecido pelos sentimentos de amizade, incertezas, perdão, torna possível que a mensagem sobre a importância de ajudar e perdoar os amigos, sejam eles animais ou não, seja divulgada.

Outro ponto que deve ser destacado é a relação entre Nina, sua família e Ferdinando. Tanto Nina quanto seu pai, enxergam o touro como membro da família e o tratam com dignidade, respeito, amor, cuidado, carinho. Entretanto, Nina e seu pai têm consciência de que eles são excessivos a respeito da maneira que enxergam Ferdinando. O touro, por sua vez, também acredita ser membro da família, o que fica claro ao chamar o cachorro Paco de irmão, assistir TV com a família na sala, dormir no mesmo quarto de Nina, ter um espaço especial na cozinha, cuidar da plantação de flores, brincar no quintal com a família, entre outros. Essas características e outras mais evidenciam que Ferdinando é um personagem antropomorfizado (VIZACHRI, 2014).

A forma como Nina enxerga Ferdinando desperta no público infantil sentimentos como amor, amizade, compaixão, doçura, ternura, etc., uma vez que as crianças se identificam com a personagem Nina e também com os sentimentos demonstrados por Ferdinando. Logo, um campo de tensão (BAITELLO, 1994) é estabelecido em que o espectador é levado a refletir sobre o respeito, amor, carinho, cuidado demonstrados através da amizade dos personagens.

Durante o início do filme o espectador pode perceber o relacionamento de amor, carinho, cuidado e adoração que Ferdinando tem pela flor vermelha. A flor é um signo (SAUSSURE, 2002) que simboliza muitas coisas: além da consciência de Ferdinando, a flor se torna o símbolo de felicidade, liberdade, família e amor, quando o destino faz com que o touro se torne parte da família que mora em uma fazenda de flores. Ao chegar na fazenda, a primeira coisa que Ferdinando nota, é a flor no cabelo de Nina, neste momento ele sente segurança e percebe que sua vida mudou e já não sofrerá mais maus-tratos. As tardes dos melhores amigos são regadas de brincadeiras no quintal entre as flores e o cuidar da plantação.

Além desses significados em relação a flor, a cena final do filme também traz outro símbolo. A cena mostra Ferdinando obrigado a participar da tourada, o touro se sente com medo ao se ver diante da morte. Ele não quer lutar, apesar de o Matador tentar induzi-lo a tal ato. É no momento em que Ferdinando demonstra sentir confusão que a flor vermelha, igual a ilustrada na primeira cena do filme, aparece. O touro recupera sua consciência e decide não reagir aos gritos da platéia e a violência do Matador. Então, Ferdinando senta-se no meio da arena, pois decide ser fiel a sua essência e não machucar o Matador. Conscientemente, o touro coloca sua vida nas mãos do toureiro, pois ele prefere morrer ao matar. A platéia demonstra compaixão e piedade e pede para que o Matador deixe Ferdinando viver. O touro recebe uma segunda chance e, junto com todos os outros touros e animas, volta a viver ao lado de sua família na fazenda das flores. A flor na cena da tourada, simboliza a resiliência, a doçura, o amor e a senciência do animal. Ela marca o momento em que os personagens humanos do filme deixam de enxergar o touro como um objeto sem sentimentos, e passam a considerá-lo como sujeito-de-uma-vida, que sente dor, sofre, sente prazer e têm o interesse em não morrer, características das linhas filósificas abolicionista e bem-estarista dos direitos animais (PRIMATT, 1776; SALT, 1900; REGAN, 2006; SINGER, 2010; LOURENÇO; OLIVEIRA, 2012; FRANCIONE, 2015; RYDER, 2017). A simbologia por trás da figura do flor, é complexa e só pode ser notada por indivíduos que tenham um conhecimento prévio para assimilar (KAYE, 1995; MORIN, 2002) . Entretanto, os sentimentos de compaixão, piedade e misericórdia diante da situação de de Ferdinando, criam um campo de tensão (BAITELLO, 1994) no qual o espectador é levado a refletir sobre os sofrimentos causados pela tourada.

#### **4.2 Leitura das cenas**

No intuito de facilitar a visualização do roteiro da pesquisa na leitura quantitativa dos dados, opta-se por obedecer a mesma estrutura do roteiro para a apresentação dos resultados. A saber:

## PROBLEMATIZAÇÃO

### QUESTÃO 1 - *Problematização do enredo*

O cinema, é um dos exemplos de mídia terciária (BAITELLO, 1998), no qual o enredo proposto determina as características da informação enquanto coisa (formato), enquanto conhecimento (conteúdo) e enquanto processo em uma comunicação (JAZZUZZI; TÁLAMO, 2004), que se definem a partir da problematização traçada para os seus objetivos. Assim, nesta questão, procura-se identificar os principais problemas abordados pelas animações em relação aos animais tais como caça, pesca, tráfico, extinção, exploração, maus-tratos, entre outros indicados na tabela.

Tabela 1 - Problematização do Enredo

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Caça	1
Pesca	1
Tráfico	1
Extinção	2
Comercialização	3
Testes/ Vivissecação	0
Abandono/ Eutanásia como controle de natalidade	3
Discriminação/ Preconceito	6
Exploração: uso animal como entretenimento, trabalho etc.	6
Maus-tratos físicos/ psicológico contra os animais	11
Violência/Crueldade	11
Biocídio	8
Genocídio	5
Privação da liberdade/Cativeiro (circo, zoológico, aquário, outro)	7
Poluição/ destruição do meio ambiente	4
Zoofilia	0

FONTE: Autora da pesquisa.

A tabela mostra que das dezessete opções de respostas a respeito da problematização do enredo, quinze foram assinaladas. É importante ressaltar que nesta questão, mais de uma opção de resposta poderia ser selecionada. Logo, no total, foram geradas sessenta e nove respostas para as treze animações. As únicas opções não selecionadas foram os tópicos “Testes/Viviseção” e “Zoofilia”. As respostas mais assinaladas foram os tópicos “Maus-tratos físicos/psicológicos contra os animais” e “Violência/ Crueldade”, com onze marcações para cada uma delas. Logo em seguida, “Biócídio” aparece como o terceiro tópico mais abordado pelas animações, com oito marcações de resposta. “Privação da liberdade/Cativeiro (circo, zoológico e aquário)” aparece como o quarto tópico mais abordado pelas animações, com sete marcações de resposta. As opções “Exploração: uso animal como entretenimento, trabalho etc.” e “Discriminação/ Preconceito” foram assinalados seis vezes cada. O tópico “Genocídio” foi assinalado cinco vezes, enquanto a opção “Poluição/ destruição do meio ambiente” foi assinalada quatro vezes. Já os tópicos “Abandono/Eutanásia como controle de natalidade” e “Comercialização” foram assinalados três vezes cada. O tópico “Extinção” foi selecionado duas vezes e os tópicos “Caça”, “Pesca” e “Tráfico” foram marcados uma vez cada. Todos os filmes apresentaram mais de uma opção de problematização de enredo, isso demonstra que, muitas vezes, um problema está diretamente ligado a outro ou, até mesmo, um problema pode ser consequência do outro.

Ao elencar os problemas do enredo, se obtém uma ideia clara dos temas que serão abordados no filme, permitindo que os direitos dos animais que foram desrespeitados sejam assinalados dentro do conceito de sustentabilidade. Logo, “Maus-tratos físicos/ psicológicos contra os animais” e “Violência/Crueldade” foram as questões mais retratadas pelas animações, uma vez que, para a informação ser absorvida, presume-se que exista conhecimento prévio (KAYE, 1995; MORIN, 2002) , desta maneira, os maus-tratos e a violência são temas mais simples que fazem parte da rotina social do espectador. É por isso que os temas “Testes/ Viviseção” e “Zoofilia” não foram assinalados, já que são assuntos distantes da sociedade. Porém, o tópico “Zoofilia” além de não ser muito abordado na sociedade, não possui classificação indicativa livre, pois aborda um tema considerado denso para crianças.

QUESTÃO 2 - *Em relação as cenas que evidenciem a problematização do enredo descrita acima, de que maneira elas foram expostas?*

Esta pergunta visa identificar através de que maneira as cenas e problemas sociais foram retratados.

Tabela 2 - De que maneira as cenas que evidenciam problematização do enredo foram

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Frase (Fala do narrador ou do personagem)	12
Música	7
Imagens	13

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, mais de uma resposta poderia ser selecionada, uma vez que as animações podem apresentar mais de uma maneira de evidenciar a problematização. Assim, as três opções de respostas foram selecionadas trinta e duas vezes sendo que: todas as animações mostraram os problemas sociais expostos através de "Imagens", doze animações retrataram os problemas sociais através de "Frase (fala do narrador ou do personagem)" e sete animações utilizaram a "Música".

Com o propósito de situar o leitor a respeito das emoções, as imagens são mais utilizadas em cenas, uma vez que possuem apelo maior do que a palavra. Desta maneira, sentimentos como amor, fraternidade, medo, violência, incerteza, compaixão, dúvida, ódio, piedade, afeto, ternura, entre muitos outros, podem ser percebidos com maior intensidade pelo espectador, através do recurso das imagens, o que faz com que o indivíduo se identifique com a mensagem ilustrada, criando um elo entre os personagens e os espectadores. Esses sentimentos criam um campo de tensão que contribuirá para a assimilação da informação pelo espectador (BAITELLO, 1994; JANNUZZI; TÁLAMO, 2004). Além disso, o cinema como mídia terciária (BAITELLO, 1998) necessita da informação enquanto coisa (BUCKLAND, 1991), pois seu caráter tangível, permite que a informação seja representada de forma física através da imagem.

## AMBIENTE

### QUESTÃO 3 - *Em que espaço acontece o filme?*

Através desta pergunta pretende-se compreender de que maneira os *habitats* (artificial e natural) foram representadas nas animações e, conseqüentemente, o que isto representa em relação aos direitos animais.

Tabela 3 - Em que espaço acontece o filme?

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
<i>Habitat</i> natural aquático e terrestre	6
<i>Habitat</i> artificial - Cativoiro - Circo	1
<i>Habitat</i> artificial - Cativoiro - Zoológico	0
<i>Habitat</i> artificial - Cativoiro - Aquário	1
<i>Habitat</i> artificial - Cativoiro - Outro	5
<i>Habitat</i> artificial - Cidade e Zona Rural	10

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, mais de uma resposta poderia ser selecionada dentre as seis opções de respostas existentes, pois muitas vezes os filmes acontecem em mais de um espaço. Assim, através desta pergunta, obteve-se vinte e três respostas. Os resultados mostram que o espaço "*Habitat* Artificial - Cidade e Zona Rural" foi a opção mais assinalada com o total de dez marcações. Logo em seguida, "*Habitat* natural aquático e terrestre" aparece em segundo lugar com seis marcações, enquanto o tópico "*Habitat* Artificial - Cativoiro - Outro" foi marcado cinco vezes. Tanto o tema "*Habitat* Artificial - Cativoiro - Aquário" quanto o tema "*Habitat* Artificial - Cativoiro - Circo" foram assinalados apenas uma vez. Apenas o tópico "*Habitat* Artificial - Cativoiro - Zoológico" não foi assinalado.

Os dados mostram que a maior parte do filme ocorre em *habitats* artificiais retratados no espaço da cidade e da zona rural, já que são considerados como espaços mais conhecidos pelo espectador. Logo, reproduzir informações que já fazem parte do pré-conhecimento do espectador e da realidade em que ele está inserido, faz com que a mensagem divulgada seja assimilada com mais facilidade (KAYE, 1995; MORIN, 2002).

## PERSONAGENS

### QUESTÃO 4 - *Quem são os protagonistas?*

Esta questão tem como objetivo identificar quais filmes têm seus protagonistas representados por animais e humanos e quais têm apenas os animais como protagonistas e de que maneira isso influencia na representação do relacionamento entre homens e animais nos filmes.

Tabela 4 - Quem são os protagonistas?

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Animais	8
Animais e humanos	5

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, apenas uma resposta poderia ser selecionada dentre as duas opções de respostas existentes. Assim, pode-se afirmar que oito animações têm os "Animais" como protagonistas, enquanto cinco animações possuem "Animais e humanos" como protagonistas. O número de humanos protagonistas é baixo, já que os filmes procuraram retratar em seus conteúdos os seres humanos como antagonistas (vilões) e não como amigos dos personagens animais, uma vez que o enredo das animações traz em suas problematizações os principais conflitos entre os seres humanos e os animais. Para a mensagem ser divulgada para o público infantil, os personagens humanos devem ser retratados de maneira caricata que atenuie as características (signos) (SAUSSURE, 2002) que atribuem a eles o caráter de vilão, ou seja, para a informação ser assimilada pelo público infantil, ela deve ser abordada de maneira que ele consiga compreendê-la baseado em seu pré-conhecimento (PIAGET, 1972; KAYE, 1995; MORIN, 2002).

### QUESTÃO 5 - *A qual fauna os personagens animais pertencem?*

Esta pergunta tem como objetivo identificar o perfil biológico dos personagens animais para depois, em amplo contexto, analisar se os seus direitos estão sendo respeitados em relação as necessidades individuais de cada espécie representada nos filmes.

Tabela 5 - A qual fauna os personagens animais pertencem?

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Animal silvestre nativo	7
Animal silvestre exótico	4
Animal exótico invasor	1
Animal doméstico	13
Animal sinantrópico	8

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, mais de uma resposta poderia ser selecionada dentre as cinco opções de respostas existentes. Deste modo, houve trinta e três respostas no total, sendo que treze respostas se referem a presença de "Animal doméstico", oito referem-se aos "Animal sinantrópico", sete referem-se ao "Animal silvestre nativo". Além disso, quatro animações possuem a presença de "Animal silvestre exótico" e apenas uma animação apresentou a presença de "Animal exótico invasor".

Os espectadores estão mais familiarizados com os animais de estimação e de criação, do que com os demais, assim a opção "Animal doméstico" foi a mais assinalada, Logo,

Ao representar os animais domésticos através da animação, a mensagem a respeito dos direitos animais possui maior possibilidade de ser assimilada, uma vez que o espectador, está mais familiarizado com os animais de estimação e de criação. Desta forma o espectador poderá compreender a informação de melhor maneira, se ele se identificar e possuir um conhecimento prévio sobre o tema (PIAGET, 1972; KAYE, 1995; MORIN, 2002). Por esse motivo, "Animal doméstico" foi o tipo de fauna mais retratado pelas animações.

## CONDIÇÕES DOS PERSONAGENS ANIMAIS

### QUESTÃO 6 - *Percepção sobre os direitos animais*

Esta pergunta procura assinalar quais conceitos em relação aos direitos animais são representados/abordados nos filmes, a fim de compreender quais foram as principais mensagens divulgadas para o público-infantil.

Tabela 6 - Percepção sobre os direitos dos animais

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Apresenta os animais como “coisa”	9
Atribui valor monetário aos animais	6
Apresenta os animais como seres de direito	5
Apresenta conteúdo especista (acredita que as demais espécies são inferiores aos homens)	13
Mostra que os animais são sencientes (tem sensações e sentimentos de forma consciente)	13
Mostra que os animais possuem direito em não sofrer	5
Apresenta o domínio total dos seres humanos aos animais	10
Revela que os animais têm direito à natureza	7
Mostra os animais livres, sem serem submetidos aos homens	6
Aborda a questão da ética no relacionamento entre os homens e os animais	5
Apresenta conteúdo bem-estarista	10
Apresenta conteúdo abolicionista	8
Aborda a questão dos direitos e leis aos animais	5
Apresenta lição de moral a favor dos animais	4

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, mais de uma resposta poderia ser selecionada dentre as quatorze opções de respostas existentes, uma vez que a problematização do enredo pode apresentar diversas percepções a respeito dos direitos dos animais. Desta maneira, foi totalizado cento e seis respostas: sendo que todas animações apresentaram em seu conteúdo os tópicos "Mostra que os animais são sencientes (tem sensações e sentimentos de forma consciente)" e "Apresenta conteúdo especista (acredita que as demais espécies são inferiores aos homens)", dez apresentaram os tópicos "Apresenta conteúdo bem-estarista", nove abordaram o tópico "Apresenta os animais como “coisa”". Além disso, a opção "Apresenta conteúdo abolicionista" foi marcada oito vezes, a resposta "Revela que os animais têm direito à natureza" foi assinalada sete vezes, as opções "Atribui valor monetário aos animais, como a opção "Mostra que os animais possuem direito em não sofrer" foram selecionadas seis vezes. Por fim, as respostas "Aborda a questão dos direitos e leis aos animais", Mostra que os

animais possuem direito em não sofrer", "Atribui valor monetário aos animais" ficaram empatadas com cinco marcações cada, enquanto a opção "Apresenta lição de moral a favor dos animais" foi assinalada quatro vezes.

Todas as percepções sobre os direitos dos animais foram abordadas através das animações, entretanto as opções "Mostra que os animais são sencientes (tem sensações e sentimentos de forma consciente)" e "Apresenta conteúdo especista (acredita que as demais espécies são inferiores aos homens)" foram as mais assinaladas, porque todas as problematizações de enredo que representam os conflitos existentes no relacionamento entre os homens e os animais, possuem raízes especistas. Logo, todas as animações obrigatoriamente apresentam conteúdo especista. Além disso, os personagens animais dos filmes são antropomorfizados (VIZACHRI, 2014), uma vez que são representados com características humanas como a fala, interesses, hábitos (como o uso de roupa), ações, emoções, características psicológicas etc. É através da antropomorfização que os personagens animais demonstram serem sencientes, ou seja, possuem sentimentos de forma consciente (SINGER, 2010). Desta maneira, todo personagem animal representado nos filmes é antropomorfizado e, conseqüentemente, senciente (termo criado e usado pelos estudiosos dos direitos animais).

## SENTIMENTOS PRESENTES NO FILME

### QUESTÃO 7 - *Sentimento que prevalecem entre os personagens humanos e os animais*

Esta questão visa identificar quais são as características presentes no relacionamento entre os homens e os animais através das ações/sentimento dos humanos para com os animais.

Tabela 7 - Sentimentos que prevalecem entre os personagens humanos e os animais

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Os personagens humanos amam os animais	8
Os personagens humanos são indiferentes aos animais	8
Os personagens humanos não gostam dos animais	5
Os personagens humanos têm medo dos animais	6
Os personagens humanos maltratam os animais	12
Os personagens humanos querem usar os animais para seu próprio benefício (econômico)	8
Os personagens humanos possuem preconceito contra os animais	4
Os personagens humanos defendem/ajudam/lutam pelos animais e seus direitos	9
Os personagens humanos mudam de opinião sobre os animais	6

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, mais de uma resposta poderia ser selecionada dentre as nove opções de respostas existentes. Assim, obteve-se um total de sessenta e seis respostas sendo que: doze animações apresentam a resposta "Os personagens humanos maltratam os animais", nove abordam a resposta "Os personagens humanos defendem/ajudam/lutam pelos animais e seus direitos", oito animações apresentam as opções "Os personagens humanos amam os animais", "Os personagens humanos são indiferentes aos animais" e "Os personagens humanos querem usar os animais para seu próprio benefício (econômico)" em seus conteúdos. Além disso, os tópicos "Os personagens humanos têm medo dos animais", "Os personagens humanos mudam de opinião sobre os animais", foram marcados seis vezes, enquanto a opção "Os personagens humanos não gostam dos animais" foi assinalada cinco vezes e a resposta "Os personagens humanos possuem preconceito contra os animais" foi selecionada quatro vezes.

Todas as opções de respostas foram assinaladas, porém com frequências diferentes. Entretanto, a resposta mais marcada foi "Os personagens humanos maltratam os animais", uma vez que a problematização de enredo mais abordada pelas animações é os maus-tratos físicos e psicológicos cometidos contra os animais. Os maus-tratos cometidos pelos homens contra os animais é um tema popular que está sempre presente na vida do espectador. Desse

modo, para que a mensagem sobre os direitos animais seja assimilada da melhor maneira possível, os filmes procuram retratar situações com as quais os espectadores já conhecem, pois, quanto mais familiarizados os espectadores estiveres sobre o assunto, mais sentido a informação fará para eles (PIAGET, 1972; KAYE, 1995; MORIN, 2002; JANNUZZI; TÁLAMO, 2004).

#### QUESTÃO 8 - *Sentimento que prevalecem entre os personagens animais e os humanos*

Esta questão visa identificar quais são as características presentes no relacionamento entre os homens e os animais através das ações/sentimento dos animais para com os humanos.

Tabela 8 - Sentimentos que prevalecem entre os personagens animais e os humanos

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Os personagens animais amam os humanos	7
Os personagens animais são indiferentes aos humanos	5
Os personagens animais não gostam dos humanos	10
Os personagens animais têm medo dos humanos	13
Os personagens animais maltratam os humanos	1
Os personagens animais querem usar os humanos para seu próprio benefício (econômico)	0
Os personagens animais possuem preconceito contra os humanos	4
Os personagens animais defendem/ajudam/lutam pelos humanos e seus direitos	6
Os personagens animais mudam de opinião sobre os humanos	7

FONTE: Autora da pesquisa.

Nesta questão, mais de uma resposta poderia ser selecionada dentre as nove opções de respostas existentes. Assim, obteve-se um total de cinquenta e três respostas sendo que: a resposta "Os personagens animais têm medo dos humanos" foi assinalada treze vezes, a questão "Os personagens animais não gostam dos humanos" foi assinalada dez vezes, as opções "Os personagens animais mudam de opinião sobre os humanos" e "Os personagens animais amam os humanos" foram marcadas sete vezes. Além disso, seis animações abordaram em seus conteúdos o tópico "Os personagens animais defendem/ajudam/lutam pelos

humanos e seus direitos", cinco abordaram a opção "Os personagens animais são indiferentes aos humanos" e quatro abordaram o tópico "Os personagens animais possuem preconceito contra os humanos" em seu conteúdo. A opção "Os personagens animais maltratam os humanos" foi marcada apenas uma vez e a resposta "Os personagens animais querem usar os humanos para seu próprio benefício (econômico)" não foi assinalada nenhuma vez.

Nas animações os personagens humanos são, em sua maioria, retratados como antagonistas (vilões), porque maltratam os personagens animais através das práticas cometidas contra eles. Por sua vez, os personagens animais são antropomorfizados (VIZACHRI, 2014), pois possuem características humanas e por isso são retratados como seres sencientes (SINGER, 2010). Logo, diante dos maltratados sofridos, todos os personagens animais demonstram sentir medo. Além disso, o medo é a principal característica (signo) (SAUSSURE, 2002) usada para representar as consequências das práticas cometidas contra os animais, uma vez que a imagem do animal amedrontado causa no espectador sentimentos como raiva, incerteza, angústia, compaixão, piedade, justiça, etc. que estabelecem um campo de tensão (BAITELLO, 1994), o qual torna possível que a mensagem a respeito dos direitos dos animais, o relacionamento entre os homens e os demais seres vivos e sua questão ética perante a sustentabilidade, possam ser compreendidas e gerar reflexões. Dito isso, a opção "Os personagens animais têm medo dos humanos" foi a resposta mais presente quanto ao sentimento que prevalecem entre os personagens animais e os homens.

#### QUESTÃO 9 - *Características psicológicas/emocionais dos protagonistas animais*

Esta questão procura identificar quais são as características psicológicas e emocionais atribuídas aos personagens animais. Os dados podem ser verificados na tabela.

Tabela 9 - Características psicológicas/emocionais dos protagonistas animais

ALTERNATIVAS	NÚMERO DE RESPOSTAS
Sente(em) medo	13
Sente(em) dor	13
Sente(em) frio	12
Sente(em) fome	13
Sente(em) felicidade	13
Sente(em) tristeza	13
Sente(em) coragem	12
Sente(em) saudade	9
Fica(am) em luto	8
Sente(em) ansiedade	10
Sente(em) abandono	2
Fica(am) nervoso(s)/agressivo(s)/frustrado(s)	13
Sente(em) amizade por um personagem animal	13
Sentem(em) amizade por um personagem humano	8

FONTE: Autora da pesquisa.

A tabela mostra que das quatorze opções de respostas a respeito da características psicológicas/emocionais dos protagonistas animais, todas foram assinaladas. Desta maneira, obteve-se cento e cinquenta e duas respostas, sendo que: as opções "Sente(em) medo", "Sente(em) dor", "Sente(em) fome", "Sente(em) felicidade", "Sente(em) tristeza", "Fica(am) nervoso(s)/agressivo(s)/frustrado(s)" e "Sente(em) amizade por um personagem animal" foram retratadas por todas as animações. Além disso, as respostas "Sente(em) frio", "Sente(em) coragem" foram assinaladas doze vezes, enquanto a opção "Sente(em) ansiedade" foi assinalada dez, a resposta "Sente(em) saudade" foi marcada nove vezes. Por fim, a resposta "Fica(am) em luto" foi selecionada oito vezes e a opção "Sente(em) abandono" apenas duas.

Todas as opções de respostas foram contempladas nessa questão, entretanto, todas as animações assinalaram as respostas "Sente(em) medo", "Sente(em) dor", "Sente(em) fome", "Sente(em) felicidade", "Sente(em) tristeza", "Fica(am) nervoso(s)/agressivo(s)/frustrado(s)" e "Sente(em) amizade por um personagem animal". As características psicológicas/emocionais retratadas em todas as animações, são sentimentos primários presentes na vida de

todos seres vivos desde o nascimento (BODEN; CABRAL, 1983; BAITELLO, 1998), ou seja, são sentimentos básicos. Desta maneira, por serem antropomorfizados (VIZACHRI, 2014), os sentimentos descritos acima caracterizam os animais como seres sencientes (SINGER, 2010) e representam a reação dos personagens animais às práticas sofridas. Por ser sentimentos básicos, o público infantil tem mais facilidade em se identificar com os personagens e, através da empatia, se colocar no lugar dos animais compartilhando dos mesmos sentimentos que eles. Ao fazer isso, um campo de tensão (BAITELLO, 1994) será criado, onde as mensagens a respeito da senciência animal e as linhas filosóficas abolicionistas e bem-estarista dos direitos animais possam ser assimilado pelo espectador. Entretanto, a mensagem só será compreendida de acordo com o conhecimento prévio de cada indivíduo, ou seja, cada espectador compreenderá o tema em diferentes níveis de complexidade (PIAGET, 1972; KAYE, 1995; MORIN, 2002; JANNUZZI; TÁLAMO, 2004).

Logo, a antropomorfização dos personagens animais permite que a criança se identifique com os sentimentos e necessidades animais, já que até os dois anos de idade ela não consegue diferenciar os seres humanos dos animais, enxergando os animais como pessoas. Desta maneira, a antropomorfização pode ser usada como uma ferramenta para ensinar as crianças sobre valores e empatia (SERPELL, 1996), uma vez que é através das impressões experimentadas que a criança constrói a si mesma, absorve e se transforma naquilo que ama (MONTESSORI, 1971).

## 5 CONCLUSÃO

Em uma leitura histórica é possível observar que os direitos dos animais nascem em uma sociedade antropocêntrica por motivos antropocêntricos: preservar a fauna para que as futuras gerações possam também fazer uso dela. A análise dos resultados nos permite afirmar que essa filosofia está presente na agenda da Organização das Nações Unidas - ONU desde o seu primeiro evento em Estocolmo, no ano de 1972, no qual é possível verificar que a fauna e a flora são vistas como um patrimônio dos seres humanos, os quais possuem direitos, mas também deveres em relação a elas (deveres esses baseados em seu próprio benefício).

O baixo interesse pelo direito dos animais se faz presente em eventos posteriores promovidos pela ONU. Assim, eventos importantes, que geraram documentos como o Relatório Brundtland (Estocolmo, 1983), não abordaram qualquer questão sobre os direitos dos animais. Ou seja, percebe-se que a seleção sobre a abordagem em relação aos animais, acontece apenas quando há alguma situação crítica que possa ocasionar, sobretudo, malefícios a espécie humana: ameaça de extinção, perda de habitat, destruição da flora e fauna, ações ilegais como venda de produtos de origem animal etc. Outro dado que deve ser considerado é que apesar da ONU ter conhecimento sobre a Declaração Universal dos Direitos Animais, ela não mostrou interesse sobre o tema.

Foi na virada do milênio que se iniciou uma mudança do olhar para com os animais. Se antes só se falava a respeito dos animais em situações estritamente necessárias e diretamente relacionadas com o futuro dos seres humanos, agora passa-se a dialogar sobre o modo que se deve tratar os animais: com respeito e consideração. Logo, percebe-se que os discursos em relação aos direitos dos animais começam a apresentar considerações baseadas na filosofia bem-estarista. Entretanto, não houve mudanças expressivas para os animais durante estes 46 anos, desde que foi realizado o primeiro evento/documento das Nações Unidas. Ousa-se dizer que, ainda são tímidas as iniciativas para se incluir efetivamente os direitos dos animais na agenda das discussões sobre o desenvolvimento sustentável, como seres sencientes, possuidores de direitos à vida e ao não sofrimento.

Apesar da existência da linha abolicionista, percebe-se que ao se tratar dos direitos dos animais no discurso da sustentabilidade, ela não está presente na agenda das Nações Unidas. Acredita-se que o grande motivo para isso, é que o paradigma em relação ao homem e à natureza ainda está pautado no antropocentrismo. Portanto, em um contexto antropocêntrico,

o abolicionismo animal se configura apenas como uma utopia e, apesar do bem-estarismo soar como uma medida paliativa em relação aos direitos animais, por enquanto ele ainda está distante do seu objetivo, mas se constitui como o passo mais promissor no que diz a respeito ao relacionamento entre homens e animais.

As animações *Dumbo*, *Bambi*, *A Dama e o Vagabundo*, *101 Dálmatas* e *Aristogatas* foram lançadas antes do primeiro evento e documento da ONU. Esses filmes são mais curtos, e o conteúdo a respeito dos direitos animais aparece de maneira mais pontual e objetiva através de frases de efeito, no entanto, o apelo emocional é maior, porque há a presença de muitas cenas musicais e trilhas sonoras tristes, além de cenas densas e impactantes. A animação *A Fuga das Galinhas* também possui cenas mais densas e explícitas sobre biocídio e maus-trato, o que leva a questionar se esse filme deveria ser mesmo veiculado para o público-infantil. As animações desenvolvidas depois da virada do milênio como *Spirit: o Corcel Indomável*, *Procurando Nemo*, *Os Sem-Floresta*, *Ratatouille*, *Bolt - Supercão*, *Rio* e *Ferdinando, o Touro*, são filmes mais longos, que retratam diversas problematizações de enredo e abordam os direitos animais de forma mais densa, retratando muitas características das linhas filosóficas abolicionista e bem-estaristas em seus conteúdos e abordando questões sócio-culturais complexas. Todas as animações, apesar de serem destinadas ao público-infantil, também encantam aos adultos através de seus enredos.

Através das animações pode-se perceber que toda ação antropocentrista é também especista e vive-versa. Apesar dos filmes terem os animais como protagonistas, a imagem do animal sempre esteve atrelada a imagem do homem, que é representado salvando ou maltratando os personagens animais, sendo eles os protagonistas ou coadjuvantes. Isso mostra que a vida dos animais está na mãos do homem, ou seja, os homens são sempre retratados como superior aos demais seres vivos.

Em todos os filmes os personagens animais são dotados de fala, porém, nenhum deles consegue se comunicar com os seres humanos por meio dela. Isso significa, por um lado, que as animações se mantêm fidedignas à alguns aspectos da realidade. No entanto, esse fato também demonstra que, mesmo com os personagens animais sendo retratados de maneira antropomorfizada, o homem nunca será capaz de compreendê-lo totalmente e a ausência de voz na comunicação entre os homens e os animais, permite ocultar alguns problemas que ocorrem nessa relação.

Contrariamente, a senciência animal foi o maior ponto retratado pelas animações, uma vez que os personagens animais antropomorfizados, permitem que o público possa se colocar no lugar do personagem e compartilhar de seus sentimentos e pensamentos. É por isso que a antropomorfização implica em um conteúdo importante na transmissão de informações para o público infantil à respeito de valores e problemas sociais. Esse tipo de informação auxilia na construção de um indivíduo capaz de dar à voz aos animais.

Assim como ocorreu com os eventos e documentos da ONU, as animações abordam com mais frequência a linha filosófica bem-estarista, já que a linha abolicionista exige que o espectador tenha que encarar mudanças maiores e mais radicais na forma como se relaciona com os animais e, a maior parte das pessoas não está preparada para encarar as consequências dos próprios atos, já que a verdade dói, assim como a violência sofrida pelos animais retratadas nas animações também causam dor, revolta, sofrimento no espectador. Além disso, mudar a visão que se tem sobre algo há tanto tempo, não é um exercício simples.

Há uma necessidade urgente para que os direitos animais sejam discutidos desde o início da vida do indivíduo, uma vez que, quanto mais informações a criança receber, maior será o repertório que ela possui sobre o assunto. O desenvolvimento da inteligência da criança depende do lugar em que ela está inserida e da forma como ela é estimulada, pois a criança tem o poder de absorver as características do mundo a sua volta e criar a sua própria maneira de enxergar e interagir com ele. Ao possibilitar que a criança tenha acesso à informações sobre a sustentabilidade e os direitos animais, planta-se uma semente que será colhida no futuro, na figura de um cidadão consciente de seu papel no respeito aos animais em um contexto de desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Nova fronteira, 2002.
- BAITELLO JR, Norval. A sociedade da informação. São Paulo em Perspectiva, v. 8, n. 4, p. 19-21, 1994.
- BAITELLO JR, Norval. Comunicação, mídia e cultura. São Paulo em Perspectiva, v. 12, p. 4, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BARRETO, A.A. A questão da informação. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.8, n.4, p. 3-8, 1994.
- BARRETO, A.A. A condição da informação. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.16, n.3, p.67-74, 2002.
- BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**, 1979. Disponível em: <https://bioetica.catedraunesco.unb.br/wp-content/uploads/2016/04/Jeremy-Bentham.-Uma-Introdução-aos-Princ%C3%ADpios-da-Moral-e-da....pdf> Acesso em: 29 maio de 2018.
- BODEN, Margaret; CABRAL, Álvaro. **As idéias de Piaget**. 1983.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOFF, Leonardo. História da sustentabilidade. **Leonardo**, v. 26, p. 11-2007, 2014
- BRASIL. Acordos Globais. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2012/01/acordos-globais>>. Acesso em: 29 maio 2018.
- BUCKLAND, M.K. *Information as thing*. *Journal of the American Society for Information Science*, Maryland, v.42, n.5, p.351-360, 1991.
- CAPRA, Fritjof; EICHEMBERG, Newton Roberval. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CASSINI, Sérgio Túlio. **Ecologia: conceitos fundamentais**. 2005.
- DALY, Herman E. **Crescimento sustentável? Não, obrigado**. *Ambiente & Sociedade*, v. 7, n. 2, p. 197-202, 2004.

DALY, Herman; FARLEY, Joshua. **Economia Ecológica: princípios e aplicações**. Lisboa: Instituto Piaget, 2017.

DE SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Publicações Dom Quixote, 2002.

DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology*, White Plains, NY, v.21, p. 3-33, 1986.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FELIPE, Sônia T. **Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas**. Florianópolis: UFSC, 2007.

FELIPE, Sônia T. Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo: perspectivas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. **Páginas de Filosofia**, v. 1, n. 1, p. 2-30, 2009.

FELIPE, Sônia T. Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt. **Revista brasileira de direito animal**, v. 1, n. 1, 2014.

FERNÁNDEZ-MOLINA, J.C. Enfoques objetivo y subjetivo del concepto de información. *Revista Española de Documentación Científica*, Madrid, v.17, n.3, p. 320-330, 1994.

FRANCIONE, GL. **Animal rights: the abolitionist approach**. Philadelphia: Temple University Press, 2015.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**. *Inclusão social*, v. 3, n. 1, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6aed. São Paulo: Atlas, 1999.

GORDILHO, Heron José de Santana. **Abolicionismo animal**. Salvador: Evolução, 2008.

HENRIQUE, Wendel. A natureza sempre foi bela, mas nunca tão sofisticada. A cidade e a valorização da natureza: os empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 31, p. 114-125, 2006.

JACOB, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, março/2003.

JANNUZZI, C. A. S. C.; TÁLAMO, M. F. G. M. A empresa e os sistemas humanos de informação: uma abordagem conceitual para a gestão da informação. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 2, p. 13-23, 2004.

KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: Um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU, 1980.

KAYE, D. The nature of information. *Library Review*, West Yorkshire, UK, v.44, n.8, p. 37-48, 1995.

LA FONDATION Droit Animal, Éthique & Sciences. La Déclaration universelle des droits de l'animal. 1977. Disponível em: <<http://www.fondation-droit-animal.org/la-fondation/declaration-universelle-droits-de-lanimal/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

LOURENÇO, Daniel Braga. **Direito dos animais: fundamentação e novas perspectivas**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2008.

LOURENÇO, Daniel Braga; DE OLIVEIRA, Fábio Correia Souza. Sustentabilidade, economia verde, direito dos animais e ecologia profunda: algumas considerações. *Revista Brasileira de Direito Animal*, v. 7, n. 10, 2012.

MARTIN, Antonia. Animal rights. 1977. Disponível em: <<http://archive.spectator.co.uk/article/17th-september-1977/9/animal-rights>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MONTESORI, Maria; DA SILVEIRA, Pedro. **A mente da criança: mente absorvente**. 1971.

MORIN, Edgar; VASCONCELOS, António Pedro. **O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia**. 1970.

MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. In: **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 2002.

MICHAELIS, Dicionário; MICHAELIS. Dicionário de português online. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/antropomorfizar/>. Acesso em: 1 jan. 2019.

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: Evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, nº 16, 2004.

NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). A história da Organização. 2017a. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/historia/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). A ONU e o desenvolvimento. 2017b. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/desenvolvimento/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). A ONU e o meio ambiente. 2017c. Disponível em: <[https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente](https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/)>. Acesso em: 29 maio 2018.

NAÇÕES UNIDAS (BRASIL). Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2017d. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/pnud/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

NASCIMENTO, Elimar. Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 2009

PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. **Studying teaching**, 1972.

PIAGET, JEAN. **A epistemologia genética**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIOVESAN, Angélica; BARBOSA, Livia; COSTA, S. Cinema e educação. Aracaju: **Colóquio EAD de Comunicação**, 2010.

POMBO, Olga. Práticas interdisciplinares. **Sociologias**, v. 8, n. 15, 2006.

PRIMATT, H. **A dissertation on the duty of mercy and sin of cruelty to brute animals**. New York: T. Cadell, 1776. Disponível em: [https://browse.nypl.org/iii/encore/record/C\\_\\_Rb13411358\\_\\_Shumphrey%20primatt\\_\\_Orightresult\\_\\_U\\_\\_X4?lang=eng&suite=def](https://browse.nypl.org/iii/encore/record/C__Rb13411358__Shumphrey%20primatt__Orightresult__U__X4?lang=eng&suite=def)  
Acesso em: 29 maio de 2018.

REGAN, Tom. **Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos dos animais**. Porto Alegre, RS: Lugano, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social. Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 2017.

RODRIGUES, A.D. Comunicação e cultura. A experiência cultural na era da informação. 2.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ROLLA, Fagner Guilherme. Ética ambiental: principais perspectivas teóricas e a relação homem-natureza. **Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, 2016. Disponível em: <[http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direi-to/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2010\\_1/fagner\\_rola.pdf](http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direi-to/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2010_1/fagner_rola.pdf)>. Acesso em 04 set. 2018.

RUSCHEINSKY, Aloisio. **No conflito das interpretações: o enredo da sustentabilidade**. Sustentabilidade: uma paixão em movimento. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RYDER, Richard D. **Speciesism, painism and happiness: A morality for the twenty-first century**. Bedfordshire: Andrews UK Limited, 2017.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garmond, 2009.

SALT, Henry S. The rights of animals. **The International Journal of Ethics**, v. 10, n. 2, p. 206-222, 1900. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/inte-jethi.10.2.2376037> Acesso em: 29 maio de 2018.

SERPELL, J.. In the company of animals. A study of human-animal relationships. New York: Canto edition published by Cambridge university press, 1996.

SHANNON, C.E.; WEAVER, W. The mathematical theory of communication. 9th printing. Urbana: The University of Illinois Press, 1962.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

UNITED NATIONS. Sustainable Development Knowledge Platform. 2017. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/conferences>>. Acesso em: 29 maio 2018.

VEIGA, José Eli da. **Indicadores de sustentabilidade**. Estudos avançados, v. 24, n. 68, p. 39-52, 2010.

VIZACHRI, Tania Regina. **Animais humanos ou humanos animais?: um estudo sobre a representação dos animais antropomorfizados nos filmes de animação**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

**ANEXO**

## FORMULÁRIO DE ANÁLISE DOS FILMES

**CONCEPÇÃO DE DIREITOS ANIMAIS**

FILME: \_\_\_\_\_

DATA DE LANÇAMENTO: \_\_\_\_\_

**PROBLEMATIZAÇÃO****1. Problematização do enredo**

- Caça
- Pesca
- Tráfico
- Extinção
- Comercialização
- Testes/ Vivissecção
- Abandono/ Eutanásia como controle de natalidade
- Discriminação/ Preconceito
- Exploração: uso animal como entretenimento, trabalho etc.
- Maus-tratos físicos/ psicológicos contra os animais
- Violência/ Crueldade
- Biocídio
- Genocídio
- Privação da liberdade/ Cativo (circo, zoológico, aquário etc.)
- Poluição/ destruição do meio ambiente
- Zoofilia

**2. Em relação as cenas que evidenciem a problematização do enredo descrita acima, de que maneira elas foram expostas?**

- Frase (Fala do narrador ou do personagem)
- Música
- Imagens

**AMBIENTE****3. Em que espaço acontece o filme?**

- Habitats* natural aquático e terrestre
- Habitat* artificial - Cativo - Circo

- ( ) *Habitat* artificial - Cativeiro - Zoológico
- ( ) *Habitat* artificial - Cativeiro - Aquário
- ( ) *Habitat* artificial - Cativeiro - Outro
- ( ) *Habitat* artificial - Cidade e Zona Rural

## PERSONAGENS

### 4. Quem são os protagonistas?

- ( ) Animais
- ( ) Animais e humanos

### 5. A qual fauna os personagens animais pertencem?

- ( ) Animal silvestre nativo
- ( ) Animal silvestre exótico
- ( ) Animal exótico invasor
- ( ) Animal doméstico\*
- ( ) Animal sinantrópico\*\*

\*Animal doméstico (o homem cria e cuida com as finalidades (a) de companhia - cães, gatos, pássaros, entre outros; (b) de produção de alimentos ou transporte - galinha, boi, cavalo, porcos, entre outros)

\*\*Animal sinantrópico (se adaptaram a viver junto ao homem, a despeito da vontade deste)

## CONDIÇÕES DOS PERSONAGENS ANIMAIS

### 6. Percepção sobre os direitos dos animais

- ( ) Apresenta os animais como “coisa”
- ( ) Atribui valor monetário aos animais
- ( ) Apresenta os animais como seres de direito
- ( ) Apresenta conteúdo especista (acredita que as demais espécies são inferiores aos homens)
- ( ) Mostra que os animais são sencientes (tem sensações e sentimentos de forma consciente)
- ( ) Mostra que os animais possuem direito em não sofrer
- ( ) Apresenta o domínio total dos seres humanos aos animais
- ( ) Revela que os animais têm direito à natureza
- ( ) Mostra os animais livres, sem serem submetidos aos homens
- ( ) Aborda a questão da ética no relacionamento entre os homens e os animais
- ( ) Apresenta conteúdo bem-estarista
- ( ) Apresenta conteúdo abolicionista
- ( ) Aborda a questão dos direitos e leis aos animais
- ( ) Apresenta lição de moral a favor dos animais

<b>SENTIMENTOS PRESENTES NO FILME</b>
---------------------------------------

**7. Sentimentos que prevalecem entre os personagens humanos e os animais**

- Os personagens humanos amam os animais
- Os personagens humanos são indiferentes aos animais
- Os personagens humanos não gostam dos animais
- Os personagens humanos têm medo dos animais
- Os personagens humanos maltratam os animais
- Os personagens humanos querem usar os animais para seu próprio benefício (econômico)
- Os personagens humanos possuem preconceito contra os animais
- Os personagens humanos defendem/ajudam/lutam pelos animais e seus direitos
- Os personagens humanos mudam de opinião sobre os animais

**8. Sentimentos que prevalecem entre os personagens animais e os humanos**

- Os personagens animais amam os humanos
- Os personagens animais são indiferentes aos humanos
- Os personagens animais não gostam dos humanos
- Os personagens animais têm medo dos humanos
- Os personagens animais maltratam os humanos
- Os personagens animais querem usar os humanos para seu próprio benefício (econômico)
- Os personagens animais possuem preconceito contra os humanos
- Os personagens animais defendem/ajudam/lutam pelos humanos e seus direitos
- Os personagens animais mudam de opinião sobre os humanos

**9. Características psicológicas/ emocionais do (s) protagonista (s) animal (ais)**

- Sente(em) medo
- Sente(em) dor
- Sente(em) frio
- Sente(em) fome
- Sente(em) felicidade
- Sente(em) tristeza
- Sente(em) coragem
- Sente(em) saudade
- Fica(am) em luto
- Sente(em) ansiedade
- Sente(em) abandono
- Fica(am) nervoso(s)/agressivo(s)/frustrado(s)
- Sente(em) amizade por um personagem animal
- Sente(em) amizade por um personagem humano